

13^a

MOSTRA
ECOFA
LANTE

DE CINEMA



2024



13th Ecofalante
Environmental
Film Festival



13^a
MOSTRA
ECOFA
LANTE
DE CINEMA
 2024

13th Ecofalante
Environmental
Film Festival



Boas vindas!

A **Mostra Ecofalante de Cinema** chega à sua 13ª edição, ocupando um lugar especial no calendário cultural de São Paulo. Em 2024, o festival acontece de 1 a 14 de agosto e apresenta uma seleção de 122 filmes de 24 países, exibidos em 23 salas de cinema da cidade, incluindo o Reserva Cultural, o Cine Bijou, o Centro Cultural São Paulo e o Circuito SPCine, além de uma extensa programação em mais de 30 espaços culturais e educacionais.

Nossa programação abraça temas cruciais para a sociedade brasileira, incluindo a preservação da Amazônia, os direitos dos povos originários, a desigualdade social e o racismo estrutural. Este ano, introduzimos a *Mostra Competitiva Territórios e Memória*, dedicada exclusivamente a produções brasileiras que abordam questões socioambientais e refletem sobre temas locais e territoriais, ampliando a diversidade de perspectivas e enfoques. Além disso, continuam em destaque a *Competição Latino-Americana*, que reúne filmes de sete países da América Latina, abordando temas como racismo, migração e preservação florestal, e o tradicional *Concurso Curta Ecofalante*, exibindo curtas-metragens de estudantes de universidades e cursos livres de cinema de nove estados brasileiros.

Com uma seleção de 27 filmes de 11 países distintos, o *Panorama Internacional Contemporâneo* apresenta uma variedade de perspectivas cinematográficas de destaque mundial. Entre as produções incluídas está *TikTok, Boom.* (2021), lançado no Festival de Sundance, que retrata histórias pessoais a partir do aplicativo mais baixado do mundo. Também destacamos *Solo Comum* (2023), premiado no Festival de Tribeca e que aborda a agricultura regenerativa, uma das alternativas para enfrentar a emergência climática através da regeneração dos ecossistemas, tema crucial de nossa época. Outras obras notáveis incluem o sueco *A Sociedade do Espetáculo* (2023), uma adaptação do ensaio de Guy Debord, e o vencedor de Sundance *Não Te Vi Ali* (2022), que trata de maneira contundente as dificuldades enfrentadas por pessoas com deficiência. Além disso, a Mostra traz as obras mais recentes de renomados diretores, como Luc Jacquet e Werner Herzog.

Na seção *Panorama Histórico - Três Mulheres, Três Olhares sobre a América Latina*, demos destaque a três cineastas mulheres que marcaram a cinematografia da América Latina: Sara Gómez, Marta Rodríguez e Margot Benacerraf. Seus filmes icônicos, como *De Certa Maneira* (1977) e *Araya* (1959), continuam a inspirar discussões sobre raça, classe e justiça social. Apresentaremos ainda a versão restaurada de *Amor, Mulheres e Flores* (1989), que aborda o impacto da agricultura de exportação sobre os trabalhadores, os mais afetados pelo contínuo e agressivo uso dos agrotóxicos.

Em *ISA 30 Anos: Por um Brasil Socioambiental*, o Instituto Socioambiental é celebrado com a apresentação de nove filmes, incluindo a estreia mundial de *Mapear Mundos* (2024), seguida de uma roda de conversa com convidados especiais. Esta retrospectiva destaca o papel crucial das organizações da sociedade civil na defesa dos direitos dos povos indígenas e do meio ambiente no Brasil.

Além das exibições, a Mostra oferece um ambiente enriquecedor, com seis debates presenciais e bate-papos com especialistas da área cinematográfica. Também estão previstas estreias mundiais de filmes brasileiros, que contarão com a presença da equipe e de protagonistas dos filmes.

Destacamos ainda o primeiro *Encontro sobre Sustentabilidade na Indústria do Audiovisual*, realizado em parceria com a Cinema Verde, com o objetivo de promover práticas sustentáveis na produção cinematográfica brasileira. O evento reunirá profissionais de diversos setores em duas mesas de discussão, onde serão compartilhadas experiências bem-sucedidas e os desafios enfrentados na implementação desse tipo de iniciativa.

O *Especial Emergência Climática* traz uma discussão urgente e necessária sobre os desafios ambientais contemporâneos. Incluindo filmes como *Uma Vez Que Você Sabe* (2019), *Arrasando Liberty Square* (2023) e *Filhos do Katrina* (2022), o especial explicita alguns dos desafios da crise climática global, chamando atenção para suas consequências imediatas e futuras. O evento não se limita à exibição cinematográfica, haverá também um debate a fim de informar e mobilizar o público para um tema tão necessário em nossa pauta.

A programação deste ano inclui ainda *Sessões Especiais*, uma *Sessão Infantil* e as sessões do *Programa Ecofalante Universidades*, extensão educacional da *Mostra Ecofalante de Cinema*. Cada uma dessas iniciativas não apenas enriquece o festival, mas também amplia o alcance do cinema e das discussões socioambientais.

Por fim, estamos entusiasmados em anunciar itinerâncias da *Mostra Ecofalante* em várias cidades em 2024, incluindo Brasília, Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre e municípios do interior de São Paulo. Este passo reflete nosso compromisso em democratizar o acesso ao cinema e alcançar um público diversificado em todo o país.

Desejamos que tenham uma excelente Mostra!

Welcome!

The Ecofalante Film Festival reaches its 13th edition, earning a special place in São Paulo's cultural calendar. In 2024, the Festival will take place from August 1 to 14, featuring a selection of 122 films from 24 countries. Screenings will be held in 23 cinemas across the city, including the Reserva Cultural, the Cine Bijou, the Centro Cultural São Paulo, and Circuito SPCine, along with an extensive program in over 30 cultural and educational spaces.

Our program addresses crucial themes for Brazilian society, including the preservation of the Amazon, the rights of Indigenous peoples, social inequality, and structural racism. This year, we introduced the *Territories and Memory Competition*, dedicated exclusively to Brazilian productions that tackle socio-environmental issues and reflect on local and territorial themes, broadening the diversity of perspectives and approaches. Additionally, the *Latin American Competition* will showcase films from seven Latin American countries, focusing on themes such as racism, migration, and forest preservation. The traditional *Ecofa-*

lante Short Film Contest will feature short films by students from universities and film courses across nine Brazilian states.

With a selection of 27 films from 11 different countries, the *International Contemporary Program* presents a variety of prominent cinematographic perspectives. Among them is *TikTok, Boom.* (2021), which premiered at the Sundance Film Festival and depicts personal stories through the world's most downloaded app. We also highlight *Common Ground* (2023), an award-winning film from the Tribeca Film Festival that examines regenerative agriculture as a vital solution to the climate emergency and ecosystem regeneration, an essential theme of our time. Other notable works include *The Society of the Spectacle* (2023), a Swedish adaptation of Guy Debord's essay, and *I Didn't See You There* (2022), a Sundance winner that addresses the challenges faced by people with disabilities. The Festival also features recent works by renowned directors such as Luc Jacquet and Werner Herzog.

In the *Historical Panorama - Three Women, Three Perspectives on Latin America* section we also highlight three women filmmakers who have made significant contributions to Latin American cinema: Sara Gómez, Marta Rodríguez, and Margot Benacerraf. Their iconic films, such as *One Way or Another* (1977) and *Araya* (1959), continue to inspire discussions about race, class, and social justice. Additionally, we will present a restored version of *Love, Women and Flowers* (1989), which

addresses the impact of export agriculture on workers, who are most affected by the ongoing and aggressive use of agrochemicals.

In *ISA 30 Years: Towards a Socio-Environmental Brazil*, the Socio-Environmental Institute is celebrated with the presentation of nine films, including the world premiere of *Mapping Worlds* (2024), followed by a roundtable discussion with special guests. This retrospective highlights the crucial role of civil society organizations in defending the rights of indigenous peoples and the environment in Brazil.

In addition to the screenings, the Festival offers an enriching environment with six live panels and discussions featuring film experts. World premieres of Brazilian films are also planned, with the attendance of the film crews and protagonists.

We would also like to highlight the first *Meeting on Sustainability in the Audiovisual Industry*, held in partnership with Cinema Verde, aimed at promoting sustainable practices in Brazilian film production. The event will bring together professionals from various sectors for two panel discussions, where successful experiences and challenges in implementing such initiatives will be shared.

The *Climate Emergency Special* facilitates an urgent discussion about contemporary environmental challenges. Featuring films such as *Once You Know* (2019), *Razing Liberty Square* (2023), and *Katrina Babies* (2022), the special highlights some of the pressing issues of the global climate crisis, drawing at-

tention to its immediate and future consequences. The event will not only include film screenings but also feature a debate aimed at informing and mobilizing participants on this critical issue.

This year's program also includes *Special Sessions*, a *Kids Session*, and the *Ecofalante University Circuit*, an educational extension of the Ecofalante Film Festival. Each of these initiatives not only enriches the Festival but also broadens the reach of cinema and socio-environmental discussions.

Finally, we are thrilled to announce that the Ecofalante Film Festival will be traveling to several cities in 2024, including Brasília, Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, and municipalities in the countryside of São Paulo. This step reflects our commitment to democratizing access to cinema and reaching a diverse audience across the country.

We wish you an excellent Festival!

2024

15

Panorama Histórico

*Três Mulheres, Três Olhares
sobre a América Latina*

Historical Panorama

Three Women, Three Perspectives on Latin America

25

Especial Emergência Climática

Climate Emergency Special

33

ISA 30 Anos

Por um Brasil Socioambiental

ISA 30 Years

Towards a Socio-Environmental Brazil

51

Panorama Internacional Contemporâneo

International Contemporary Program

52

O Fim do Contrato Social

60

The Breaking of the Social Pact

RENATA DUTRA

70

Sociedade e Tecnologia

80

Society and Technology

GABRIEL FERREIRA ZACARIAS

92

Accountability e Justiça Ambiental

100

Accountability and Environmental Justice

MARIJANE LISBOA

110

A Pegada Capitalista

118

The Capitalist Footprint

DIOSMAR FILHO

130

O Direito de Existir

136

The Right to Exist

ADRIANA BILLER APARICIO &
DANIELA SKROMOV DE ALBUQUERQUE

143

Competição Latino-Americana

Latin American Competition

148

Competição Longas

Feature Competition

156

Competição Curtas

Short Film Competition

167

Mostra Competitiva Territórios & Memória

Territories and Memory Competition

172

Competição Longas

Feature Competition

186

Competição Curtas

Short Film Competition

201

Concurso Curta Ecofalante

Ecofalante Short Film Contest

231

Sessões Especiais Internacionais

International Special Sessions

235

Sessões Especiais Nacionais

National Special Sessions

239

Atividade Paralela

Parallel Activity

243

Infantil

Kids

245

Sessão Especial Programa Ecofalante Universidades

Ecofalante University Circuit Special

Índice de filmes

- 123** 2G
187 A Bata do Milho
188 A Chuva do Caju
250 A Floresta Que Você Não Vê – Narrativas do Médio Xingu
124 A Frota Chinesa
149 A Gruta Contínua
173 À Margem do Ouro
157 A Menos Que Bailemos
87 A Sociedade do Espetáculo
150 A Transformação de Canuto
104 Água É Vida!
189 Água Rasa
206 Além do Impedimento
236 Amazônia, Arqueologia da Floresta: T2 EP1 – Terra Preta
22 Amor, Mulheres e Flores
174 Anhangabaú
125 Antártica: Continente Magnético
42 Antes da Chuva
23 Araya
207 Arquipélago do Bailique: Fragmento das Ilhas Que Dançam
232 Arquivo do Futuro
30 Arrasando Liberty Square
208 As Placas São Invisíveis
190 Ava Yvy Pyte Ygua (Povo do Coração da Terra)
151 Bila Burba
175 Black Rio! Black Power!
65 Breaking Social: O Fim do Contrato Social
158 Cama Vazia
209 Camburi Resiste
152 Céu Aberto
210 Chão de Taco
211 Cida Tem Duas Sílabas
159 Concórdia
126 Contra a Maré
24 De Certa Maneira
212 Deriva
213 Desconserto
214 Desmistificando o Axé
191 Despovoado
139 Entre as Chuvas
176 Eskawata Kayawai (O Espírito da Transformação)
66 Estado Limite
251 Exilados – Extrativistas São Expulsos à Bala em Rondônia
177 Favela do Papa
31 Filhos do Katrina
237 Floresta – Um Jardim Que a Gente Cultiva
105 Food, Inc. 2
160 Hikuri
153 Histórias de Shipibos
88 Humano Não-Humano
192 Interior da Terra
252 Invasores
89 Knit's Island
193 Kwat e Jaí – Os Bebês Heróis do Xingu
215 Mama – Africanos em São Paulo
216 Manchas de Sol
43 Mapear Mundos
217 Máquinas de Lazer
218 Mar.INA
161 Margens Luminosas
194 Mborairapé
178 Memórias da Chuva
67 Mil Pinheiros
238 Não Existe Almoço Grátis
140 Não Te Vi Ali
219 Nheengatu
195 Nosso Terreiro
196 Nunca Pensei Que Seria Assim
179 O Bixiga É Nosso!
44 O Brasil Grande e os Índios Gigantes
106 O Cheiro do Dinheiro
180 O Contato
233 O Fogo Interior: Um Réquiem para Katia e Maurice Krafft
141 O Jogo Mental
162 O Materialismo Histórico da Flecha contra o Relógio
142 O Povo da Baleia
197 O Silêncio Elementar
107 O Sistema Total, Anatomia de uma Multinacional da Energia
198 Onde a Floresta Acaba
127 Os Caçadores de Barragens
68 Os Motivados
181 Ouvidor
45 Panará, A Volta por Cima dos Índios Gigantes
220 Pelos
108 Plastic Fantastic
221 Por Trás dos Prédios
222 Pour Elis
223 Quanto Vale?
90 Quebrando o Jogo
154 Ramona
182 Rejeito
128 República dos Gafanhotos
224 Retorno
199 Retratos de Piratininga
46 Rio Pardo, O Retorno dos Beiradeiros ao Seu Território
155 Rio Vermelho
47 Rionegrinas
234 Rowdy Girl: Santuário Animal
183 Samuel e a Luz
184 Sekhdese
225 Sementes da Resistência, O 25 de Maio e a Luta pela Reforma Agrária
200 Sertão, América
129 Silvícola
48 Sistema Agrícola Quilombola
226 Sobre Viver: Trajetórias Indígenas na Urbanidade
253 SobreVivências: EP01 – Clima de Risco
185 Sociedade de Ferro – A Estrutura das Coisas
109 Solo Comum
227 Tereza
228 Terra Sincera
49 Terra Yanomami Celebra 30 Anos da Homologação
91 TikTok, Boom.
229 TRANSpassado – Corpos Que Retratam
163 Um Campo Que Já Não Cheira a Flores
32 Uma Vez Que Você Sabe
69 Union
164 Vão das Almas
230 Visões da Maré
165 Você Vai Me Esquecer?
50 Volta Grande
244 Yakari, Uma Jornada Fantástica
166 Yarokamena

film index

- 127** #DamBusters: The Start of the Riverlution
123 2G
163 A Field That No Longer Smells of Flowers
67 A Thousand Pines
226 About Living: Indigenous Paths in the City
212 Adrift
126 Against the Tide
189 Água Rasa
236 Amazonia, Archaeology of the Forest: T2 EP1 – Black Earth
174 Anhangabaú
125 Antarctica Calling
23 Araya
232 Archive of the Future
200 Backlands, America
207 Bailique Archipelago: Fragments of the Dancing Islands
42 Before the Rain
221 Behind the Buildings
139 Between the Rains
206 Beyond the Offside
151 Bila Burba
175 Black Rio! Black Power!
90 Break the Game
65 Breaking Social
209 Camburi Resists
150 Canuto's Transformation
188 Cashew Rain
49 Celebrating the 30th Anniversary of the Yanomami Indigenous Land
109 Common Ground
159 Concordia
222 Corn Beat
187 Demystifying Asè
191 Desolate Land
213 Disrepair
158 Empty Bed
217 Entertainment Machines
176 Eskawata Kayawai: The Spirit of Transformation
251 Exiled – Extractivists Are Expelled by Bullets in Rondônia
105 Food, Inc. 2
237 Forest – A Garden We Cultivate
128 Grasshopper Republic
44 Great Brazil and the Giant Indigenous People
50 Great Return
220 Hair
160 Hikuri
223 How Worthy?
88 Human Not Human
140 I Didn't See You There
196 I Never Thought It Would Be Like This
192 Interior of the Ground
252 Invasive
185 Iron Society – The Structure of Things
31 Katrina Babies
89 Knit's Island
193 Kwat and Jaí – The Baby Heroes of Xingú
22 Love, Women and Flowers
161 Luminous Shores
215 Mama – Africans in São Paulo
43 Mapping Worlds
218 Mar.INA
194 Mborairapé
178 Memories of Rain
219 Nheengatu
195 Nosso Terreiro
66 On the Edge
173 On the Edge of Gold
32 Once You Know
24 One Way or Another
142 One with the Whale
149 Ongoing Cave
152 Open-Pit
181 Ouvidor
45 Panará, The Return of the Giant Indigenous People
190 People from the Heart of the Earth
108 Plastic Fantastic
199 Portraits of Piratininga
222 Pour Elis
48 Quilombola Agricultural Heritage System
154 Ramona
30 Razing Liberty Square
155 Red River
182 Rejeito
224 Return
46 Rio Pardo, Riverines Return to Their Territory
47 Rionegrinas
234 Rowdy Girl
183 Samuel and the Light
225 Seeds of Resistance, May 25th and the Struggle for Land Reform
184 Sekhdese
153 Shipibos Stories
129 Silvicola
228 Sincere Ground
124 Squid Fleet
216 Sunspots
253 Sur_Vival: EP01 – Risky Climate
227 Tereza
180 The Clash
68 The Driven Ones
233 The Fire Within: A Requiem for Katia and Maurice Krafft
162 The Historical Materialism of the Arrow against the Clock
250 The Invisible Forest – Stories from the Amazon
141 The Mind Game
179 The Neighborhood Is Ours!
177 The Pope's Slum
208 The Signs Are Invisible
197 The Silence of Iron
106 The Smell of Money
87 The Society of the Spectacle
107 The Total Way: How a Multinational Energy Corporation Write Its Own Rules
238 There's No Free Lunch
91 TikTok, Boom.
229 TRANSpassado – Expressive Bodies
211 Two-Syllable Name
69 Union
157 Unless We Dance
164 Valley of Souls
230 Visions from Maré
104 Water for Life
198 Where the Forest Ends
165 Will You Forget Me?
210 Wooden Floors
244 Yakari, A Spectacular Journey
166 Yarokamena

Araya
Araya



Panorama Histórico: Três Mulheres, Três Olhares sobre a América Latina

**Historical Panorama: Three Women,
Three Perspectives on Latin America**



Três Mulheres, Três Olhares sobre a América Latina

LICIANE MAMEDE

A *Seção Histórica* da Mostra Ecofalante deste ano propõe um olhar sobre o cinema latino-americano, colocando em relação o trabalho de três mulheres: a colombiana Marta Rodriguez, a venezuelana Margot Benacerraf e a cubana Sara Gómez. Duas delas são frequentemente lembradas quando o assunto são as realizadoras do continente, seja por terem dirigido filmes emblemáticos, seja pela importância do conjunto de sua obra. Todas as três foram inovadoras ao se relacionar com seu contexto e sua(s) época(s), dialogando, em seus filmes, com as dinâmicas socio-históricas da realidade de seus países e com as propostas estéticas de seu tempo.

Dentre as três cineastas aqui mostradas, a venezuelana Margot Benacerraf, recentemente falecida, talvez seja a menos conhecida entre nós. Isso porque seu único longa, *Araya*, dirigido em 1959, ainda não ocupa o lugar que deveria na cinematografia latino-americana e mundial. Além disso, a cineasta, a partir dos anos 1960, construiu uma carreira em torno do cinema, mas não predominantemente a partir do lugar de prestígio da direção de filmes. Benacerraf dedicou sua vida sobretudo à formação, à difusão e à conservação cinematográficas, tendo sido uma das fundadoras da Fundación Cinemateca Nacional da Venezuela, entre outras. Embora tenha tentado, nunca mais conseguiu dirigir um filme depois de *Araya*.

Assim como Benacerraf, Sara Gómez também realizou apenas um longa-metragem, a obra-prima *De Certa Maneira* (*De Cierta Manera*, 1977), que também faz parte deste programa. Diferentemente de Benacerraf, para quem o marcador de gênero foi decisivo para não conseguir realizar um outro filme¹, no caso de Gómez sua morte precoce teve ainda um papel crucial nesse sentido. Apesar disso, a diretora cubana constituiu uma obra com mais de uma dezena de documentários em curta-metragem realizados para o Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC), nos anos 1960.

Os filmes de Gómez tinham como motivação sobretudo o contexto pós-revolucionário cubano, explorando, por meio de seus personagens e dos fatos mostrados, a complexidade das relações sociais da ilha em processo de transição. *De Certa Maneira*, finalizado por Tomás Gutiérrez Alea alguns anos depois da morte de Gómez, é a cristalização de seu cinema. O filme combina elementos de documentário e ficção para, de maneira sutil, porém contundente, fazer emergirem as tensões sociais latentes, incluindo questões de gênero, raça e classe, que apontam para os desafios ainda agudos a serem enfrentados pelo novo regime.

Apesar de estarmos no território do realismo social e do modernismo no cinema, os contextos estéticos de ambos os filmes diferem. Em *Araya*, filme que mostra a dura realidade nas salinas venezuelanas através de imagens imponentes e implacáveis, a influência neorrealista é evidente, e explorada de forma pioneira dentro do contexto do cinema latino-americano. Já em *De Certa Maneira*, esse modernismo aparece numa outra etapa, plenamente digerido e em busca de novas formas. O filme incorpora técnicas de montagem e narrativa não con-



De Certa Maneira
One Way or Another /
De Cierta Manera



Amor, Mulheres e Flores
Love, Women and Flowers /
Amor, Mujeres y Flores

vencionais para explorar as complexidades da vida urbana em Cuba.

Dentre as três cineastas aqui apresentadas, Marta Rodriguez é aquela que possui a obra mais extensa, tendo dirigido mais de uma dezena de documentários ao longo de cinco décadas – alguns deles em parceria com Jorge Silva. Recentemente, a Ecofalante exibiu um de seus filmes de maior destaque, *Nossa Voz de Terra, Memória e Futuro* (*Nuestra Voz de Tierra, Memoria y Futuro*, 1982). Neste ano, aproveitamos o ensejo da recente restauração em 4K do filme *Amor, Mulheres e Flores* (*Amor, Mujeres y Flores*, 1989) para voltar a chamar a atenção para o cinema da documentarista colombiana, sempre tão pungente nos retratos que apresenta dos personagens e da realidade de seu país. Desta vez, neste filme denúncia, ela mostra a vida insalubre de agricultoras, principalmente, que se dedicam à indústria das flores na região da Savana de Bogotá, vítimas, muitas vezes fatais, dos muitos agrotóxicos utilizados para mover a roda do comércio internacional. Esse, aliás, parece ser o resumo da história dos últimos séculos de um continente que se construiu a partir da premissa de que seus recursos naturais e a saúde de sua gente são commodities exportáveis. Vidas insalubres, vidas nuas, que também são denunciadas em *Araya*.

São filmes, portanto, que tratam de diferentes realidades, mas que se conectam a partir do fio comum da história de exploração

do continente. São histórias de exploração, mas também histórias de resistência, em parte explícitas no choque entre tradição e modernidade, temática presente nas três obras. É preciso destacar ainda que a resistência se encontra também na própria materialidade dos filmes; que eles existam e que possam, ainda hoje, ecoar e reverberar a diversidade de olhares e perspectivas do continente, mesmo que a partir de certos limites, possui um significado simbólico muito grande.

1 Essa é a tese de Marina Tedesco em: CAVALCANTI TEDESCO, Marina. Margot Benacerraf: (não) pioneira do Nuevo Cine Latinoamericano. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, [s. l.], v. 21, n. 39, 2022. DOI: 10.55738/alaic.v21i39.784. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/784>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Three Women, Three Perspectives on Latin America

LICIANE MAMEDE

The *Historical Panorama* of this year's Ecofalante Film Festival explores Latin American cinema, showcasing the work of three women: Colombian Marta Rodríguez, Venezuelan Margot Benacerraf, and Cuban Sara Gómez. Two of them are frequently mentioned among the continent's notable female directors, either for their emblematic films or for the overall significance of their work. All three filmmakers innovatively engaged with their contexts and eras, entering into dialogue with the socio-historical dynamics of their countries and the aesthetic movements of their time.

Of the three filmmakers featured here, the recently deceased Venezuelan Margot Benacerraf is perhaps the least known. Her only feature film, *Araya* (1959), has yet to receive the recognition it deserves in Latin American and global cinema. Since the 1960s, Benacerraf built a career in film, though not primarily as a director. She dedicated her life to film education, dissemination, and preservation, playing a key role in founding the Fundación Cinemateca Nacional de Venezuela, among other initiatives. Despite her efforts, she was never able to direct another film after *Araya*.

Like Benacerraf, Sara Gómez also made only one feature film, the masterpiece *One Way or Another*

(1977), which is included in this program. Unlike Benacerraf, for whom gender played a decisive role in her inability to make another film¹, Gómez's early death was a crucial factor in this regard. Nevertheless, the Cuban director created an impressive body of work, producing more than a dozen short documentaries for the Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC) in the 1960s.

Gómez's films were primarily motivated by the Cuban post-revolutionary context, exploring the complexities of social relations on the island during a time of transition. *One Way or Another*, completed by Tomás Gutiérrez Alea a few years after Gómez's death, crystallizes her cinematic vision. The film skillfully combines elements of documentary and fiction to subtly yet poignantly highlight latent social tensions, including issues of gender, race, and class, which point to the ongoing challenges faced by the new regime.

While both films belong to the realms of social realism and modernism, their aesthetic contexts differ significantly. *Araya* presents the harsh realities of Venezuelan salt flats through striking and relentless imagery, showcasing a pioneering neorealist influence within Latin American cinema. In contrast, *One Way or Another* reflects a more advanced modernism, fully engaged in exploring new forms.

Of the three filmmakers presented here, Marta Rodríguez has the most extensive body of work, having directed more than a dozen documentaries over five decades, some in partnership with Jorge Silva. Eco-

falante recently screened one of her most outstanding films, *Nuestra Voz de Tierra, Memoria y Futuro* (*Our Voice of the Earth, Memory and the Future*, 1982). This year, we took advantage of the recent 4K restoration of *Love, Women and Flowers* (1989) to once again highlight the work of this poignant Colombian documentary filmmaker, known for her sensitive portrayals of her country's characters and realities.

In *Love, Women and Flowers*, she presents the harsh lives of primarily female farmers working in Bogotá's Savannah flower industry, often becoming victims of the many pesticides used to fuel international trade. This narrative reflects the broader historical context of a continent built on the premise that its natural resources and the health of its people are exportable commodities. The film, alongside *Araya*, underscores the themes of unhealthy and vulnerable lives.

While these films address different realities, they are interconnected through the common thread of the continent's history of exploitation. They tell stories of exploitation as well as resistance, particularly evident in the clash between tradition and modernity – a theme present in all three films. Furthermore, the very existence of these films and their ability to resonate with diverse perspectives today carries significant symbolic weight.

¹ This is Marina Tedesco's thesis in: CAVALCANTI TEDESCO, Marina. Margot Benacerraf: (não) pioneira do Nuevo Cine Latinoamericano. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, [s. l.], v. 21, n. 39, 2022. DOI: 10.55738/alaic.v21i39.784. Available at: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/784>. Accessed on: 15 July 2024.

LICIANE MAMEDE is part of the Ecofalante Festival program team.



Amor, Mulheres e Flores

Love, Women and Flowers / Amor, Mujeres y Flores

COLÔMBIA, 1989, 52'

Qual é o custo da beleza? Nos anos 1980, a indústria da floricultura estava em franca expansão na Colômbia e era aclamada internacionalmente. Porém, por trás da imagem idílica da abundância, a realidade era diferente. O documentário denuncia o uso de agrotóxicos nos campos floridos da savana colombiana e as condições de trabalho da mão de obra majoritariamente feminina. Partindo de uma abordagem antropológica, o filme recolhe durante cinco anos os testemunhos dos trabalhadores e os acompanha no seu cotidiano. Um filme pioneiro sobre emancipação, dignidade e luta pelo meio ambiente.

DIREÇÃO DIRECTORS
Marta Rodriguez,
Jorge Silva
PRODUÇÃO PRODUCER
Antonella Ibba
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAFERS
Jorge Silva, Juan José
Bajaranoy, Jorge Ardila
EDIÇÃO EDITORS
Jorge Echeverry,
Esther Ronay, Marta
Rodríguez, Lucas Silva
CONTATO CONTACT
cinemestizo@gmail.com

What is the cost of beauty? In the 1980s, the floriculture industry boomed in Colombia and was recognized throughout the world. However, behind the idyllic image of abundance, the reality was different. The documentary denounces the use of pesticides in the flower fields of the Colombian savannah as well as the working conditions in a predominantly female workforce. Starting from an anthropological approach, the film collects during five years the testimonies of the workers and follows them in their daily lives. A pioneering film about emancipation, dignity, and the fight for the environment.



Araya

Araya

VENEZUELA, FRANÇA, 1959, 82'

Araya: uma península que se projeta no Caribe, no norte da Venezuela. Desde a sua descoberta pelos espanhóis em 1500, a exploração das salinas naturais de Araya era feita manualmente. Durante séculos, essa terra permaneceu um dos destinos mais lucrativos do Novo Mundo, onde piratas e negociantes de escravos se misturavam com contrabandistas e traficantes de pérolas. Após esse período, Araya ficou isolada na obscuridade. O filme da pioneira Margot Benacerraf se passa ao longo de 24 horas, um dia inteiro em Araya. Um dia repetindo o que ocorreu em tantos outros nos últimos 450 anos.

DIREÇÃO DIRECTOR
Margot Benacerraf
ROTEIRO SCRIPT
Pierre Seghers,
Margot Benacerraf
PRODUÇÃO PRODUCER
Henry Nadler
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Giuseppe Nisoli
EDIÇÃO EDITORS
Pierre Jallaud,
Francine Grüber
CONTATO CONTACT
milefilms@gmail.com

Araya: a peninsula jutting into the Caribbean off northern Venezuela. Since its discovery by the Spaniards in 1500, the exploitation of Araya's natural salt marshes had been done by hand. For centuries, this land remained one of the most lucrative destinations in the New World, where pirates and slave-dealers mingled with smugglers and pearl traffickers. After this period, Araya became isolated in obscurity. The story by the pioneer Margot Benacerraf takes place over twenty-four hours, one full day in Araya. One day repeating what happened in so many others for the past 450 years.



De Certa Maneira

One Way or Another / De Cierta Manera

CUBA, 1977, 73'

Em Havana, uma nova professora na comunidade enfrenta as diferenças e os conflitos surgidos em sua relação amorosa com um trabalhador do bairro Miraflores, fruto dos primeiros esforços da Revolução Cubana para erradicar os bairros marginais. Nele, se manifesta o choque entre a velha mentalidade e as novas atitudes.

Havana, Cuba. A new teacher in the community faces the differences and conflicts that arise in her love relationship with a worker from the Miraflores neighborhood, a result of the first efforts of the Cuban Revolution to eradicate marginal neighborhoods. It manifests the clash between the old mentality and the new attitudes.

DIREÇÃO *DIRECTOR*

Sara Gómez

ROTEIRO *SCRIPT*

Sara Gómez, Tomás
González Pérez

PRODUÇÃO *PRODUCER*

Camilo Vives

FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*

Luis García

EDIÇÃO *EDITOR*

Iván Arocha

ELENCO *CAST*

Mario Balmaseda,
Yolanda Cuéllar, Mario
Limonta, Isaura Mendoza

CONTATO *CONTACT*

booking@janusfilms.com

Especial Emergência Climática

Climate Emergency Special



Mudança do Clima Mudou de Patamar e de Nome: É Emergência Climática

DANIELA CHIARETTI

Em 2019, o *Dicionário Oxford* escolheu “emergência climática” como o termo do ano. A justificativa foi o aumento da conscientização pública sobre a ciência climática, as inúmeras implicações para as comunidades em todo o mundo e o enorme debate sobre o que António Guterres, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), chamou de “a questão decisiva do nosso tempo”. Em outro discurso, ele lembrou o óbvio: “Não se negocia com a natureza”. Na crise climática, infelizmente, é tudo superlativo e assustador. Deve-se chamá-la pelo seu nome. A “mudança do clima”, expressão até então corrente, já é uma crise, um colapso, uma emergência.

Não é hora de jogar a toalha, mas de cobrar mudanças, políticas públicas inovativas, investimentos em tecnologia e pesquisa, estímulo aos jovens, promoção de justiça climática, transição para economias de baixo carbono de forma justa e inclusiva etc.

Cada ano é mais quente que o anterior. O Brasil viu o inimaginável – rios amazônicos secos e o Pantanal, maior planície alagada do planeta, perder o aposto e queimar. O reverso é tão ruim quanto: eventos extremos com volumes assombrosos de chuva, mortos por deslizamentos de terra e o drama sem precedentes vivido pelo Rio Grande do Sul. A economista dinamarquesa Inger Andersen, diretora executiva do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, o Pnuma, deixa o que vivemos hoje ainda mais claro: “A realidade é que a enchente que ocorria a cada 100 anos é a enchente que virá a cada 10 anos, e a de 10 anos será anual. O mesmo com os incêndios. Não podemos mais procrastinar com o clima, temos que agir”.

As crises climática, de biodiversidade e da poluição são o triplice desafio da humanidade e são todas conectadas. Reduzir a emissão de gases estufa representa menos poluição, menor perda de biodiversidade etc. É preciso tornar as cidades adaptadas e resilientes à crise climática. No Brasil, elas não são. Isso significa enterrar fios elétricos e não culpar as árvores a cada vendaval e consequente queda de energia. Significa deixar de demolir prédios em bom estado para construir novos, transformando recursos naturais em entulho. Significa aumentar o transporte público, torná-lo elétrico e criar incentivos para que a geração de energia seja renovável.

Adaptação aos impactos do clima exige esforços e ideias locais. Londres, por exemplo, tem um plano de adaptação para o caso de uma grande enchente. A cidade é toda mapeada, a prefeitura sabe onde estão as escolas, os hospitais, as estações de metrô, os bombeiros. Na Alemanha se discute em quanto aumentar a largura de diques para torná-los mais altos e conter o avanço do mar. Cidades-esponja são estimuladas, com mais vegetação para absorver a água durante as chuvas fortes e armazená-la para a seca.

Há muitas lições a aprender com o furacão Katrina, que arrasou Nova Orleans em 2005. A geração de energia dos hospitais ficava no subsolo e a inundação os deixou às escuras. Foi preciso transferir a fonte de energia para muitos andares acima. Mas, passados 20 anos, a reconstrução de bairros mais pobres continua sem acontecer, porque custa muito, mesmo para os Estados Unidos.

“Mudança do clima” é pouco para qualificar o tamanho da crise que o mundo já vive. Como bem define o *Dicionário Oxford*, emergência climática é uma situação em que “é necessária uma ação urgente para reduzir ou interromper a mudança climática e evitar danos ambientais potencialmente irreversíveis”. Tais ações precisam ser realizadas o quanto antes e de forma inclusiva, para que os desfavorecidos, como em Nova Orleans, não sejam os mais afetados. O desafio à nossa frente é massivo.

DANIELA CHIARETTI é repórter especial de Ambiente do *Valor Econômico* desde 2005 e tem feito a cobertura das grandes conferências ambientais das Nações Unidas. Foi editora-chefe da revista *Marie Claire* e trabalhou na *Gazeta Mercantil*, *Folha de S. Paulo*, *Veja* e *UOL*. Ganhou o Prêmio Esso de Informação Científica, Tecnológica e Ambiental em 2011 com reportagem feita em viagem ao Ártico, em julho de 2010. Em 2019, o governo francês lhe concedeu o título de “Chevalier” da Ordem Nacional do Mérito.

Climate Change Has Shifted Gears and Changed Its Name: It's a Climate Emergency

DANIELA CHIARETTI

In 2019, the *Oxford Dictionary* chose “climate emergency” as the word of the year. The justification was the increased public awareness of climate science, its numerous implications for communities worldwide, and the extensive debate about what António Guterres, Secretary-General of the United Nations (UN), called “the defining issue of our time”. In another speech, he pointed out the obvious: “You can’t negotiate with nature”. Unfortunately, in the climate crisis, everything is extreme and alarming. It should be called by its name. “Climate change”, a previously common expression, is now a crisis, a collapse, an emergency.

It’s not time to throw in the towel, but rather to demand change, innovative public policies, investment in technology and research, encouragement for young people, promotion of climate justice, and a fair and inclusive transition to low-carbon economies, among other measures.

Each year is hotter than the last. Brazil has witnessed the unimaginable – Amazonian rivers drying up and the Pantanal, the largest floodplain on the planet, losing its characteristic floods and burning.

The reverse is just as bad: extreme events with staggering volumes of rain, deaths from landslides, and the unprecedented drama experienced by the state of Rio Grande do Sul. Danish economist Inger Andersen, Executive Director of the United Nations Environment Programme (UNEP), makes today’s reality even clearer: “The reality is that the flood that used to happen every 100 years now occurs every 10 years, and the 10-year flood will become annual. The same applies to fires. We can no longer procrastinate with climate; we have to act.”

The climate, biodiversity, and pollution crises are humanity’s triple challenges, and they are all interconnected. Reducing greenhouse gas emissions means less pollution, reduced biodiversity loss, and so forth. Cities need to be made adaptable and resilient to the climate crisis. In Brazil, this means burying electrical wires instead of blaming trees for every gust of wind and subsequent power outage. It means stopping the demolition of buildings in good condition to build new ones, turning natural resources into rubble. It means expanding public transport, making it electric, and creating incentives for renewable energy generation.

Adapting to climate impacts requires local efforts and ideas. London, for example, has an adaptation plan in case of major floods. The city is mapped, and the city council knows the locations of schools, hospitals, underground stations, and fire stations. In Germany, discussions are ongoing about increasing the width of dikes to make them higher and better able to withstand sea level



Uma Vez Que Você Sabe
Once You Know / Une Fois Que Tu Sais

rise. Sponge cities are being promoted, with more vegetation to absorb water during heavy rains and store it for droughts.

There are many lessons to be learned from Hurricane Katrina, which devastated New Orleans in 2005. Hospital power generation was underground, and the flood left them in the dark. Power sources had to be relocated to higher floors. However, even 20 years later, the reconstruction of the poorest neighborhoods has not been completed due to the high costs, even in the United States.

“Climate change” is insufficient to describe the scale of the crisis the world is already experiencing. According to the *Oxford Dictionary* definition, a climate emergency is a situation where “urgent action is needed to reduce or halt climate change and avoid potentially irreversible environmental damage”.

Such action is urgent and must be inclusive to ensure that the disadvantaged, as in New Orleans, are not the worst affected. The challenge ahead of us is massive.

DANIELA CHIARETTI has been a special reporter on environmental issues since 2005 for *Valor Econômico*, a Brazilian newspaper, having covered the United Nations’ environmental conferences. She was chief editor of *Marie Claire* and worked at the *Gazeta Mercantil*, *Folha de S. Paulo*, *Veja*, and *UOL*. She was awarded the Esso Award of Scientific, Technological, and Environmental Information in 2011 after a piece on a trip to the Arctic in July 2010. In 2019, the French government granted her the title of “Chevalier” of the National Order of Merit.



Arrasando Liberty Square

Razing Liberty Square

EUA, 2023, 86'

À medida que o aumento do nível do mar ameaça a luxuosa orla marítima de Miami, os proprietários ricos se dirigem aos terrenos mais elevados. Os moradores de Liberty Square, bairro historicamente negro e o primeiro projeto de habitação popular segregada no Sul, são o novo alvo de um projeto de “revitalização”, devido à sua localização, a 3,6 metros acima do nível do mar. Nesse panorama, o documentário discute a crise da habitação acessível, o impacto do racismo sistêmico e a gentrificação climática.

As rising seas threaten Miami's luxurious beachfront, wealthy property owners are pushing inland to higher ground. Residents of the historically Black neighborhood of Liberty Square — the first segregated public housing project in the South — are the new target of an upcoming “revitalization” project due to their location 12 feet above sea level. The documentary provides a looking glass for the affordable housing crisis, the impact of systemic racism, and climate gentrification.

DIREÇÃO DIRECTOR
Katja Esson
PRODUÇÃO PRODUCERS
Katja Esson, Ann Bennet, Corinna Sager, Ronald Baez
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Hector David Rosales
EDIÇÃO EDITORS
Flávia de Souza, Susanne Schiebler, Leigh Johnson
CONTATO CONTACT
coshea@wmm.com



Filhos do Katrina

Katrina Babies

EUA, 2022, 81'

Em 2005, o furacão Katrina não apenas destruiu grande parte da cidade de Nova Orleans, mas também mudou para sempre a vida de muitos jovens. O cineasta Edward Buckles Jr. tinha 13 anos quando isso aconteceu. Em seu documentário de estreia, ele dá voz aos que foram expulsos de suas casas e abandonados pelo governo da época.

In 2005, Hurricane Katrina not only destroyed large parts of the city of New Orleans, but also changed the lives of many young people forever. Filmmaker Edward Buckles Jr. was 13-years-old when it happened. In his first documentary, he gives voice to those who were forced from their homes and abandoned by the government at the time.

DIREÇÃO DIRECTOR
Edward Buckles Jr.
ROTEIRO SCRIPT
Edward Buckles Jr., Luther Clement Lam, Audrey Rosenberg
PRODUÇÃO PRODUCERS
Edward Buckles Jr., Audrey Rosenberg, Rebecca Teitel
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Edward Buckles Jr.
EDIÇÃO EDITORS
Luther Clement
Lam, Fiona Otway
CONTATO CONTACT
info@houseoftheyoung.com



Uma Vez Que Você Sabe

Once You Know / Une Fois Que Tu Sais

FRANÇA, 2019, 105'

Desde os anos 1970, cientistas soam o alarme sobre um possível colapso ambiental induzido pela corrida desenfreada pelo crescimento, que ignora o conceito da finitude dos recursos naturais. Um grupo deles afirma que a oportunidade de evitar mudanças climáticas catastróficas já passou. A partir daí, perguntam: como se adaptar ao colapso? *Uma Vez Que Você Sabe* leva os espectadores a uma jornada íntima pelo abismo de um mundo à beira da catástrofe, na interseção entre ciência climática e desobediência civil.

DIREÇÃO DIRECTOR
Emmanuel Cappellin
ROTEIRO SCRIPT
Emmanuel Cappellin,
Anne-Marie Sangla
PRODUÇÃO PRODUCERS
Clarisse Barreau,
Emmanuel Cappellin
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Emmanuel Cappellin
EDIÇÃO EDITOR
Anne-Marie Sangla
CONTATO CONTACT
contact@pulp-films.fr

Since the 1970s, scientists have been sounding the alarm about a possible environmental collapse induced by the frantic race for growth, which ignores the notion of a finite supply of natural resources. One group says that the opportunity to avoid catastrophic climate change is now over. From that point on, they ask, how do we adapt to the collapse? Once You Know takes viewers on an intimate journey into the abyss of a world on the brink of catastrophe, at the intersection of climate science and civil disobedience.

ISA 30 Anos: Por um Brasil Socioambiental

ISA 30 Years:

Towards a Socio-Environmental Brazil





Antes da Chuva
Before the Rain

Desde 1994, socioambiental se escreve junto. A palavra, que até então não era usual, foi cunhada pelo Instituto Socioambiental, o ISA, organização da sociedade civil fundada por pessoas atuantes na defesa dos direitos indígenas e do meio ambiente.

O ISA e o socioambientalismo surgem a partir da visão e união de colaboradores do CEDI, o Centro Ecumênico de Documentação e Informação, e do NDI, o Núcleo de Direitos Indígenas, além de membros da SOS Mata Atlântica. O Brasil vivia, então, um momento de consolidação democrática e digeriria o impacto da Rio-92, conferência da ONU realizada em 1992.

Já estava evidente, em um país emergente e amazônico, que a proteção e o cuidado que povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e populações tradicionais têm com seus territórios são centrais para o desenvolvimento sustentável do país. Desde sua fundação, o ISA passou a desenvolver soluções para apoiar as comunidades na proteção de seus territórios, no fortalecimento de suas culturas e saberes tradicionais e no desenvolvimento de suas economias.

Para tanto, o ISA promove, em suas regiões de atuação – as bacias dos Rios Negro, Xingu e Ribeira de Iguape –, uma relação “raiz-antena”. Em via de mão dupla, conectam-se as raízes, compostas por comunidades locais e territórios, com as antenas, que orientam decisões políticas, principalmente na esfera nacional. É um desafio em constante atualização. O país está sujeito ao agravamento dos impactos das mudanças climáticas e terá de enfrentar as suas diferenças sociais e econômicas. Somente com a formação contínua de alianças e redes teremos um Brasil Socioambiental.

A visibilidade do trabalho das comunidades faz parte dessa teia. O ISA, desde sua fundação, apostou na necessidade de registrar, em um trabalho minucioso de documentação e informação, a presença e a luta dos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e comunidades tradicionais.

Parte desse trabalho resulta de parcerias com cineastas, profissionais de fotografia, jornalistas, antropólogos e pesquisadores capazes de multiplicar em campanhas de comunicação e nas telas de cinema a beleza dos modos de vida nas aldeias, comunidades e quilombos, bem como as ameaças e pressões nos seus territórios.

Aos poucos, o ISA desenvolveu seu acervo audiovisual, hoje organizado e depositado em servidores próprios, para melhor contar uma parte da história do país ainda pouco difundida. Combinando o apuro técnico dos pesquisadores da organização, que estabeleceram e estabelecem parcerias históricas em relações de longo prazo com as comunidades, e a atuação atenta de profissionais sensíveis e engajados do audiovisual, as imagens captadas junto às comunidades ganharam

novas camadas de significado que contribuem diretamente com a luta política nos corredores de Brasília.

São vários os exemplos de materiais audiovisuais que conseguiram, em poucos minutos, apresentar como projetos de lei e decisões judiciais impactariam diretamente os direitos de povos indígenas e comunidades tradicionais, revertendo ou postergando ameaças diretas aos seus modos de vida. Para isso, a presteza e a credibilidade da produção de dados da organização sempre foi peça fundamental.

O ISA tem em seu DNA uma produção cartográfica de excelência. Com o apoio de equipes dedicadas a mapear e monitorar a situação das Terras Indígenas e Áreas Protegidas no Brasil, as produções ganharam em precisão ao determinar, em tela, os limites dos territórios e o avanço de vetores do desmatamento, como a agropecuária, a mineração e as obras de infraestrutura em seus entornos.

Assim, depoimentos de lideranças sobre a violência contra suas vidas passaram a ser também ilustrados por dados e indicadores fundamentais para comunicar ao público o percurso doloroso e de muita resistência que contorna a luta por seus direitos territoriais. Estradas, barragens e o avanço do desmatamento, com dados acumulados ano a ano, aparecem pontuados nas produções e demonstram o caminho do desenvolvimento predatório, a qualquer custo, que atropela direitos constitucionais. Em outra frente, as percepções de povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais sobre as mudanças climáticas também passaram a ser evidenciadas em produtos audiovisuais realizados pelo ISA e seus parceiros.

Os impactos, sentidos primeiro por essas populações, são alertas que há décadas resultam em incêndios florestais, perda de roças, destruição da biodiversidade e insegurança alimentar. As produções, que contam histórias e apresentam esses cenários, fomentaram uma caminhada que repercute até hoje ao formar realizadores do audiovisual dentro das comunidades.

Ouvir e assistir aos materiais produzidos por comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas é urgente e necessário diante das catástrofes atuais, que destroem vidas de norte a sul do país. Eles são os leitores das paisagens em seus territórios, e cada detalhe, cada alteração importa. Se entendemos que a comunicação e a palavra podem ser uma flecha para transformar, a comunicação indígena, ribeirinha e quilombola mostra que outro mundo é possível.

O ISA apoia a formação de redes de comunicadores locais que



Mapear Mundos
Mapping Worlds



O Brasil Grande e os Índios Gigantes
Great Brazil and the Giant Indigenous People



Panará, A Volta por Cima dos Índios Gigantes
Panará, The Return of the Giant Indigenous People



Rio Pardo, O Retorno dos Beiradeiros ao seu Território
Rio Pardo, Riverines Return to their Territory



produzem conteúdo para evidenciar a força de suas culturas e seus saberes, bem como apresentar ao mundo, por quem vive na pele, os impactos das pressões sobre seus territórios. A força de suas palavras avança, conquista seguidores, influencia decisões e conecta mundos. São coletivos que tomam decisões em arenas de profundas discussões.

Nesta programação da 13ª Mostra Ecofalante de Cinema, produções antigas e recentes do ISA e seus parceiros realizadores apresentam movimentos que fazem parte da história indígena, ribeirinha e quilombola no país. Estão em tela materiais importantes que merecem maior audiência, contando histórias no Rio Negro, no Xingu e no Vale do Ribeira. São exemplos de resistência e amostras de ferramentas de luta por um país que, enfim e definitivamente, respeite os direitos de povos e comunidades tradicionais. Assista, compartilhe e se engaje na luta por um Brasil socioambiental.

ISA - INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Para mergulhar mais, siga o Instituto Socioambiental nas redes sociais e no Youtube, onde há muito material disponível para pesquisadores, estudantes, professores e tantas outras pessoas interessadas em um mundo melhor: <https://www.socioambiental.org/>.

Since 1994, “socioambiental” [socio-environmental] has been spelled together in Portuguese. The word, which until then was unusual, was coined by the Instituto Socioambiental, or ISA, a civil society organization founded by people committed to defending Indigenous rights and the environment.

ISA and socio-environmentalism emerged from the vision and union of collaborators from CEDI, the Ecumenical Documentation and Information Center, and NDI, the Indigenous Rights Center, as well as members of SOS Mata Atlântica. At the time, Brazil was going through a period of democratic consolidation and was digesting the impact of Rio-92, the UN conference held in 1992.

In a country that is both emerging and home to the majority of the

Amazon rainforest, it was already clear that the protection and care that Indigenous peoples, riverine communities, quilombolas, and traditional populations have for their territories is central to the country’s sustainable development. Since its foundation, ISA has developed solutions to support communities in protecting their territories, strengthening their cultures and traditional knowledge, and developing their economies.

To this end, ISA promotes a “root-antenna” relationship in its regions of operation – the Negro, Xingu, and Ribeira de Iguape river basins. In a two-way street, the roots, represented by the local communities and territories, are connected to the antennae, which guide political decisions, especially at the nation-



Terra Yanomami Celebra 30 Anos da Homologação
Celebrating the 30th Anniversary of the Yanomami Indigenous Land

al level. It's a constantly updated challenge. The country is subject to the worsening impacts of climate change and will have to face up to its social and economic differences. Only with the continuous creation of alliances and networks will we have a socio-environmental Brazil.

The visibility of the communities' work is part of this web. Since its foundation, the ISA has focused on the need to record the presence and struggle of Indigenous peoples, quilombolas, riverside, and traditional communities through detailed documentation and information.

Part of this work is the result of partnerships with filmmakers, photographers, journalists, anthropologists, and researchers who can multiply the beautiful ways of life in villages, communities, and quilombos, as well as the threats and pressures on their territories, in communication campaigns and on the silver screen.

To better tell a part of the country's history that is still little known, the ISA has gradually developed its audiovisual collection, which is now organized and deposited on

its servers. Combining the technical precision of the organization's researchers, who have established and are establishing historic partnerships in long-term relationships with the communities, and the attentive work of sensitive and engaged audiovisual professionals, the images captured with the communities have gained new layers of meaning that contribute directly to the political struggle in the corridors of Brasília.

There are many examples of audiovisual materials that, in just a few minutes, succeeded in presenting how bills and court decisions would directly impact the rights of indigenous peoples and traditional communities, reversing or postponing direct threats to their ways of life. The promptness and credibility of the organization's data production have been critical.

The ISA has excellent cartographic production in its DNA. With the support of teams dedicated to mapping and monitoring the situation of Indigenous Lands and Protected Areas in Brazil, the productions have gained precision by determining, on screen, the limits

of the territories and the advance of deforestation vectors, such as agriculture, mining, and infrastructure works in their surroundings.

Thus, testimonies of leaders about the violence against their lives started to be illustrated by data and indicators that are fundamental to communicating to the public the painful and very resistant path that surrounds the struggle for their territorial rights. Roads, dams, and the pace of deforestation, with data accumulated year after year, are featured in the productions, illustrating a predatory growth at any cost, which tramples on constitutional rights. On another front, the perceptions of Indigenous peoples, quilombolas, and traditional communities on climate change have been depicted as well in audiovisual products made by the ISA and its partners.

The impacts, first felt by these populations, are warnings that for decades have resulted in forest fires, loss of crops, destruction of biodiversity, and food insecurity. The productions, which tell stories and present these scenarios, have fostered a journey that still has repercussions today by training audiovisual directors within the communities.

Listening to and watching material produced by Indigenous, riverside, and quilombola communities is urgent and necessary in the face of the current catastrophes that are destroying lives from the north to the south of the country. They are the readers of the landscapes in their territories, and every detail, every change matters. If we understand that communication and the word can be an arrow to transform, In-

digenous, riverside, and quilombola communication shows that another world is possible.

The ISA supports the creation of networks of local communicators who produce content to underline the strength of their cultures and their knowledge and to tell the world through their own eyes about the impacts of the pressures on their territories. The power of their words advances, gains followers, influences decisions, and connects worlds. They are the collectives that make decisions in arenas of deep discussion.

In the 13th Ecofalante Film Festival program, old and new productions by the ISA and its filmmaking partners present movements that are part of the country's Indigenous, riverside, and quilombola history. On the screen are some significant materials that deserve a wider audience, telling stories from the Rio Negro, the Xingu, and the Ribeira Valley. They are examples of resistance and samples of tools for fighting for a country that finally and definitively respects the rights of traditional peoples and communities. Watch, share, and get involved in the fight for a socio-environmental Brazil.

ISA - INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL

To find out more, follow Instituto Socioambiental on social media and YouTube, where you can find a lot of material available for researchers, students, teachers, and whoever is interested in a better world: <https://www.socioambiental.org/>.



Antes da Chuva

Before the Rain

BRASIL, 2017, 21'

Na região da bacia do Xingu, a expansão do agribusiness tem causado sérios impactos na vida de agricultores e indígenas. Uma das consequências mais graves são as mudanças ambientais que impactam todas as formas de subsistência local. O documentário acompanha a rotina dos jovens Anderson, Milene, Oreme e Tawa, que desvendam como a vida de suas famílias e de suas comunidades tem sido afetada, e o trabalho que se tem feito na tentativa de minimizar os efeitos dessas mudanças.

In the Xingu River basin region, the expansion of agribusiness has caused serious impacts on the lives of traditional farmers and Indigenous peoples. One of the most serious consequences is the environmental changes that impact all forms of local subsistence. The documentary follows the routine of young Anderson, Milene, Oreme, and Tawa, who discover how the lives of their families and communities have been affected and the work that has been done in trying to minimize the effects of these changes.

DIREÇÃO DIRECTOR
Otávio Almeida
ROTEIRO SCRIPT
Otávio Almeida,
Isabel Harari
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Otávio Almeida
EDIÇÃO EDITOR
Otávio Almeida
CONTATO CONTACT
claudio@
socioambiental.org



Mapear Mundos

Mapping Worlds

BRASIL, 2024, 72'

O documentário articula imagens de arquivos indigenistas com testemunhos atuais para rememorar os passos dados por organizações da sociedade civil, em um contexto de ditadura militar, pela garantia de direitos dos povos originários no Brasil, fornecendo as condições para a articulação do “capítulo dos índios” na Constituição Brasileira e as demarcações das Terras Indígenas.

The documentary combines images from indigenist archives with current testimonies to recall the steps taken by civil society organizations, in a context of military dictatorship, to guarantee the rights of Indigenous peoples in Brazil, providing the conditions for the articulation of the “Indigenous chapter” in the Brazilian Constitution and the demarcations of Indigenous Lands.

DIREÇÃO DIRECTOR
Mariana Lacerda
ROTEIRO SCRIPT
Mariana Lacerda,
Paula Mercedes
PRODUÇÃO PRODUCERS
Sílvia Futada,
Camila Gauditano,
Claudio Tavares
EDIÇÃO EDITOR
Paula Mercedes
CONTATO CONTACT
claudio@
socioambiental.org



O Brasil Grande e os Índios Gigantes

Great Brazil and the Giant Indigenous People

BRASIL, 1995, 47'

O documentário narra a saga da tribo Krenakarore e retrata a violenta mudança no destino dos indígenas após seu contato com os “homens brancos”. Ainda é possível ver depoimentos do antropólogo Darcy Ribeiro, do economista Roberto Campos, do ex-presidente da Funai General Ismarth de Araújo, de indigenistas e jornalistas. Falam também os sertanistas Orlando e Cláudio Villas-Bôas, os primeiros brancos a entrarem em contato com os Krenakarore, que relatam sua busca pelos indígenas e posteriores esforços para preservá-los.

This documentary narrates the saga of the Krenakarore tribe and depicts the violent change in the fate of the indigenist after their contact with the “white men”. It is also possible to see statements from anthropologist Darcy Ribeiro, economist Roberto Campos, former Funai president General Ismarth de Araújo, from indigenous people and journalists. Also in the film are the sertanists Orlando and Claudio Villas-Bôas, the first white men to come into contact with the Krenakarore. They recount their search for the indigenous people and their subsequent efforts to preserve them.

DIREÇÃO DIRECTOR
Aurélio Michiles
ROTEIRO SCRIPT
Aurélio Michiles
PRODUÇÃO PRODUCER
Elaine Cesar
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Arnaldo Mesquita, David Pennington, Maurizio Longobardi
EDIÇÃO EDITORS
Adelson Munhoz, Maurício L. Tibiriçá
CONTATO CONTACT
claudio@socioambiental.org



Panará, A Volta por Cima dos Índios Gigantes

Panará, The Return of the Giant Indigenous People

BRASIL, 2017, 5'

Durante duas décadas, exilados no Parque Indígena do Xingu, para onde foram levados, os índios Panará jamais desistiram de voltar à sua terra antiga, de onde foram retirados. Naquela época, estavam à beira do extermínio. No documentário, comemoram 20 anos do retorno à terra ancestral e relatam como foi esse tempo no Xingu e como vivem felizes hoje, em cinco aldeias, nas cabeceiras do Rio Iriri.

For two decades, exiled in the Xingu Indigenous Park, where they were taken, the Panará Indigenous People never gave up on returning to their old land, from where they were removed. At that time, they were on the verge of extermination. In the documentary, they celebrate 20 years of returning to their ancestral land and report what that time was like in Xingu and how they live happily today, in five villages, at the headwaters of the Iriri River.

DIREÇÃO DIRECTOR
Fred Rahal
PRODUÇÃO PRODUCERS
Paulo Junqueira, André Villas-Bôas
EDIÇÃO EDITOR
Fred Mauro
CONTATO CONTACT
claudio@socioambiental.org



Rio Pardo, O Retorno dos Beiradeiros ao Seu Território

Rio Pardo, Riverines Return to Their Territory

BRASIL, 2017, 14'

Após duas décadas, seu Edmilson realizou o sonho de voltar à sua antiga colocação na Terra do Meio (PA) com sua esposa, dona Elisa. A expedição percorreu o igarapé rio Pardo, nos locais onde ele e outros seringueiros trabalhavam com o extrativismo de borracha, castanha e outros produtos da floresta na década de 1980. A trajetória de seu Edmilson representa a história do modo de vida beiradeiro originário da ocupação seringueira na região. Aos 81 anos, ele luta para retomar o uso de recursos do seu território.

DIREÇÃO DIRECTOR
Otávio Almeida
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAHER
Otávio Almeida
EDIÇÃO EDITORS
Otávio Almeida,
João Miranda
CONTATO CONTACT
claudio@
socioambiental.org

After two decades, Edmilson's dream came true when he returned to his old place in Terra do Meio (PA) with his wife Elisa. The expedition traveled along the Pardo river stream, in the places where he and other rubber tappers worked extracting rubber, nuts, and other forest products in the 1980s. Edmilson's trajectory represents the history of the riverine way of life originating from the rubber tapper occupation in the region. At 81 years old, he is fighting to resume the use of his territory's resources.



Rionegrinas

Rionegrinas

BRASIL, 2023, 38'

O documentário acompanha a trajetória de lutas e conquistas das mulheres do Rio Negro dentro do movimento indígena e a criação, em 2002, do Departamento de Mulheres Indígenas da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (DMIRN-FOIRN). Por meio de depoimentos das mulheres indígenas, o filme narra a luta por espaço, território, renda e sustentabilidade, das roças às universidades, da casa-território aos cargos públicos.

The documentary follows the trajectory of struggles and achievements of women from the Rio Negro within the indigenous movement and the creation, in 2002, of the Department of Indigenous Women of the Federation of Indigenous Organizations of the Rio Negro (DMIRN-FOIRN). Through testimonies from Indigenous women, the film narrates the struggle for space, territory, income, and sustainability, from farms to universities, from home-territory to public positions.

DIREÇÃO DIRECTORS
Fernanda Ligabue,
Juliana Radler
ROTEIRO SCRIPT
Fernanda Ligabue,
Juliana Radler
PRODUÇÃO PRODUCERS
Ana Amélia Hamdan,
Dulce Morais, Carla
Dias, Juliana Radler
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAHERS
Fernanda Ligabue,
Juliana Radler, Raquel
Uendi, Diana Gandara,
Fellipe Abreu
EDIÇÃO EDITORS
Fernanda Ligabue, Caio
Rodríguez, Camila Biau
CONTATO CONTACT
claudio@
socioambiental.org



Sistema Agrícola Quilombola

Quilombola Agricultural Heritage System

BRASIL, 2016, 25'

O documentário registra o Sistema Agrícola Quilombola e as ações de fortalecimento da agrobiodiversidade nos territórios quilombolas do Vale do Ribeira.

The documentary records the Quilombola Agricultural System and the actions to strengthen agrobiodiversity in the quilombola territories of Vale do Ribeira.

DIREÇÃO DIRECTORS

Alexandre Kishimoto, Hebert Valois Rios Piauhy, Renato Nunes

ROTEIRO SCRIPT

Alexandre Kishimoto, Hebert Valois Rios Piauhy, Renato Nunes

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

Alexandre Kishimoto, Renato Nunes, Hebert Valois Rios Piauhy, Anna Maria Andrade, Vitor Seiji Hirashima, Alexandre Ribeiro Filho

EDIÇÃO EDITORS

Alexandre Kishimoto, Hebert Valois Rios Piauhy, Renato Nunes

CONTATO CONTACT

claudio@socioambiental.org



Terra Yanomami Celebra 30 Anos da Homologação

Celebrating the 30th Anniversary of the Yanomami Indigenous Land

BRASIL, 2022, 10'

Em 25 de maio de 2022, os Yanomami, liderados por Davi Kopenawa, reuniram mais de 500 pessoas na comunidade de Xihopi, no estado do Amazonas, para celebrar os 30 anos da homologação da Terra Indígena Yanomami, fortalecer a luta por seus direitos e pedir respeito e paz para viver. Além de aliados históricos, como Ailton Krenak, Sydney Possuelo e Joenia Wapichana, entre outros, durante os festejos os pajés convidaram os espíritos da floresta para celebrarem, junto com eles, a histórica conquista.

On May 25, 2022, the Yanomami, led by Davi Kopenawa, brought together over 500 people in the community of Xihopi, in the state of Amazonas, to celebrate 30 years since the ratification of the Yanomami Indigenous Land, strengthen the fight for their rights, and ask for respect and peace to live their lives. In addition to historical allies, such as Ailton Krenak, Sydney Possuelo, and Joenia Wapichana, among others, during the festivities, the shamans invited the spirits of the forest to celebrate, together with them, the historical conquest.

DIREÇÃO DIRECTORS

Carol Quintanilha, Fred Rahal

PRODUÇÃO PRODUCER

Maurício Yamashita Kazu

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Carol Quintanilha

EDIÇÃO EDITORS

João Feitosa, Fred Rahal Mauro, Gabriel Santana

CONTATO CONTACT

claudio@socioambiental.org



Volta Grande

Great Return

BRASIL, 2020, 27'

300 famílias ribeirinhas foram violentamente removidas de suas casas para a construção da hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. Após anos de luta, os ribeirinhos, que não haviam sido reconhecidos como impactados pelo empreendimento, conquistaram o direito de retornar às margens do rio Xingu, no Território Ribeirinho.

300 riverine families were violently removed from their homes for the construction of the Belo Monte Hydroelectric Plant, in Pará. After years of struggle, the riverine, which had not been recognized as impacted, won the right to return to the banks of the Xingu River, in the Riverine Territory.

DIREÇÃO DIRECTOR
Fábio Nascimento
PRODUÇÃO PRODUCERS
Conselho Ribeirinho,
Ana De Francesco,
Isabel Harari

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Fábio Nascimento


EDIÇÃO EDITOR
Renato Gaiarsa

CONTATO CONTACT
claudio@
socioambiental.org

Panorama Internacional Contemporâneo

International Contemporary Program





Estado Limite
On the Edge / État Limite

O FIM DO CONTRATO SOCIAL

*THE BREAKING OF
THE SOCIAL CONTRACT*

Um Capitalismo Canibal? Neoliberalismo e Ruptura do Pacto Social

RENATA DUTRA

A filósofa Nancy Fraser, ao propor a compreensão de que a atual fase do capitalismo se traduz em um “capitalismo canibal”, entende por “canibalizar” o ato de privar um empreendimento/estabelecimento de um elemento essencial ao seu funcionamento, a fim de sustentar outro. Essa seria, a seu ver, a relação entre a economia capitalista e os chamados “territórios não econômicos do sistema: famílias, comunidades, habitats, ecossistemas, capacidades estatais e poderes públicos”. Na crítica da autora, o cenário caótico atualmente vivenciado sacrificaria todos esses últimos em favor da reprodução da própria economia capitalista¹.

A seleção dos filmes sobre o mundo do trabalho da 13ª Mostra Ecofalante de Cinema nos convida, a partir de múltiplas perspectivas, a pensar na ofensiva contra os direitos sociais e na corrosão que o capitalismo, em sua faceta neoliberal, promove em relação ao próprio contrato social. Cada um à sua maneira, os filmes mostram retratos de espaços e valores sociais canibalizados por uma racionalidade econômica que desconhece e invalida outras métricas que não o lucro.

Vejam os casos de *Breaking Social: O Fim do Contrato Social* (*Breaking Social*, 2023). O filme sueco promove uma reflexão ampliada sobre as diversas dimensões dessa corrosão social, mostrando os impactos ambientais, psicossociais e, sobretudo, os processos de exploração e expropriação das comunidades pela ofensiva capitalista em diversas regiões do mundo, com ênfase no sul global. Ao registrar ativistas e sujeitos críticos em relação a essa dinâmica, traz para o horizonte a possibilidade da crítica cada vez mais sufocada – ou asfixiada, como diria Franco Berardi² – pela narrativa hegemônica de uma sociedade pautada no individualismo e na competição diária por projetos autobiográficos, em relação aos quais a questão social e as reflexões coletivas ficam esvaziadas.

Em *Breaking Social*, contudo, as mobilizações coletivas que se prestam a reagir e questionar a ofensiva neoliberal são trazidas ao centro, com destaque para a grande mobilização da juventude chilena em 2019 contra o modelo de austeridade e de fragilização dos direitos sociais implementado no país. Assim, o documentário aporta uma dimensão de esperança, ao evidenciar a força coletiva dessas mobilizações, que impulsionaram uma nova Constituinte para o Chile.

Para o espectador de 2024, que já conhece o desfecho desse processo político – a proposta de nova Constituição foi rejeitada pela maioria da população em plebiscito –, o sentimento é de ambiguidade: ao mesmo tempo que reconhecemos vivamente a força política e coletiva do movimento social que deflagrou esse processo, assistimos à violenta repressão policial e, também, ao poderio ideológico da contraofensiva conservadora, dimensionando o desafio do tempo presente.

Ainda na chave da reflexão sobre a austeridade e a fragilização do Estado Social, o filme *Estado Limite* (*État Limite*, 2023) nos transporta para um hospital psiquiátrico em uma zona periférica da França, cujos pacientes são majoritariamente pessoas negras, imigrantes e jovens provenientes de trajetórias de vida marcadas pela violência

e pela exclusão. O adoecimento psíquico aparece como produto de uma sociedade desigual e excludente, que enseja sofrimento e dissociação àqueles que lhe são indesejáveis.

Ao acompanhar a luta de um jovem médico psiquiatra – único para uma quantidade de pacientes desproporcional – e de sua reduzida equipe, o desabafo do profissional é avassalador. De um lado, os quadros ali enfrentados são produtos da exclusão e da falência do Estado Social em diversos outros setores (trabalho, moradia, assistência social). De outro, uma vez acometidos pelo adoecimento psíquico, aqueles sujeitos são vistos como *imúteis*, porque demandam a atenção de saúde e não oferecem contrapartidas, visto que se encontram incapazes para produzir e, assim, ter qualquer possibilidade de valor reconhecida em uma sociedade cada vez mais centrada numa perspectiva meritocrática, em que a capacidade de gerar lucro é a única medida considerada.

Nesse enredo, a possibilidade de investimento público na atenção à saúde dessa população e, por consequência, de melhoria das condições de trabalho da equipe profissional deles incumbida é absolutamente estranha às prioridades de um Estado focado no enxugamento dos gastos públicos e numa racionalidade cada vez mais mercantil de investimento exclusivamente voltado à obtenção de resultados, como observaram Dardot e Laval³.

Adentrando de forma mais direta a questão dos trabalhadores e trabalhadoras, *Os Motivados* (*The Driven Ones*, 2023) e *Mil Pinheiros* (*A Thousand Pines*, 2023) nos mostram duas faces de um mesmo mundo do trabalho em degradação. Em *Os Motivados*, jovens treinados em um centro de excelência suíço para formação de administradores aportam ao mercado de trabalho com grandes expectativas de ascensão e, sobretudo, de captura de recursos/investimentos para empreenderem. Contudo, essas trajetórias, salvo raras exceções, são marcadas pela ascensão a cargos executivos em grandes empresas, que, embora muito bem remunerados, exigem desses sujeitos renúncias familiares, sociais e até mesmo éticas.

As vidas pessoais e as aspirações desses jovens ficam prejudicadas por cargas horárias excessivas, ausência de desconexão com o trabalho e necessidade de se deslocar geograficamente para onde as boas oportunidades aparecem, engendrando rompimentos amorosos, afastamentos familiares e profunda solidão. Além disso, a necessidade de operar diuturnamente com a lógica da maximização dos lucros



Mil Pinheiros
A Thousand Pines

impõe “tarefas” como negligenciar demandas sociais e sustentar demissões em massa, por exemplo, bem como os empurra para deixar em segundo plano preocupações com inclusão de gênero e raça, que fazem parte de suas próprias vivências e mesmo dos aprendizados com os quais se depararam em sua formação. Nesses tristes enredos de vidas bem-sucedidas sob a métrica do capital, mas vazias de sentido, temos uma face da degradação do trabalho, colocada pela perda de sua razão social⁴, mesmo para aqueles e aquelas que se encontram no topo das hierarquias, mas que, ainda assim, se veem como engrenagens de processos de exploração e suportam as consequências psicossociais desse modo de vida.

Em uma face bem distante das elites executivas, mas marcada por problemas correlatos (guardadas suas devidas proporções) estão os trabalhadores mexicanos contratados por temporada em atividades de reflorestamento para a produção de madeira nos EUA, retratados no filme *Mil Pinheiros*. A contratação periódica para trabalhar nos EUA durante parte do ano aparece como oportunidade e possibilidade de redenção para inúmeras famílias de trabalhadores mexicanos que não teriam como alcançar rendimentos pelo seu trabalho nas comunidades locais. Com o valor do rendimento advindo de cada

temporada, eles sustentam seus familiares durante todo o ano e conseguem adquirir bens de consumo para seus lares.

Entretanto, o custo dessa “oportunidade” é alto. A contratação precária desses trabalhadores imigrantes, que chegam a ter que plantar milhares de pinheiros por dia em terrenos áridos, tanto nas estações do inverno quanto do verão, se dá mediante o recebimento de um valor semanal pelo número de mudas plantadas, sem nenhuma infraestrutura de moradia, alimentação, saúde ou segurança do trabalho. Como imigrantes, eles representam focos de expropriação no ambiente do norte global, não alcançando sequer as condições daqueles que são explorados.

Durante os longos períodos em que se ausentam do convívio familiar e comunitário, esses trabalhadores se acomodam em hotéis de beira de estrada, dividindo quartos precários com muitos outros trabalhadores e se alimentando também precariamente dos ultraprocessados que conseguem adquirir nos mercados locais. As dores musculares pelo trabalho pesado e a falta do convívio familiar, aliadas ao assédio dos gerentes pela qualidade e quantidade do trabalho, fazem com que o gosto do acesso ao “sonho americano” seja amargo.

Dois realidades diametralmente opostas – dos trabalhadores imigrantes contratados de forma espoliativa e dos altos executivos de grandes empresas europeias – revelam, cada uma à sua forma, a degradação promovida por uma racionalidade que instrumentaliza o trabalho e os seres humanos, dissociando a atividade produtiva e criativa das formas de viver de cada comunidade e das respectivas necessidades sociais.

Por fim, o emocionante *Union* (2024) nos leva a acompanhar o processo político de formação do primeiro sindicato de trabalhadores da Amazon nos EUA. Nessa obra, cuja realidade também foi investigada por Ruy Braga em *A angústia do precariado*⁵, observamos a potência de um movimento coletivo surgido no contexto da pandemia, por parte de trabalhadores sem experiências anteriores com o sindicalismo e alheados da estrutura sindical tradicional dos EUA, que fazem convergir uma série de indignações sociais, notadamente contra as péssimas condições de trabalho vivenciadas nos galpões da Amazon, para um movimento espontâneo e potente de construção da ALU – Amazon Labor Union.

O documentário mostra como estratégias criativas e a agregação de pautas relevantes como a questão racial e a da moradia fize-

ram parte do repertório dos sujeitos, que utilizaram a comunicação virtual, mas também o contato direto com os trabalhadores, por meio do oferecimento de lanches (e até de maconha) em frente aos locais de trabalho. Essa articulação permitiu que, a despeito da escandalosa conduta antissindical das direções empresariais, fossem preenchidos os rígidos requisitos para a criação do sindicato dos trabalhadores da Amazon em Nova Iorque.

As peculiaridades da questão social nos EUA, notadamente com o agravamento da questão da moradia e da falta de proteção social, tornam dramática a situação dos empregados da Amazon. Também é desafiadora a construção de um espaço de resistência, seja pelas dificuldades inerentes aos processos coletivos, seja pela conduta abusiva e assediadora da empresa contra as lideranças.

A resistência retratada no filme aponta para uma nova forma de ser das lutas coletivas, pulsante, ainda que sob a égide do neoliberalismo. Como observa Fraser, a crise atual também tem o condão de gerar “novas configurações políticas e gramáticas de conflito social”⁶, de modo que as lutas pelo trabalho se imbricam produtivamente a questionamentos sobre outros eixos de desigualdade e outras formas de construção política, alimentando um horizonte de resistência. Nesse novo cenário, é incontornável se pensar na centralidade do meio ambiente, um desses “espaços não econômicos”, em meio a questões de reconfiguração do contrato social.

Como um “ouroboros” que engole a própria cauda, o sistema do capital desconhece os limites para um convívio sustentável entre seres humanos e meio ambiente, em suas múltiplas dimensões, como as demandas sociais e trabalhistas focalizadas no conjunto de filmes que abordamos, e também as demandas de preservação ambiental e sustentabilidade – que nos atingem sobremaneira no dia a dia, vide o recente desastre ambiental de enormes proporções no estado do Rio Grande do Sul por conta das enchentes, que deixam mortos, desaparecidos e desabrigados, além de danos materiais e imateriais ainda incalculáveis. Certamente, a falência de um pacto social voltado para a preservação do bem comum e de valores que transcendem a esfera econômica contribui para que essa autofagia seja ainda mais desastrosa.

Lançando luz sobre a necessidade de expandir os horizontes críticos, os desastres do presente e a catástrofe ambiental iminente nos lembram, dolorosamente, de que o caráter autodestrutivo do sistema

nos corta a própria carne, enquanto trabalhadores e comunidades que pertencemos a e dependemos intrinsecamente do espaço natural que habitamos. Esse cenário nos impele a repensar, com urgência e com radicalidade, na esteira do que já alertava Karl Polanyi⁷, estratégias e contramovimentos que possam conter o “moinho satânico” do capital. Se, por um lado, não temos respostas prontas ou simples para problemas complexos, por outro, é certo que elas passam necessariamente pela refundação do pacto social.

- 1 FRASER, Nancy. *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*. São Paulo: Autonomia Literária, 2024, p. 14.
- 2 BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. São Paulo: Ubu, 2020.
- 3 DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- 4 DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia (Org.). *A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- 5 BRAGA, Ruy. *A angústia do precariado: trabalho e solidariedade no capitalismo racial*. São Paulo: Boitempo, 2023.
- 6 FRASER, Nancy. *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*. São Paulo: Autonomia Literária, 2024, p. 20.
- 7 POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

RENATA DUTRA é Professora Adjunta de Direito do Trabalho da Universidade de Brasília (UnB) e Doutora e Mestre em Direito pela mesma Universidade. Foi Presidente da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (2022-2023) e integra a Coordenação da REMIR – Rede de Estudos e Monitoramento Interdisciplinar da Reforma Trabalhista. Coordena o Grupo de Pesquisa Trabalho, Interseccionalidades e Direitos (CNPq/UnB).

Cannibal Capitalism? Neoliberalism and the Breaking of the Social Pact

RENATA DUTRA

Philosopher Nancy Fraser, in proposing the idea that the current phase of capitalism translates into “cannibal capitalism”, sees “cannibalizing” as the act of depriving an enterprise/establishment of an essential element for its functioning in order to sustain another. In her view, this is the relationship between the capitalist economy and the so-called “system’s non-economic precincts: to the families and communities, habitats and ecosystems, state capacities and public powers”. In her critique, the chaotic scenario we are currently experiencing sacrifices all of these in favor of the reproduction of the very capitalist economy¹.

The selection of films about the world of work in the 13th **Ecofalante Film Festival** invites us, from multiple perspectives, to think about the offensive against social rights and the corrosion that capitalism, in its neoliberal facet, promotes in relation to the social contract itself. Each in its own way, the films show portraits of spaces and social values cannibalized by an economic rationality that ignores and invalidates metrics other than profit.

Take *Breaking Social* (2023). The Swedish film promotes an in-depth reflection on the various dimensions of this social corrosion, showing the environmental and psy-

chosocial impacts and, above all, the processes of exploitation and expropriation of communities by the capitalist offensive in various regions of the world, with an emphasis on the global south. By recording activists and subjects who are critical of this dynamic, it raises the possibility of criticism that is increasingly suffocated – or asphyxiated, as Franco Berardi would say² – by the hegemonic narrative of a society based on individualism and the daily competition for autobiographical projects, in relation to which the social question and collective reflections are emptied.

In *Breaking Social*, however, the collective mobilizations that lend themselves to reacting to and questioning the neoliberal offensive are brought to the fore, with emphasis on the great mobilization of Chilean youth in 2019 against the austerity model and the weakening of social rights implemented in the country. Thus, the documentary provides a dimension of hope by highlighting the collective strength of these mobilizations, which pushed for a new Constituent Assembly for Chile.

For the viewer in 2024, who is familiar with the outcome of this political process – the proposal for a new Constitution was rejected by the majority of the population in a plebiscite – the feeling is one of ambiguity: while we strongly recognize the political and collective strength of the social movement that ignited this process, we also witness the violent police repression and the ideological power of the conservative counter-offensive, sizing up the challenge of the present time.

Still reflecting on austerity and the weakening of the welfare state, the film *On the Edge* (*État Limite*, 2023) takes us to a psychiatric hospital in a peripheral area of France, whose patients are mostly black people, immigrants, and young people whose lives have been marked by violence and exclusion. Psychiatric illness appears as a product of an unequal and exclusionary society, which causes suffering and dissociation for those who are undesirable to it.

Following the struggle of a young psychiatrist – the only one for a disproportionate number of patients – and his small team, the professional’s outburst is overwhelming. On the one hand, the patients are products of exclusion and the failure of the welfare state in various other sectors (work, housing, social assistance). On the other hand, once they are affected by mental illness, they are seen as *useless*, because they demand health care but offer nothing in return; they are unable to produce and thus have no possibility of value recognized in a society that is increasingly focused on a meritocratic perspective, in which the ability to generate profit is the only measure taken into account.

In this story, the possibility of public investment in the health care of this population and, consequently, of improving the working conditions of the professional team in charge of them is foreign to the priorities of a State focused on cutting public spending and on an increasingly mercantile rationality of investment exclusively aimed at obtaining results, as Dardot and Laval observed³.

Delving more directly into the issue of workers, *The Driven Ones* (2023) and *A Thousand Pines* (2023) show us two faces of the same world of work in degradation. In *The Driven Ones*, young people trained at a Swiss center of excellence for training administrators enter the work market with great expectations of advancement and mainly of attracting resources/investments to become entrepreneurs. However, although these trajectories, with a few exceptions, are marked by the rise to executive positions in large companies, this highly paid work requires them to give up family, social, and even ethical responsibilities.

These young people have their personal lives and aspirations disrupted by excessive working hours, a lack of disconnection from work, and the need to move geographically wherever good opportunities arise, leading to romantic break-ups, family estrangement, and deep loneliness. In addition, the need to operate 24/7 with the logic of maximizing profits imposes “tasks” such as neglecting social demands and sustaining mass layoffs. It also pushes them to leave in the background concerns about gender and race inclusion, which are part of their own experiences and also of the lessons they learned during their training.

In these sad tales of lives successful according to the metrics of capital, but empty of meaning, we see a side of the degradation of work, which comes from the loss of its social purpose⁴, even for those at the top of the hierarchy, who nevertheless see themselves as cogs in exploitative processes and bear the

psychosocial consequences of this way of life.

Far removed from the executive elites but marked by similar problems (in due proportion) are the Mexican workers hired on a seasonal basis to work in reforestation for timber production in the USA, as portrayed in the film *A Thousand Pines*. Hired periodically to work in the USA for part of the year appears as an opportunity and a possibility of redemption for countless families of Mexican workers who would not be able to make a living from their work in the local communities. With the income from each season, they support their families throughout the year and can buy consumer goods for their homes.

However, the cost of this “opportunity” is high. The precarious hiring of these immigrant workers, who have to plant thousands of pine trees a day in barren land in both the winter and summer seasons, is done by receiving a weekly fee for the number of seedlings planted, without any infrastructure for housing, food, health, or work safety. As immigrants, they represent hotbeds of expropriation in the environment of the global north, not even reaching the conditions of those exploited.

During the long periods when they are absent from family and community life, these workers stay in roadside hotels, sharing precarious rooms with many other workers and eating precariously from the ultra-processed foods they can buy in local markets. Muscle pain from heavy work and the lack of family life, combined with harassment from managers over the quality and quan-

tity of work, make the taste of access to the “American dream” bitter.

Two opposed realities – that of immigrant workers hired on the cheap and that of the top executives of large European companies – reveal, each in their own way, the degradation promoted by a rationality that instrumentalizes work and human beings, dissociating productive and creative activity from the ways of life of each community and their respective social needs.

Finally, the thrilling *Union* (2024) takes us through the political process that led to the formation of the first Amazon workers’ union in the USA. In this production, whose reality was also investigated by Ruy Braga in *A angústia do precariado* [The Anguish of the Precariat]⁵, we see the power of a collective movement that emerged in the context of the pandemic by workers with no previous experience of unionism and alienated from the traditional union structure in the USA, who converged a series of social indignations, notably against the terrible working conditions experienced in Amazon’s warehouses, into a spontaneous and powerful movement to build the ALU – Amazon Labor Union.

The documentary shows how creative strategies and the aggregation of relevant agendas such as race and housing were part of the repertoire of the subjects, who used virtual communication and also direct contact with the workers by offering snacks (and even marijuana) in front of the workplaces. Despite the scandalous anti-union behavior of the company’s management, the strict requirements for the creation



Os Motivados
The Driven Ones

of the Amazon workers’ union in New York were met.

The peculiarities of the social issue in the USA, especially with the worsening of the housing question and the lack of social protection, have made the situation of Amazon’s employees dramatic. Building a precincts of resistance is also challenging because of the difficulties inherent in collective processes and the company’s abusive and harassing conduct against the leaders.

The resistance portrayed in the film points to a new way of being for collective struggles, pulsating even under the aegis of neoliberalism. As Fraser observes, the current crisis also has the power to generate “novel political configurations and grammars of social conflict”⁶, so that struggles for work are productively intertwined with questions

about other axes of inequality and other forms of political construction, feeding a horizon of resistance. In this new scenario, thinking about the centrality of the environment, one of these “non-economic spaces”, is unavoidable amid issues of reconfiguring the social contract.

Like an “ouroboros” that swallows its tail, the system of capital is unaware of the limits to a sustainable coexistence between human beings and the environment in its multiple dimensions, such as the social and labor demands focused on in the set of films we have discussed, as well as the demand for environmental preservation and sustainability – which strongly affect us daily, as seen in the recent environmental disaster of enormous proportions in the state of Rio Grande do Sul as a result of the floods, which left people dead, miss-

ing, and homeless, as well as material and immaterial damage that is still incalculable. The failure of a social pact intended to preserve the common good and values that transcend the economic sphere has contributed to this disastrous autophagy.

Shedding light on the need to expand critical horizons, the disasters of the present and the impending environmental catastrophe painfully remind us that the self-destructive nature of the system cuts into our very flesh as workers and communities who belong to and intrinsically depend on the natural space we inhabit. This scenario urges us to radically rethink, in the wake of Karl Polanyi's warnings⁷, strategies and counter-movements that can contain the "satanic mill" of capital. If, on the one hand, we don't have simple, ready-made answers to complex problems, on the other, they necessarily involve re-founding the social pact.

- 1 FRASER, Nancy. *Cannibal Capitalism. How Our System Is Devouring Democracy, Care, and the Planet — and What We Can Do about It.* London/New York: Verso, 2022, p. xiv.
- 2 BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem.* São Paulo: Ubu, 2020.
- 3 DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *The New Way of the World: On Neoliberal Society.* London/New York: Verso, 2013.
- 4 DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia (Org.). *A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização.* São Paulo: Boitempo, 2007.
- 5 BRAGA, Ruy. *A angústia do precariado: trabalho e solidariedade no capitalismo racial.* São Paulo: Boitempo, 2023.
- 6 FRASER, Nancy. *Cannibal Capitalism. How Our System Is Devouring Democracy, Care, and the Planet — and What We Can Do about It.* London/New York: Verso, 2022, p. 2.
- 7 POLANYI, Karl. *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time.* Boston: Beacon Press, 2001.

RENATA DUTRA is an Associate Professor of Labor Law at the University of Brasília (UnB) and holds a Ph.D. and Master's degree in Law from the same University. She was President of the Brazilian Association of Labor Studies (2022-2023) and is a member of the Coordination of REMIR - Network for the Study and Interdisciplinary Monitoring of Labor Reform. She coordinates the Labor, Intersectionalities, and Rights Research Group (CNPq/UnB).



Breaking Social: O Fim do Contrato Social

Breaking Social

SUÉCIA, 2023, 92'

Todas as sociedades se baseiam na ideia de um contrato social. Nos é dito que se trabalharmos arduamente, se tratarmos os outros com respeito, se cumprirmos as regras, seremos recompensados. Mas há também aqueles que quebram as regras, que recorrem aos paraísos fiscais e colhem lucros sem retribuir à sociedade. O documentário examina os padrões globais de cleptocracia e extrativismo.

All societies are based on the idea of a social contract. We are told that if we work hard, if we treat others with respect, if we play by the rules, we will be rewarded. But then there's the rule breakers. Those who make use of tax havens and reap profits without paying back to society. The documentary looks at global patterns of kleptocracy and extractivism.



DIREÇÃO DIRECTOR
Fredrik Gertten
PRODUÇÃO PRODUCER
Margarete Jangård
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Janice d'Avila
EDIÇÃO EDITOR
Benjamin Binderup
CONTATO CONTACT
hanna@wgfilm.com



Estado Limite

On the Edge / État Limite

FRANÇA, 2023, 93'

Jamal Abdel Kader é o único psiquiatra do Hospital Beaujon, instalação de 400 leitos nos subúrbios de Paris. Dedicado aos seus pacientes, ele faz o possível para aliviar suas dores, ouvir suas palavras e os proteger de seus próprios demônios. No entanto, o serviço público de saúde vai mal – não há tempo suficiente e os cuidadores estão desmoronando. Ainda assim, Jamal e seus colegas continuam a se esforçar para cumprir a sua missão: curar almas e corpos.

Beaujon Hospital, Clichy, in the Paris suburbs. Jamal Abdel Kader is the only psychiatrist in this 400-bed facility. Dedicated to his patients, he does his utmost to soothe their pain, to listen to their words, to protect them from their own demons. However, the public health service is going badly. There isn't enough time, the caregivers are cracking up. Yet Jamal and his colleagues keep striving to fulfill their mission: to heal souls and bodies.



DIREÇÃO DIRECTOR
Nicolas Peduzzi
PRODUÇÃO PRODUCER
Carine Ruzsniowski
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Nicolas Peduzzi, Laëtitia Montalembert
EDIÇÃO EDITOR
Nicolas Sburlati
CONTATO CONTACT
nevena@lightdox.com



Mil Pinheiros

A Thousand Pines

EUA, 2023, 74'



Raymundo Morales é um dos imigrantes que dependem do polêmico programa de visto de trabalhador convidado. É sua décima nona temporada trabalhando para a maior empresa de reflorestamento dos EUA. Quando começou, ele era solteiro e tinha poucas incumbências. Agora, porém, precisa equilibrar suas responsabilidades para com a esposa, os filhos e a mãe idosa com problemas cardíacos em Oaxaca, no México, e as necessidades e emergências da equipe de plantio. Vivendo apenas três meses do ano em casa, o trabalho de Raymundo é a salvação e o sofrimento da família.

Raymundo Morales is one of the migrants who depend on the controversial guest worker visa program. It's his 19th season working for the largest reforestation company in the US. When he began, he was single and had few responsibilities. Now, however, he must balance his obligations to his wife, his children, and his elderly mother with a heart condition, back in Oaxaca, Mexico, while also tending to the needs and emergencies of the planting crew. Spending only three months at home during the off-season, Raymundo's job is both the family's salvation and its heartbreak.

DIREÇÃO DIRECTORS
Noam Osband,
Sebastián Díaz
PRODUÇÃO PRODUCERS
Noam Osband,
Sebastián Díaz
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Noam Osband
EDIÇÃO EDITOR
Angela Reginato
CONTATO CONTACT
noamosband@gmail.com



Os Motivados

The Driven Ones

SUÍÇA, 2023, 92'

As decisões tomadas pelos CEOs moldam a nossa sociedade; ajudam a determinar como vivemos, como trabalhamos e também quais regiões do mundo se beneficiam economicamente e quais não. Quem chega ao topo? Que valores essas pessoas representam? E elas estão conscientes de sua responsabilidade social? Durante sete anos, o documentário acompanhou a elite empresarial de amanhã: desde os seus estudos na Universidade de São Galo, no mais prestigiado programa de mestrado desse setor no mundo, até os primeiros estágios das suas carreiras.

Decisions made by CEOs shape our society; they help determine how we live, how we work, and also, which regions of the world benefit economically and which do not. Who reaches the top? What values do these people represent? And are they aware of their social responsibility? Over the course of seven years, the documentary follows tomorrow's business elite: from their studies at the University of St. Gallen, in the most prestigious Master's program of this sector in the world, to the early stages of their careers.



DIREÇÃO DIRECTOR
Piet Baumgartner
ROTEIRO SCRIPT
Piet Baumgartner
PRODUÇÃO PRODUCERS
Sarah Born, Dario Schoch, Rajko Jazbec
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Stefan Dux
EDIÇÃO EDITORS
Gesa Marten, Benjamin Fueter, Martin Arpagaus
CONTATO CONTACT
welcome@autlookfilms.com



Union

Union

EUA, 2024, 104'



Em abril de 2022, um grupo de trabalhadores fez história ao vencer a eleição e conquistar o primeiro local de trabalho sindicalizado da Amazon nos EUA. Tida como a mais importante vitória trabalhista desde a década de 1930, o documentário capta a campanha popular do Sindicato dos Trabalhadores da Amazon para sindicalizar milhares de colegas de trabalho desde o primeiro dia. Enfrentando uma superpotência corporativa e com poucas proteções legais para os trabalhadores, todas as probabilidades estão contra o Sindicato. No entanto, eles permanecem inabaláveis em suas crenças na ação coletiva, na dignidade e no poder da classe trabalhadora.

On April 1, 2022, a group of ordinary workers made history when they won the election and conquered the very first unionized Amazon workplace in America. Heralded as the most important win for labor since the 1930s, the documentary captures the Amazon Labor Union (ALU)'s historic grassroots campaign to unionize thousands of their co-workers from day one. Up against a corporate superpower and with legal protections at a drastic low for workers, all odds are against the ALU. Yet this rag-tag ensemble remains unswayed in their beliefs in collective action and the dignity and power of the working class.

DIREÇÃO DIRECTORS
Brett Story, Stephen Maing
PRODUÇÃO PRODUCERS
Brett Story, Stephen Maing, Samantha Curley, Mars Verrone, Martin DiCicco
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Martin DiCicco, Stephen Maing
EDIÇÃO EDITORS
Blair McLendon, Malika Zouhali-Worrall, Stephen Maing
CONTATO CONTACT
Josh@submarine.com

Knit's Island
Knit's Island

SOCIEDADE E TECNOLOGIA
SOCIETY AND TECHNOLOGY

O Espetáculo da Solidão à Espera dos Robôs

GABRIEL FERREIRA ZACARIAS

Poucas pessoas poderiam discordar de que vivemos em uma “sociedade do espetáculo”. A ideia talvez ainda provocasse algum estranhamento quando foi proposta pelo pensador francês Guy Debord, há já mais de 50 anos. Mas parece difícil achar uma fórmula mais adequada para nomear nosso mundo contemporâneo, percepção reforçada com as novas tecnologias de comunicação que habitam hoje nosso cotidiano, com suas diferentes formas de sociabilidade virtual e transmissões ininterruptas da mais pura banalidade. Debord faleceu em 1994 e não conheceu o mundo da internet. Como é possível então que algumas das elaborações que apresenta em seu livro *A Sociedade do Espetáculo*, de 1967, soem hoje como descrições perfeitas da realidade que conhecemos?

Isso pode indicar que aquilo que nos parece por vezes totalmente novo não é necessariamente tão distinto do que havia antes. Novas tecnologias, por mais inovadoras e surpreendentes que possam parecer, nem sempre são socialmente transformadoras. Podem ser apenas novas respostas a necessidades sociais que já existiam e que eram atendidas por outras tecnologias, mesmo que mais rudimentares. A comunicação constante das redes renova um anseio outrora correspondido pelo telefone fixo, assim como a enxurrada de pequenos vídeos da internet ocupa olhares antes capturados pelos televisores. Quando escreveu *A Sociedade do Espetáculo*, Debord não procurou descrever o espetáculo em seu sentido fenomenológico, isto é, como aparecia empiricamente em sua época. Em vez disso, tentou compreender o que era a sociedade que necessitava do espetáculo como forma de mediação. Apontou para uma dimensão estrutural que remetia às características específicas da modernidade capitalista, retornando às análises de Marx um século antes. Com isso, apreendeu um sentido mais profundo do “conjunto de relações sociais mediadas por imagens”¹, sentido que segue ainda hoje inalterado.

Não quero dizer, com isso, que mudanças de vulto não tenham ocorrido nas últimas décadas – o advento da internet é certamente um acontecimento incontornável – ou que não seja necessário atualizar o pensamento de Debord. Esta é sem dúvida uma tarefa ainda em aberto. Para tanto, é preciso o duplo esforço de tentar compreender devidamente sua teoria, sua relação com seu próprio contexto histórico, para em seguida afrontar as transformações ocorridas nos decênios que se seguiram. Os filmes apresentados no eixo *Sociedade e Tecnologia* da 13ª Mostra Ecofalante de Cinema nos oferecem este ano uma ótima oportunidade para isso. Filmes que tratam de temas próprios ao mundo das redes e das novas tecnologias digitais são apresentados em companhia de uma releitura da obra de Debord, em novo longa-metragem homônimo. Assim, encaram-se os fenômenos atuais ao mesmo tempo que se relembra o texto original.

Dirigido por Roxy Farhat e Göran Hugo Olsson, o documentário *A Sociedade do Espetáculo* (*La Société du Spectacle*, 2023), é necessário dizer, fica aquém da tarefa a que se propõe. Vale lembrar que o próprio Guy Debord realizou uma versão fílmica de sua obra em 1973, aplicando sua ideia de desvio (ou *détournement*, como a chamou em francês) e compondo um filme inteiramente de materiais de arquivo. Comparado ao filme de Debord, a releitura sueca é bem

menos ousada: apresenta uma leitura sequencial de teses do livro, que são em seguida comentadas por intelectuais convidados. Para aqueles que não conhecem o texto de Debord, pode servir como um primeiro contato. Contato limitado, porém, pois o longa traz trechos de apenas três dos nove capítulos do livro. A escolha de imagens é feita de erros e acertos. Por exemplo, já na porção final do filme, ouvimos a 45ª tese do livro de Debord (o qual, vale lembrar, possui 221 teses):

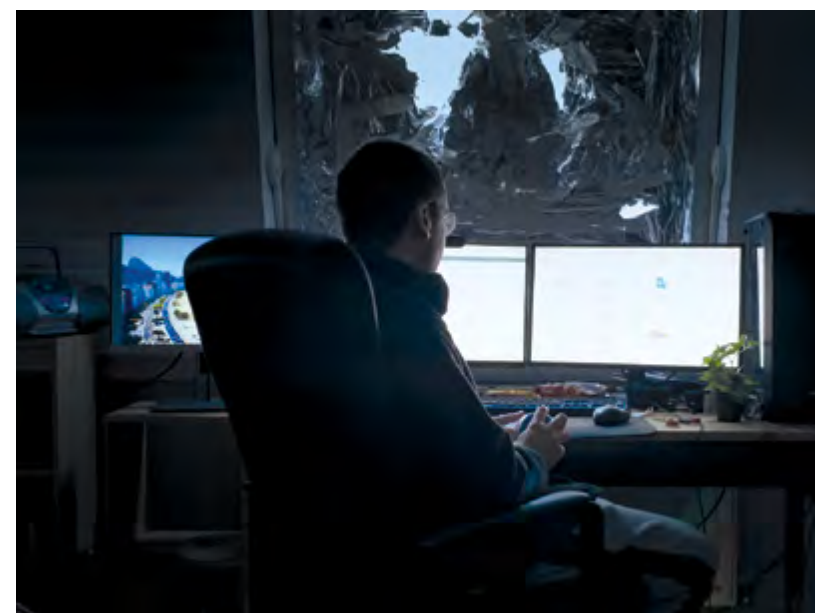
A automação, o setor mais avançado da indústria moderna, leva o sistema produtor de mercadorias a resolver a seguinte contradição: o desenvolvimento tecnológico, que tende a eliminar o trabalho, precisa ao mesmo tempo manter o trabalho como mercadoria. A única forma de impedir que a automação reduza o tempo de trabalho socialmente necessário é a criação de novos trabalhos. Para tanto, o exército de reserva dos desempregados é convocado para o setor de serviços, reforçando as tropas responsáveis pela distribuição e glorificação das mercadorias mais recentes. Campanhas publicitárias cada vez mais custosas são necessárias para convencer as pessoas a comprar mercadorias cada vez mais desnecessárias².

O texto da tese, em inglês, é projetado sobre uma sequência de imagens que retratam uma produção automatizada de frangos, desde as chocadeiras até o abatimento e a fritura. Nenhuma discussão segue a leitura da tese. A escolha de uma sequência sobre a produção semiautomatizada de alimentos em uma tese que fala do convencimento para se comprar “mercadorias desnecessárias” (*unnecessary commodities*) parece errar o alvo. Mais importante, o significado da tese não é evidente e requer explicações. Originalmente, a passagem tem uma função importante, pois evidencia que, para Debord, não é possível pensar o espetáculo sem pensar, igualmente, a dimensão estrutural da sociedade capitalista, e que esta encontra seu núcleo no trabalho produtor de mercadorias. Debord reconhece aqui, com boa clareza, a contradição interna do capitalismo, cujo constante avanço tecnológico, ao dispensar o trabalho vivo, aumenta o lucro do produtor independente, mas produz a queda da massa social de valor (cuja fonte repousa, justamente, sobre a apropriação do trabalho). Mesmo sem ter lido os *Grundrisse* de Marx, ainda não publicados na França quando escreveu seu livro, Debord percebe, como indicaria Marx em

suas notas, que o capital não pode renunciar ao trabalho vivo e deve mantê-lo sob a forma de “trabalho supérfluo”.

Que Marx e Debord estavam certos em suas intuições sobre o trabalho supérfluo é o que parece confirmar a história contada por *Humano Não-Humano* (*En Attendant les Robots*, 2023), um ótimo média-metragem belga dirigido por Natan Castay. O título original do filme, traduzido livremente como “Esperando os Robôs”, evoca a peça de Samuel Beckett, *Esperando Godot*. A situação que apresenta não é menos absurda do que as que compõem tal obra. Otto é o personagem principal do documentário, um personagem fictício, mas que faz um trabalho real. Cadastrado na plataforma de trabalho Amazon Mechanical Turk, da *big tech* de Jeff Bezos, Otto realiza uma série de pequenas atividades repetitivas e tediosas, que bem poderiam ser executadas por um personagem beckettiano. Ele deve borrar manualmente os rostos de cada pessoa fotografada pelas lentes do Google Maps nas ruas de Bruxelas ao preço de um centavo por rosto, valor não apenas irrisório, mas que, além de tudo, é pago em vouchers da Amazon. Faz outras tarefas não menos absurdas, por vezes pouco compreensíveis, marcando detalhes em raios-x ou objetos específicos em fotografias. Otto é o humano que está por trás do teste ao qual somos frequentemente submetidos para confirmarmos que não somos um robô. Um humano que marcou previamente todas as bicicletas do mosaico de imagens que a máquina nos apresenta para auferir nossa humanidade. Em uma passagem forte do filme, Otto deve designar quais imagens apresentam humanos (com o comando de voz “human”, em inglês) e quais apresentam objetos (com o comando de voz “not human”, seguido do nome do objeto). O sistema empaca na imagem de uma lixeira em frente a uma casa, e não aceita a afirmação de Otto: “não humano, lixo”. Após incontáveis e irritantes tentativas, Otto, em um lampejo desesperado, muda de ideia e afirma: “humano”. A máquina aceita.

A sequência, de onde provém o título internacional do média (*Human Not Human*), tem uma função-chave. O filme aborda a desumanização dos trabalhadores precarizados em suas tarefas maquinais submetidas aos comandos da plataforma. Mas não só. Indica também o seu destino inevitável: a substituição pela própria máquina. É como se a máquina estivesse escarnecendo do humano, esse conteúdo ultrapassado prestes a ser descartado. A cena elucidada o problema central do documentário. A questão não é tanto a precariedade do trabalho que Otto executa – em si já assustadora –, mas o fato de que este



Humano Não-Humano
Human Not Human / En Attendant les Robots

sabe que seu trabalho é temporário, servindo para informar a Inteligência Artificial que logo substituirá os trabalhadores da plataforma. Todos estão esperando os robôs. Uma riqueza particular deste curto documentário está em equilibrar bem uma linha narrativa roteirizada, com o personagem principal fictício, e a incorporação de material documental através das relações que Otto estabelece com outros trabalhadores da plataforma: um inglês com agorafobia na Tailândia, um pastor evangélico nos EUA, um casal de irmãos brasileiros sorridentes e calorosos. Conversas online entre Otto e esses personagens reais, todos executores das tarefas designadas pela Amazon Mechanical Turk, preenchem o documentário com a humanidade esvaziada pela dominação robótica da plataforma.

Otto enuncia diversas vezes que seus trabalhos serão substituídos pela IA. Em certo momento do filme, recoloca a velha utopia da sociedade industrial, de que a máquina poderia nos libertar do peso do trabalho. A geração de Debord acreditara nisto. Se na tese citada acima Debord destaca a “automação” como “setor mais avançado da indústria moderna”, é porque o tema estava então na ordem do dia, com o avanço de uma nova onda de industrialização nos anos 1950 e 1960 e significativas transformações nos processos industriais. A introdução

dos primeiros processos computadorizados abria já naquele momento a perspectiva de uma automatização completa do trabalho fabril. Muito se debatia e se imaginava sobre o que seria esse futuro. Herbert Marcuse, por exemplo, inicia seu livro *Eros e Civilização*, de 1955, com a constatação de que “a automação pode tornar possível a inversão da relação entre tempo livre e tempo de trabalho sobre a qual repousa a civilização atual”³. Era essa transformação no processo industrial, liberando o tempo livre, que traria, segundo Marcuse, a possibilidade de uma sociedade refundada sob princípios não-repressivos, inclusive sob a ótica psicanalítica. Debord e os situacionistas encontravam aí o grande terreno de disputa para um novo projeto revolucionário. A disputa sobre esse tempo liberado era fundamental para uma transformação emancipatória da sociedade. A nascente “sociedade do espetáculo” anunciava seu oposto: a recuperação desse tempo liberado para o consumo passivo de divertimentos e mercadorias, que prolongavam na esfera doméstica a mesma alienação vivenciada na fábrica.

Não é exagero dizer que essa era a grande questão que motivava Debord. Não tanto as imagens em si, mas o uso do tempo. A possibilidade de um tempo liberado dos imperativos da produção e do consumo de mercadorias. Dois capítulos de seu livro são dedicados a esse tema. No francês *Knit's Island* (2023), de Ekiem Barbier, Guilhem Causse e Quentin L'helgoualc'h, assistimos a uma forma inusitada de documentário. Uma equipe de filmagem adentra um mundo virtual – uma ilha fictícia de 250 km² – para registrá-lo, entrevistando os usuários em seus avatares militarizados. Aprendemos que esse mundo virtual inicialmente criado com lei e ordem degradingou em um cenário apocalíptico, no qual usuários andam armados, por vezes em bandos, dando vazão a seus desejos de violência. Nesse enredo dominado pela pulsão de morte, alguns ocupantes destoam dos demais, como um casal de cientistas que ingressa junto no jogo para repousar de sua vida habitual de trabalho e cuidados familiares. Uma coisa, porém, é comum a todos: o tempo dedicado a essa vida fictícia em um mundo paralelo. Usuários permanecem logados às vezes por milhares de horas, segundo relatam os documentaristas, que lá habitaram por 963 horas.

Também relacionado ao mundo dos *games*, mas com inclinações muito diversas, o estadunidense *Quebrando o Jogo* (*Break the Game*, 2023), de Jane M. Wagner, conta a ascensão e a queda de um *gamer* de sucesso. Cosmo Wright gozara de fama e reconhecimento

no meio *gamer* por ter “quebrado” o jogo *Zelda*, sediando um canal online que era seguido por muitos milhares de espectadores. Anos depois, atravessa uma mudança de gênero que desagradava muitos de seus seguidores e lhe custa popularidade. Com o esperado lançamento de uma nova sequência do jogo, Narcissa Wright tenta recobrar seu antigo sucesso. Seu canal no Twitch, que transmite diariamente suas tentativas de zerar o novo jogo em tempo recorde, converte-se em algo muito diferente: uma exposição constante da depressão de Narcissa, com crises retroalimentadas pelas trocas inconstantes com seus seguidores no chat e por seu fracasso em atingir marcas expressivas de visualização. O nome escolhido na nova identidade não é um significativo qualquer. A personagem parece ansiar pelo narcisismo perdido, uma indistinção entre o eu e o mundo na qual o mundo perde seu caráter de ameaça e se submete aos desígnios do sujeito, desejo regressivo que apenas o videogame parece satisfazer. Mas a ilusão é desfeita a cada fracasso, a cada mensagem ofensiva no chat do canal. O resgate vem por meio de outra *gamer* que a retira de seu isolamento e a leva para o mundo real. A natureza deslumbrante emulada em *Zelda* é substituída pelas paisagens sublimes da Califórnia. Uma bela tomada de Narcissa no alto de um rochedo – que poderia recordar a conhecida tela de Caspar David Friedrich, *Viajante sobre o Mar de Névoa* (1818), não fosse a ausência de neblina – parece transformá-la, na vida real, em Link, o herói do game *Zelda*. Trata-se, contudo, de um artifício. Narcissa sente vertigem perante a paisagem. Perde o equilíbrio quando dança com sua companheira em uma boate. O mundo real lhe é estranho. Ao fim, Narcissa retorna à casa dos pais, em busca do conforto materno.

Como os filmes tornam evidente, isolamento e solidão são temas incontornáveis na sociedade do espetáculo. Uma questão, ademais, que não pode ser dissociada do desenvolvimento tecnológico. Essa relação intrínseca já era percebida por Debord, que escreve em seu livro:

O sistema econômico fundado no isolamento é uma produção circular do isolamento. O isolamento fundamenta a técnica; reciprocamente, o processo técnico isola. Do automóvel à televisão, todos os bens selecionados pelo sistema espetacular são também suas armas para o reforço constante das condições de isolamento das “multidões solitárias”⁴.

O isolamento precede não apenas o tempo da internet e das redes sociais. Em certa medida, ele precede até mesmo a sociedade do espetáculo. Ele é uma característica da modernização capitalista, que desfaz os elos comunitários e torna a integração social dependente do mercado. Não à toa, Michel Foucault, em outra chave de leitura, fará a genealogia da criação do indivíduo, o qual demonstra não ser o contrário da dominação moderna, e sim seu mais evidente produto. Nessa ordem social atomizada, o espetáculo, como forma de compensação, reconstitui pseudocomunidades no âmbito separado da representação. É a busca desse alívio temporário que motiva a autoexposição em busca de *likes*, ou as horas perdidas em mundos fictícios.

Assim, uma jovem de origem afegã vivendo nos EUA e sentindo-se deslocada socialmente pode reencontrar uma sensação de pertencimento quando faz vídeos que reiteram sua identidade cultural e se torna, em consequência, um fenômeno nas redes. É a história de Feroza Azis, personagem com a qual se inicia *TikTok, Boom*. (2021), de Shalini Kantayya. Com uma forma narrativa convencional, o longa não se concentra inteiramente na dimensão subjetiva da exposição nas redes, tendo por intenção abarcar a problemática geopolítica do tema. Como o público pode se lembrar, o sucesso da plataforma se tornou motivo de preocupação por parte das autoridades norte-americanas, e a administração Trump chegou a propor seu banimento nos EUA em 2020. O aplicativo foi proibido em aparelhos de funcionários do Estado, pois os dados recolhidos pela *big tech* chinesa poderiam colocar em risco a segurança nacional. O caso revela decerto a irracionalidade política do espetáculo, e o lugar central que o domínio dos meios espetaculares ocupa irremediavelmente nas disputas do presente. Mas, ao apresentar diferentes personagens que buscam a realização subjetiva através do TikTok, quer o entendam como lugar de “carreira” ou de “contestação”, demonstra também que para as novas gerações o mundo das imagens é uma segunda natureza indiscernível do ar que respiram.

Todos esses casos indicam a vontade desesperada de integrar o espetáculo à realidade⁵. Essa talvez seja a grande contradição da sociedade do espetáculo em seu estado atual. As tecnologias que se desenvolveram nas últimas décadas criaram uma nova forma de espetáculo, distinta daquela que existia nos tempos de Guy Debord. Se antes o espetáculo era um “monólogo ininterrupto” e um “monopólio da aparência”, hoje ele é uma pluralidade incessante de falas dis-

persas, de representações produzidas e difundidas por todos os lados. Se antes era possível dizer que o “vivido individual permanece sem linguagem”⁶, como manter uma tal afirmação nos tempos das redes sociais? A questão seria, na verdade, outra: por que, apesar de todas essas transformações, o espetáculo ainda é sentido como vazio? Por que a multiconexão não suprime a solidão, mas a aprofunda? Por que a liberdade da vida virtual, por mais atraente que possa ser, não é suficiente para substituir a vida fora das redes, e exige validações da realidade que tenta suprimir? Todos os filmes que compõem este eixo temático parecem convergir nesse ponto. Os momentos de esperança ou, ao menos, de alívio se dão invariavelmente quando a vida “deslogada” se anuncia: por amizades, amores, ou mesmo por um simples raio de sol.

- 1 DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, tese 4, p. 14.
- 2 Faço aqui a tradução do parágrafo como é apresentado no filme. O texto original do livro é ligeiramente mais longo e foi simplificado na versão em inglês. Ver: DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, tese 45, p. 32.
- 3 MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 10.
- 4 DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, tese 28, p. 23.
- 5 O conceito de espetáculo integrado foi sugerido pelo próprio Debord em um texto mais tardio. Entendo que esse conceito possa servir para a compreensão dos tempos atuais. Sem poder retomar aqui essa hipótese, remeto ao meu livro *Crítica do Espetáculo: O Pensamento Radical de Guy Debord*. São Paulo: Elefante, 2022.
- 6 DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, tese 157, p. 107.

GABRIEL FERREIRA ZACARIAS é professor de História da Arte na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Professor Visitante da Universidade de Hamburgo, com apoio do programa CAPES-Humboldt. Foi também *Visiting Fellow* da Universidade de Yale (2020). É autor de *Crítica do Espetáculo: O Pensamento Radical de Guy Debord* (Elefante, 2022) e de *No Espelho do Terror: Jihad e Espetáculo* (Elefante, 2018). É igualmente coautor, com Alastair Hemmens, de *The Situationist International: A Critical Handbook* (Pluto Press, 2020) e, com Anselm Jappe, de *Capitalismo em Quarentena* (Ombre Corte, 2021). Em 2019 recebeu o prêmio Jabuti na categoria Ensaio de Arte.

The Spectacle of Loneliness Waiting for the Robots

GABRIEL FERREIRA ZACARIAS

Few would disagree that we live in a “society of the spectacle”. The idea was perhaps still a little strange when proposed by the French thinker Guy Debord more than 50 years ago. But it is difficult to find a more appropriate formula to name our contemporary world, a perception reinforced by the new communication technologies that now inhabit our daily lives, with their different forms of virtual sociability and uninterrupted transmissions of the purest triviality. Debord died in 1994 and did not know the world of the internet. How come some of the elaborations he presented in his 1967 book *Society of the Spectacle* sound today like perfect descriptions of the reality we know?

This may indicate that what sometimes seems totally new to us is not necessarily so different from what was there before. New technologies, however innovative and surprising they may seem, are not always socially transformative. They may just be new responses to social needs that already existed and were met by other technologies, albeit more rudimentary. The constant communication of networks renews a longing that was once fulfilled by landlines, just as the flood of short videos on the internet captures eyes that were previously captured by television. When he wrote *Society*

of the Spectacle, Debord didn't try to describe the spectacle in its phenomenological sense, that is, as it appeared empirically in his time. Instead, he tried to understand what was it about society that required the spectacle as a form of mediation. He pointed to a structural dimension that referred to the specific characteristics of capitalist modernity, returning to Marx's analysis a century earlier. With this, he grasped a deeper meaning of the “social relation between people that is mediated by images”¹, which has remained unchanged to this day.

That is not to say that relevant changes haven't occurred in recent decades – the advent of the internet is definitely an inevitable event – or that Debord's thinking doesn't need to be updated. That is undoubtedly still an open task. To do so, we need to make the double effort of first understanding his theory and its relationship with its historical context, and then confronting the transformations that have happened in the decades since. The films presented this year in the *Society and Technology* axis of the **Ecofalante Film Festival's** 13th edition offer us an opportunity to do just that. Films that deal with themes specific to the world of networks and new digital technologies are presented alongside a rereading of Debord's work in a new feature film by the same name. Thus, we face current phenomena while recalling the original text.

Directed by Roxy Farhat and Göran Hugo Olsson, the documentary *The Society of the Spectacle* (*La Société du Spectacle*, 2023), it has to be said, falls short of the task

it sets for itself. It's worth remembering that Guy Debord himself made a film version of his work in 1973, applying his idea of deviation (or *détournement*, as he called it in French) and composing a film entirely from archive materials. Compared to Debord's film, the Swedish retelling is much less daring: it presents a sequential reading of theses from the book, which are then commented on by invited intellectuals. For those unfamiliar with Debord's text, it can serve as a first contact. A limited contact, however, as the feature film includes excerpts from only three of the book's nine chapters. The choice of images is made up of mistakes and successes. For example, towards the end of the movie, we hear the 45th thesis of Debord's book (which it is worth remembering has 221 theses):

Automation, the most advanced sector of modern industry, drives the commodity system to resolve the following contradiction: The technological developments that tend to eliminate work must at the same time preserve labor as a commodity. The only way to prevent automation from reducing society's necessary labor time is to create new jobs. To do this the reserve army of the unemployed is enlisted into the service sector, reinforcing the troops responsible for distributing and glorifying the latest commodities. Increasingly extensive marketing campaigns are necessary to convince people to buy increasingly unnecessary commodities².

The text of the thesis, in English, is projected onto a sequence of images depicting automated chicken production, from brooding to slaughtering and frying. No discussion follows the reading of the thesis. The choice of a sequence about semi-automated food production in a thesis that touches on convincing people to buy “unnecessary commodities” seems to miss the mark. More importantly, the meaning of the thesis is not obvious and requires explanation. Originally, the passage has an important function because it shows that, for Debord, thinking about the spectacle is impossible without thinking about the structural dimension of capitalist society and that this finds its core in commodity-producing labor. Debord recognizes with great clarity here the internal contradiction of capitalism, whose constant technological advance, by dispensing with living labor, increases the profit of the independent producer but produces a fall in the social mass of value (whose source lies precisely in the appropriation of labor). Even without having read Marx's *Grundrisse*, which had not yet been published in France when he wrote his book, Debord realizes, as Marx indicated in his notes, that capital cannot renounce living labor and must maintain it in the form of “superfluous labor”.

That Marx and Debord were right in their intuition about superfluous labor seems to be confirmed by the story told by **Human Not Human** (*En Attendant les Robots*, 2023), a fine Belgian medium-length film directed by Natan Castay. The film's original title, loosely translated



Quebrando o Jogo
Break the Game

as “Waiting for the Robots”, evokes Samuel Beckett’s play *Waiting for Godot*. The situation it presents is no less absurd than those in the play. Otto is the main character in the documentary, a fictional character, but one who does a real job. Registered on Jeff Bezos’ Amazon Mechanical Turk work platform, Otto carries out a series of small, repetitive, and tedious activities that could well be performed by a Beckettian character. He has to manually blur the faces of each person photographed by Google Maps lenses on the streets of Brussels at the cost of one cent per face, which is not only derisory but also paid for in Amazon vouchers. He does other tasks that are no less absurd, sometimes incomprehensible, marking details on X-rays or specific objects in photographs. Otto is the human behind the test we are

often faced with to confirm we are not a robot. A human who has previously marked all the bicycles in the mosaic of images that the machine presents to us to gauge our humanity. In a strong passage in the movie, Otto has to designate which images show humans (with the voice command “human”) and which show objects (with the voice command “not human” followed by the name of the object). The system stalls on the image of a garbage can in front of a house and won’t accept Otto’s statement, “Not human, garbage.” After countless irritating attempts, Otto, in a desperate flash, changes his mind and says, “Human”. The machine accepts.

The passage, from which the international title of the film originates, has an important function. The film addresses the dehumaniza-

tion of precarious workers in their machinelike tasks subjected to the platform’s commands. But that’s not all. It also indicates their inevitable fate: replacement by the machine itself. It’s as if the machine were mocking the human, that outdated content about to be discarded. The scene elucidates the central problem of the documentary. The issue is not so much the precariousness of the work performed by Otto – in itself frightening – but the fact that he knows that his work is temporary, serving to inform the Artificial Intelligence that will soon replace the workers on the platform. Everyone is waiting for the robots. A particular richness of this short documentary is that it balances well a scripted narrative line with the fictional main character and the incorporation of documentary material through the relationships Otto establishes with other platform workers: an Englishman with agoraphobia in Thailand, an evangelical pastor in the USA, a couple of smiling and warm Brazilian brothers. Online conversations between Otto and these real characters, who perform the tasks assigned by Amazon Mechanical Turk, fill the documentary with the humanity emptied by the platform’s robotic domination.

Otto affirms that his work will be replaced by AI several times. At one point in the film, he revisits the old utopia of industrial society, that the machine could free us from the burden of work. Debord’s generation believed this. If, in the thesis quoted above, Debord highlights “automation” as the “most advanced sector of modern industry” it is be-

cause the topic was then on the agenda, with the advance of a new wave of industrialization in the 1950s and 1960s and significant transformations in industrial processes. The introduction of the first computerized processes already opened up the prospect of the complete automation of factory work. Much was debated and imagined about what this future would look like. Herbert Marcuse, for example, begins his 1955 book *Eros and Civilization* with the observation that “Automation threatens to render possible the reversal of the relation between free time and working time on which the established civilization rests”³. This transformation in the industrial process, liberating free time, would bring, according to Marcuse, the possibility of a society re-founded on non-repressive principles, from a psychoanalytical perspective as well. Debord and the Situationists found in it the big terrain of dispute for a new revolutionary project. The dispute over this liberated time was fundamental for an emancipatory transformation of society. The emerging “society of the spectacle” heralded the opposite: the recovery of this time freed up for the passive consumption of entertainment and merchandise, which prolonged in the domestic sphere the same alienation experienced in the factory.

It’s no exaggeration to say that this was the big question that motivated Debord. Not so much the images in themselves but rather the use of time. The possibility of time freed from the imperatives of goods production and consumption. Two chapters of his book are dedicated

to this theme. In the French *Knit's Island* (2023), by Ekiem Barbier, Guilhem Causse, and Quentin L'helgoualc'h we see an unusual documentary form. A film crew enters a virtual world – a fictional 250 km² island – to record it, interviewing users in their militarized avatars. We learn that this virtual world, initially created with law and order, has degenerated into an apocalyptic scenario in which users carry weapons, sometimes in gangs, giving vent to their desires for violence. In this plot dominated by the death drive, some occupants stand out from the rest, like a couple of scientists who join the game together to take a break from their usual work and family life. One thing, however, is common to all: the time dedicated to this fictional life in a parallel world. Users remain logged in, sometimes for thousands of hours, according to the documentary makers, who lived there for 963 hours.

Also related to the world of games, but with very different angles, the North American film *Break the Game* (2023) by Jane M. Wagner tells the rise and fall of a successful gamer. Cosmo Wright had enjoyed fame and recognition in the gaming world for having “broken” the *Zelda* game, hosting an online channel followed by many thousands of viewers. Years later, he went through a change of gender that displeased many of his followers and cost him popularity. With the expected release of a new sequel to the game, Narcissa Wright tries to recapture her former success. Her Twitch channel, which broadcasts her daily attempts to beat the new game in record time, has turned

into something very different: a constant display of Narcissa's depression, with crises fed back to her by fickle exchanges with her chat followers and her failure to reach significant viewing figures. The name chosen for her new identity is not without significance. The character seems to yearn for the lost narcissism, an indistinction between the self and the world in which the world loses its threatening character and submits to the subject's designs, a regressive desire that only the video game seems to satisfy. But the illusion is shattered with each failure and each offensive message in the channel's chat. The rescue comes via another gamer who takes her out of her isolation and into the real world. The amazing nature emulated in *Zelda* is replaced by the sublime landscapes of California. A beautiful shot of Narcissa on top of a cliff – which could remind us of Caspar David Friedrich's well-known painting, *Wanderer above the Sea of Fog* (1818), were it not for the absence of fog – seems to transform her, in real life, into Link, the hero of the *Zelda* game. However, this is but artifice. Narcissa feels dizzy in front of the landscape. She loses her balance when she dances with her partner in a nightclub. The real world is alien to her. Eventually, Narcissa returns to her parents' house for maternal comfort.

As the films make clear, isolation and loneliness are unavoidable themes in the society of the spectacle. It is also an issue that cannot be dissociated from technological development. This intrinsic relationship was already perceived by Debord, who writes in his book:

*The reigning economic system is a vicious circle of isolation. Its technologies are based on isolation, and they contribute to the same isolation. From automobiles to television, the goods that the spectacular system chooses to produce also serve it as its weapons for constantly reinforcing the conditions that engender “lonely crowds.”*⁴

Isolation precedes not only the time of the internet and social networks but, to a certain extent, the very society of the spectacle. It is a characteristic of capitalist modernization, which breaks down community ties and makes social integration dependent on the market. It's no coincidence that Michel Foucault, in another reading key, will genealogize the creation of the individual, who proves not to be the opposite of modern domination but rather its most obvious product. In this atomized social order, the spectacle, as a form of compensation, reconstitutes pseudo-communities in the separate sphere of representation. The search for this temporary relief is the driving motivation of self-exposure in search of “likes” or the hours wasted in fictional worlds.

Thus, a young woman of Afghan origin living in the USA and feeling socially displaced can rediscover a sense of belonging when she makes videos that reiterate her cultural identity and, as a result, becomes a phenomenon on the web. That is the story of Feroza Azis, the character with whom Shalini Kantayya's *TikTok, Boom*. (2021) begins. With a conventional narrative

form, the film doesn't focus entirely on the subjective dimension of exposure to social media but instead aims to encompass the geopolitical problem of the issue. As the public may recall, the platform's success became a cause for concern for the USA authorities, and the Trump administration even proposed banning it in the USA in 2020. The app was banned from state employees' devices because the data collected by the Chinese big tech could jeopardize national security. The case reveals the political irrationality of the spectacle and the central place that the dominance of spectacular media irrevocably occupies in the disputes for the present. But by presenting different characters who seek subjective fulfillment through TikTok, whether because they regard it as a place of “career” or “contestation”, the film also shows that for the new generations, the world of images is a second nature indiscernible from the air they breathe.

All these cases indicate the desperate desire to integrate the spectacle into reality⁵. That is perhaps the great contradiction of the society of the spectacle in its current state. The technologies developed in recent decades have created a new form of spectacle, different from Guy Debord's time. If previously the spectacle was an “uninterrupted monologue”, today it is an uninterrupted plurality of dispersed speeches, of representations produced and disseminated on all sides. If before it was possible to say that the “individual experience [...] remains without language”⁶, how can such a statement be maintained in times

of social networks? The question is different: why, despite all these transformations, does the spectacle still feel empty? Why does multiconnection not eliminate loneliness but rather deepen it? Why is it that the freedom of virtual life, however attractive it may seem, is not enough to replace life outside social media and requires validation of the reality it is trying to suppress? All the films that make up this thematic axis seem to converge on this point. Moments of hope, or at least relief, invariably occur when life “offline” announces itself: through friendships, love, or even a simple ray of sunshine.

- 1 DEBORD, Guy. *Society of the Spectacle*. London: Rebel Press, 2005, thesis 4, p. 7.
- 2 This is the paragraph as presented in the film. The book’s original text is slightly longer and has been simplified. See: DEBORD, Guy. *Society of the Spectacle*. London: Rebel Press, 2005, thesis 45, p. 22.
- 3 MARCUSE, Herbert. *Eros and Civilization: A Philosophical Inquiry into Freud*. Boston: Beacon, 1955, p. vii.
- 4 DEBORD, Guy. *Society of the Spectacle*. London: Rebel Press, 2005, thesis 28, p. 15.
- 5 The concept of an integrated spectacle was suggested by Debord himself in a later text. I understand that this concept can be used to understand current times. Not being able to revisit this hypothesis here, I refer to my book *Crítica do Espetáculo: O Pensamento Radical de Guy Debord*. São Paulo: Elefante, 2022.
- 6 DEBORD, Guy. *Society of the Spectacle*. London: Rebel Press, 2005, thesis 157, p. 90.

GABRIEL FERREIRA ZACARIAS is a Professor of Art History at the State University of Campinas (Unicamp) and Visiting Professor at the University of Hamburg, with support from the CAPES-Humboldt program. He was also a Visiting Fellow at Yale University (2020). He is the author of *Crítica do Espetáculo: O Pensamento Radical de Guy Debord [Critique of the Spectacle: The Radical Thought of Guy Debord]* (Elefante, 2022) and *No Espelho do Terror: Jihad e Espetáculo [In the Mirror of Terror: Jihad and Spectacle]* (Elefante, 2018). He is also co-author, with Alastair Hemmens, of *The Situationist International: A Critical Handbook* (Pluto Press, 2020) and, with Anselm Jappe, of *Capitalismo em Quarentena [Capitalism in Quarantine]* (Ombre Corte, 2021). In 2019 he was awarded the Jabuti prize in the Art Essay category.



A Sociedade do Espetáculo

The Society of the Spectacle / La Société du Spectacle

SUÉCIA, 2023, 90'

O filme propõe uma adaptação visual e humorística do clássico ensaio de Guy Debord, *A Sociedade do Espetáculo* (1967). Hoje, o ato de consumir o que não precisamos vai além de uma atividade recreativa sem sentido; tornou-se uma nova ordem espiritual mundial, inflexível até mesmo diante da crise climática que ameaça nossa futura existência. Criado a partir de imagens contemporâneas, *found footage* e cenas originais, o documentário examina como a circulação de imagens cria vontades e muda a forma como nos vemos e interagimos uns com os outros.

A visual and humorous adaptation of Guy Debord's 1967 classic essay La Société du Spectacle. Today, the act of consuming things we do not need has gone beyond a meaningless recreational activity; it has become a new spiritual world order, unyielding even to the climate crisis that threatens our future existence. Created from contemporary images, found footage, and original scenes, the film examines how the circulation of images creates desire and profoundly changes the way we see ourselves and interact with each other.



DIREÇÃO DIRECTORS

Roxy Farhat, Göran Hugo Olsson

ROTEIRO SCRIPT

Roxy Farhat, Göran Hugo Olsson, Joslyn Barnes, Sophie Vukovic

PRODUÇÃO PRODUCERS

Tobias Janson, Melissa Lindgren

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Johan Lundborg

EDIÇÃO EDITORS

Roxy Farhat, Göran Hugo Olsson

CONTATO CONTACT

info@story.se



Humano Não-Humano

Human Not Human / En Attendant les Robots

BÉLGICA, 2023, 38'

O Turco Mecânico foi um autômato construído no século XVIII que venceu as cortes europeias no xadrez. Indignado com a sua derrota, Napoleão exigiu que se desmontasse a máquina e assim revelou a fraude: nas entranhas mecânicas estava um ser humano. Hoje, essa anedota deu nome à plataforma de microtarefas da Amazon, a Amazon Mechanical Turk. Otto passa noite e dia desfocando rostos no Google Street View por um centavo cada. Ao lado de seus colegas, Otto mergulha em um mundo robótico que questiona a noção de humanidade.

In the 18th century, the Mechanical Turk was an automaton that beat the European courts at chess. Incensed by his defeat, Napoleon demanded that the machine be dismantled and thus revealed the deception: in the mechanical entrails was actually a human being. Today, this legend has given its name to Amazon's microtasking platform, Amazon Mechanical Turk. Otto spends night and day blurring faces on Google Street View for a cent each. Alongside his turker friends, Otto sinks into a robotic world that raises the question of humanity.



DIREÇÃO DIRECTOR

Natan Castay

ROTEIRO SCRIPT

Natan Castay

PRODUÇÃO PRODUCER

Bénédicte Lescalier

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

Elias Berdah, Pierre Adamczyk

EDIÇÃO EDITOR

Tabatha Duval

CONTATO CONTACT

promo@cbadoc.be



Knit's Island

Knit's Island

FRANÇA, 2023, 96'

Em algum lugar da internet existe um espaço de 250 quilômetros quadrados onde indivíduos se reúnem em comunidade para simular uma ficção sobrevivencialista. Sob o disfarce de avatares, uma equipe de filmagem entra nesse local e faz contato com os jogadores. Quem são esses habitantes digitais? Eles estão realmente jogando?

Somewhere on the Internet, there is a space of 250 square kilometers in which individuals gather in community to simulate a survivalist fiction. Under the guise of avatars, a film crew enters this place and makes contact with players. Who are these inhabitants? Are they actually playing?



DIREÇÃO DIRECTORS

Ekiem Barbier, Guilhem Causse, Quentin L'helgoualc'h

ROTEIRO SCRIPT

Ekiem Barbier, Guilhem Causse, Quentin L'helgoualc'h

PRODUÇÃO PRODUCER

Boris Garavini

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

Ekiem Barbier, Guilhem Causse, Quentin L'helgoualc'h

EDIÇÃO EDITOR

Nicolas Bancillon

CONTATO CONTACT

info@squareeyesfilm.com



Quebrando o Jogo

Break the Game

EUA, 2023, 73'

Depois de se assumir como uma mulher trans, a gamer Narcissa Wright perde sua enorme base de fãs. Para reconquistá-la, ela tenta estabelecer um novo recorde mundial em *The Legend of Zelda: Breath of the Wild*, enquanto transmite ao vivo cada minuto de sua busca mítica. A partir de um arquivo de mais de três mil horas de transmissões de Narcissa, depoimentos e animação 8 bits, o documentário expõe a cultura *gamer*, o assédio online e as implicações de viver uma vida digital para a saúde mental.

After coming out as a trans woman, world-record-holding gamer, Narcissa Wright loses her massive fanbase. To win them back, she attempts to set a new world record in The Legend of Zelda: Breath of the Wild, while live-streaming every minute of her mythic quest. Drawing from an archive of more than 3,000 hours of Narcissa's live streams, intimate verite, and 8-bit animation, the documentary is a moving exploration of gamer culture, the realities of online harassment, and the mental health implications of living a digital life.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Jane M. Wagner
ROTEIRO *SCRIPT*
Jane M. Wagner
PRODUÇÃO *PRODUCER*
Jane M. Wagner
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAPHERS
Justin Stanley, Narcissa Wright, Jane M. Wagner
EDIÇÃO *EDITORS*
Jane M. Wagner, Nina Sacharow, Stephanie Andreou
CONTATO *CONTACT*
breakthegamemovie@gmail.com



TikTok, Boom.

TikTok, Boom.

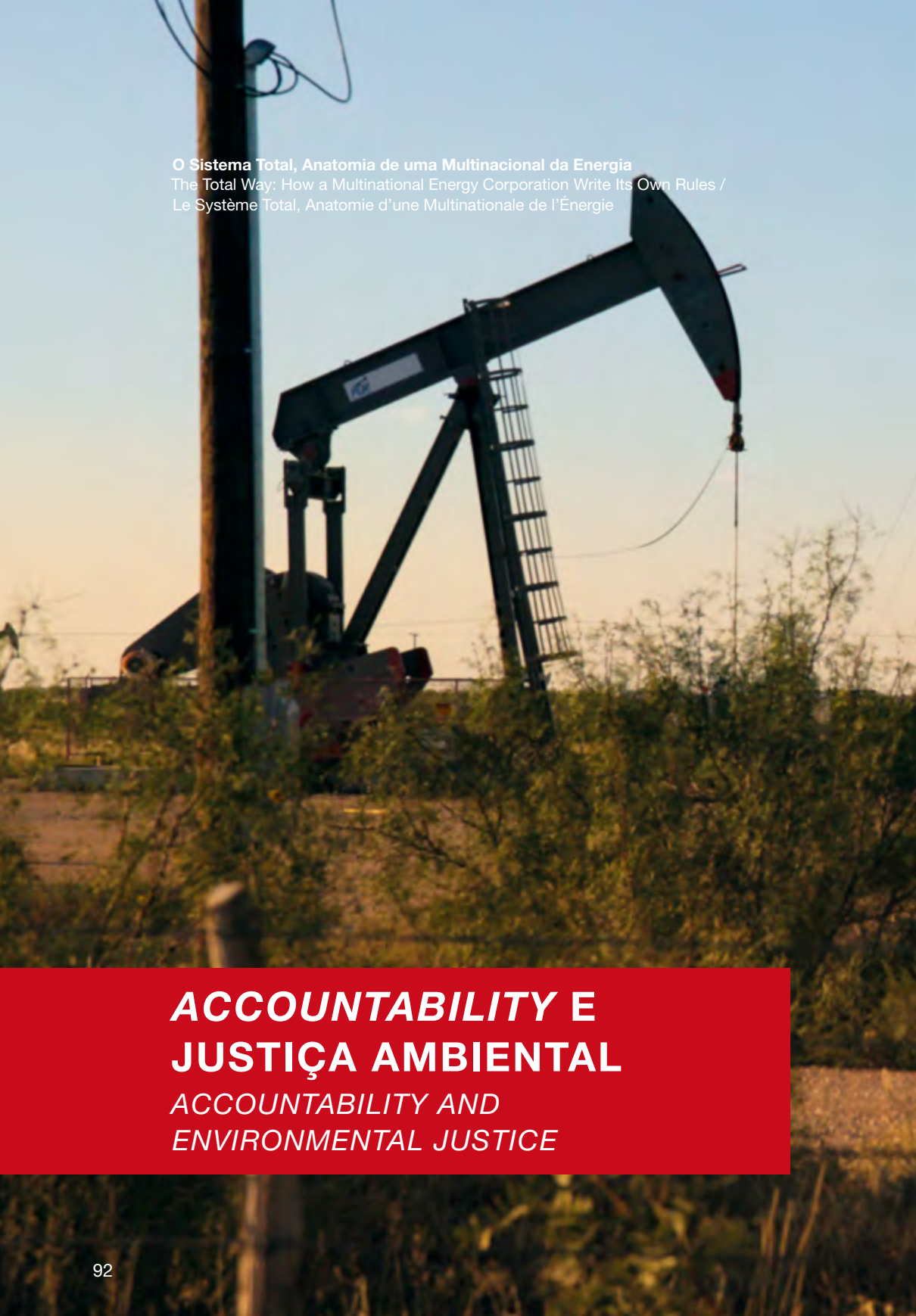
EUA, 2021, 87'

Dissecando uma das plataformas de mídias sociais mais influentes do cenário contemporâneo, o documentário examina os aspectos algorítmico, sociopolítico e econômico, as influências culturais e o impacto do aplicativo. Embora o filme compartilhe um interesse genuíno na comunidade TikTok e em sua mecânica inovadora, traz também um saudável ceticismo em torno das questões de segurança, dos desafios políticos globais e dos preconceitos raciais por trás da rede.

Dissecting one of the most influential platforms of the contemporary social media landscape, the documentary examines the algorithmic, socio-political, economic, and cultural influences and impact of the history-making app. While the film shares a genuine interest in the TikTok community and its innovative mechanics it brings a healthy skepticism around the security issues, global political challenges, and racial biases behind the platform.



DIREÇÃO *DIRECTOR*
Shalini Kantayya
PRODUÇÃO *PRODUCERS*
Ross M. Dinerstein, Shalini Kantayya, Danni Mynard
FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*
Steve Acevedo
EDIÇÃO *EDITOR*
Seth Anderson
CONTATO *CONTACT*
coshea@wmm.com



O Sistema Total, Anatomia de uma Multinacional da Energia
The Total Way: How a Multinational Energy Corporation Write Its Own Rules /
Le Système Total, Anatomie d'une Multinationale de l'Énergie

**ACCOUNTABILITY E
JUSTIÇA AMBIENTAL**
ACCOUNTABILITY AND
ENVIRONMENTAL JUSTICE

Anatomia da Irresponsabilidade Corporativa

MARIJANE LISBOA

Não há uma boa tradução para o português do substantivo inglês *accountability*, usado para se referir a empresas e mesmo a governos que adotem boas práticas de gestão e assumam responsabilidade por seus atos. Frequentemente tal palavra aparece na publicidade de grandes empresas, inclusive – e talvez principalmente – na daquelas que não adotam boas práticas de gestão e se recusam a reparar os danos que provocam ao meio ambiente e às comunidades afetadas.



Água É Vida!
Water for Life

Justiça ambiental, por sua vez, é a percepção de que as injustiças ambientais não atingem todos os grupos humanos da mesma forma, mas oneram especialmente aqueles vulnerabilizados do ponto de vista social, econômico e político. Sim, dificilmente veremos um bairro rico de alguma de nossas cidades lutando para impedir que se instale na sua vizinhança um incinerador de resíduos domésticos, uma fábrica química ou mesmo que se destruam seus parques arborizados. Há sempre uma escolha muito cuidadosa dos lugares onde instalar atividades industriais especialmente danosas. Não é só importante que haja acesso fácil a fornecedores dos insumos necessários e a mercados consumidores, já que isso se pode construir, mas, principalmente, que se encontre comunidades pobres, sem força política e econômica, de preferência de grupos minorizados e cujos governantes sejam facilmente subornáveis e cooptáveis. Muitas vezes estamos diante de um racismo ambiental, ou seja, da escolha de vítimas que são alvo de racismo em suas sociedades. São questões como essas que permeiam os filmes do eixo *Accountability e Justiça Ambiental* da 13ª **Mostra Ecofalante de Cinema**.

No documentário *Água É Vida!* (*Water for Life*, 2023), de Will Parrinello, podemos ver, por exemplo, como comunidades indígenas

mapuches no Chile e camponesas em El Salvador e Honduras se percebem subitamente atacadas no que lhes é mais essencial, a água, por empresas vindas de bem longe, que podem ser chinesas, estadunidenses e até holandesas. Essas companhias querem sua água para produzir eletricidade ou para minerar. Executivos bem vestidos, eventualmente questionados em seus países de origem ou em tribunais de justiça, mal escondem o seu desprezo por essa gente simples que ousa se opor aos seus planos, pois, afinal, justificam, estão apenas querendo trazer empregos e progresso para essas comunidades atrasadas. O fato surpreendente para aqueles últimos é que essas comunidades “atrasadas” lutam contra esse “progresso” não solicitado, buscam apoio, advogados, vão à justiça. O que acontece com os líderes desses movimentos depende muito do quanto existe nesses países de algo que se possa chamar de um Estado de Direito que garanta o mínimo de proteção aos cidadãos pobres e sem poder político. Acossados pela polícia e pela justiça, eles podem acabar acusados e presos por crimes que não cometeram, ou mesmo mortos, porque, em certas regiões, uma empresa multinacional, moderna, poderá recorrer a um método bastante local e “atrasado” e contratar um matador de aluguel. Quase sem exceções, nesses países, as autoridades nacionais e especialmente as locais são passíveis de corrupção e cooptação.

As empresas petroquímicas são outro setor industrial no qual vemos escolhas cuidadosas de áreas: reservas abundantes de petróleo e gás fóssil coincidem com a existência de comunidades vulnerabilizadas e autoridades coniventes e interessadas nas rendas a serem recebidas. Como já não é mais possível negar que as mudanças climáticas estejam diretamente relacionadas à exploração de petróleo e gás, as grandes empresas petroquímicas globais, depois de décadas de negacionismo climático, reciclaram sua publicidade para se apresentarem como empresas seriamente comprometidas com a chamada “transição energética”, como vemos em *O Sistema Total, Anatomia de uma Multinacional da Energia* (*Le Système Total, Anatomie d'une Multinationale de l'Énergie*, 2022). Nele, o cineasta Jean-Robert Viallet acompanha a transição da empresa francesa Total, uma das cinco maiores petrolíferas do mundo, para TotalEnergies. Para isso vale tudo, desde singelas mudanças de imagem e nome até a implantação de algumas usinas eólicas ou solares com fim publicitário, enquanto na surdina crescem exponencialmente seus novos investimentos em poços de petróleo e gás, de preferência, novamente,

em países e regiões distantes, como países africanos, nos quais os impactos ambientais e os protestos locais não sejam visíveis e audíveis para o Primeiro Mundo.

Umbilicalmente ligadas ao petróleo estão as indústrias de plásticos e de setores industriais que os utilizam na fabricação de embalagens, tecidos e materiais de construção. Os plásticos, a rigor, são um mero e inevitável subproduto da exploração do petróleo. No alemão *Plastic Fantastic* (2023), de Isa Willinger, vemos os diversos usos que as empresas bioquímicas encontraram para passar adiante esses resíduos, infestando o planeta. Microplásticos que não se degradam estão nos oceanos, nos peixes, nos répteis e até em nossos organismos. Um tratado internacional para eliminar a poluição com plásticos vem sendo penosamente negociado há alguns anos, enfrentando a resistência tanto da indústria petrolífera como dos grandes produtores de alimentos que usam plásticos como embalagem, especialmente os de uso único. Na iminência de ver seus negócios lucrativos serem prejudicados, a indústria química mundial lança uma ofensiva de marketing verde apregoando uma eterna reciclabilidade dos plásticos e a impossibilidade de substituí-los sem que a humanidade possa subsistir.

Entre os filmes que compõem este eixo, nota-se uma preocupação especial com os males – e as possíveis soluções – provocados pelo setor agropecuário e pela indústria alimentícia, discussão central para a contemporaneidade, que atinge a todos nós. *Solo Comum* (*Common Ground*, 2023) mostra como as novas técnicas introduzidas na agricultura no pós-2ª Guerra Mundial, como o emprego de sementes e fertilizantes industriais, agrotóxicos, máquinas e irrigação, transformaram a agropecuária em um setor que tem trazido grandes lucros para um pequeno número de empresas às custas do envenenamento do meio ambiente e dos nossos alimentos, e do empobrecimento e aridificação dos solos. O foco do documentário dirigido por Josh e Rebecca Tickell, entretanto, é em como a agricultura regenerativa recupera a fertilidade dos solos ao abandonar o uso da aragem profunda, de fertilizantes e agrotóxicos, e reintroduzir técnicas tradicionais, empregadas por povos indígenas e camponeses em todo o mundo. Ao fazê-lo, a agricultura regenerativa não só produz um alimento saudável e protege os trabalhadores de adoecerem pelo emprego de substâncias tóxicas, como também é capaz de trazer ganhos econômicos aos agricultores, poupando-lhes os gastos com insumos industriais. A agroecologia, no entanto, enfrenta uma guerra



Food, Inc. 2
Food, Inc. 2

sem tréguas da parte das grandes empresas agroquímicas, que, para defender os seus negócios, exercem um *lobby* pesado junto às autoridades públicas, financiam pesquisas nas universidades e empreendem campanhas difamatórias contra cientistas que ousem publicar pesquisas comprovando os danos causados por seus agrotóxicos. O processo movido por um jardineiro contra a Monsanto nos EUA veio a revelar que a empresa tinha perfeita ciência de que o herbicida Glifosato poderia causar Linfoma não Hodgkin, um tipo de câncer, mas continuou negando-o até o fim.

No ramo do chamado “sistema alimentar”, ao invés de uma *accountability*, predomina o marketing verde ou os discursos demagógicos sobre a contribuição do setor para saciar a fome no mundo. Em *O Cheiro do Dinheiro* (*The Smell of Money*, 2022), vemos que aquilo que chamávamos de agropecuária é hoje basicamente um cartel de poucas empresas multinacionais que produzem commodities, ou seja, proteína animal, para o mercado mundial. Desmatamento, expulsão de moradores, poluição com os excrementos de animais, pulverização com agrotóxicos, contaminação da água e do ar são “efeitos colaterais” externalizados para as comunidades vizinhas de tais empresas, enquanto estas internalizam os seus lucros. O filme



Plastic Fantastic
Plastic Fantastic

de Shawn Bannon enfoca a luta vigorosa de uma comunidade negra nos EUA contra o empesamento da sua região por uma grande empresa de pecuária suína.

Food, Inc. 2 (2023), de Robert Kenner e Melissa Robledo, por sua vez, explora um dos principais mercados da agropecuária ambientalmente insustentável e socialmente injusta: a indústria de comidas ultraprocessadas, que se especializou em produtos que imitam alimentos naturais graças ao emprego de aditivos que simulam sabor, consistência e cor. Além de não nutrir, esses “alimentos” fazem mal à saúde, podendo causar obesidade, diabetes tipo 2, ansiedade, infarto e AVC, entre outras doenças. Ao substituírem ingredientes naturais por substâncias químicas criadas em laboratórios, tais mercadorias acabam por ser bastante baratas e, portanto, preferidas pelas camadas mais pobres da população. Não só. O uso agressivo de publicidade que incorpora o resultado de pesquisas sobre ruídos e sensações táteis agradáveis nas embalagens visa a todos os públicos, particularmente às crianças, mais suscetíveis a essas propagandas.

Em todos esses filmes vemos as dificuldades, muitas vezes intransponíveis, que a sociedade civil em todos os países, e não só entre nós, do Sul global, tem de enfrentar para defender o seu direito a

um meio ambiente equilibrado e saudável. Embora possam existir leis, órgãos públicos e sistemas de justiça encarregados de garantir esses direitos, o seu acesso por parte da sociedade civil, especialmente quando se trata de comunidades vulnerabilizadas, é muito mais difícil do que para as grandes indústrias, cuja influência econômica e, portanto, política chega bem mais rápido aos formuladores de políticas públicas, à própria Justiça e ao aparato repressivo estatal.

É possível sim estabelecer uma relação direta entre a falta de *accountability* e a injustiça ambiental. Quanto mais certas indústrias causam danos graves e muitas vezes irreparáveis ao meio ambiente e à saúde coletiva, mais a publicidade, o marketing verde ou o *greenwashing*, como se queira chamar, se esmeram em escondê-los. As comunidades atingidas, entretanto, seja nos EUA, na África ou na América Latina, se organizam e enfrentam essa luta desigual, como vemos nos filmes em questão. Elas sabem que se trata literalmente de lutas de vida ou morte.

MARIJANE LISBOA possui graduação em Sociologia pela Freie Universität Berlin (1977) e Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Foi Relatora de Direito Humano ao Meio Ambiente para a Plataforma DHESCA por dois mandatos, de 2007-2009 a 2010-2012. Exerceu outros dois mandatos como conselheira da Comissão Técnica Nacional e Biossegurança, CTNBio, na qualidade de especialista de consumidores, entre 2012 e 2015. É membro da Rede Brasileira de Justiça Ambiental.

Anatomy of Corporate Irresponsibility

MARIJANE LISBOA

There is no good translation into Portuguese of the English noun ‘accountability’, referring to companies and governments adopting good management practices and taking responsibility for their actions. The word often appears in the advertising of large companies, including – mainly – those that don’t adopt good management practices and refuse to repair the damage they cause to the environment and the communities affected.

On the other hand, environmental justice means that environmental injustices do not affect all human groups in the same way but rather burden those who are socially, economically, and politically vulnerable. Yes, we will hardly ever see a wealthy neighborhood in one of our cities fighting against a domestic waste incinerator, a chemical factory, or even the destruction of its wooded parks. The place to install industrial activities that are especially damaging involves a careful choice. Not only is it important to guarantee easy access to suppliers and consumers, which can be created, but, above all, to find poor communities without political and economic strength, preferably from minority groups and whose rulers are easily bribed and co-opted. Environmental racism, that is, the choice of victims who are in their societies the target of racism, is a painful

challenge. All these issues permeate the films in the *Accountability and Environmental Justice* axis of the 13th Ecofalante Film Festival.

In Will Parrinello’s documentary *Water for Life* (2023), we can see, for example, how Indigenous Mapuche communities in Chile and peasant communities in El Salvador and Honduras suddenly find themselves under attack for what is essential to them, water, by companies from as far away as China, the United States, and even the Netherlands. These companies want their water to produce electricity or to mine. Well-dressed executives, when eventually questioned in their home country or the court of law, barely hide their contempt for the simple people who dare to oppose their ideas because, they say, they are just trying to bring jobs and progress to these backward communities. The surprising fact for them is that these “backward” communities fight against this unsolicited “progress”, seek support, lawyers, and go to court. What happens to the leaders of these movements depends very much on the extent to which these countries have the so-called rule of law, which guarantees a minimum of protection for poor citizens without political power. Harassed by the police and the justice system, they can end up accused and imprisoned for crimes they did not commit, or even killed because in certain regions a modern multinational company might resort to a local and “backward” method and hire a hit man. Almost without exception, in these countries, national and especially local authorities are susceptible to corruption and co-optation.

Petrochemical companies are another industrial sector in which we see careful choices of areas: abundant reserves of fossil oil and gas coincide with the existence of vulnerable communities and conniving authorities interested in the rents to be received. As it is no longer possible to deny that climate change is directly related to the exploitation of oil and gas, the big global petrochemical companies, after decades of climate denialism, have recycled their advertising to present themselves as companies seriously committed to the so-called “energy transition”, as we see in *The Total Way: How a Multinational Energy Corporation Write Its Own Rules* (*Le Système Total, Anatomie d’une Multinationale de l’Énergie*, 2022). In it, filmmaker Jean-Robert Viallet follows the transition of the French company Total, one of the five largest oil companies in the world, to TotalEnergies. For this, anything goes, from simple changes of image and name to the implementation of a few wind or solar power plants for publicity purposes, while in the background, their new investments in oil and gas wells grow exponentially, preferably again in distant countries and regions, such as African countries, where the environmental impacts and local protests are not visible and audible to the First World.

Inextricably linked to oil are the plastics industries and the industrial sectors that use them to manufacture packaging, fabrics, and building materials. Strictly speaking, plastics are merely an inevitable by-product of oil exploitation. In the German film *Plastic Fantastic* (2023) by Isa

Willinger, we see the various uses that biochemical companies have found to pass on this waste, infesting the planet. Microplastics that don’t degrade are in the oceans, fish, reptiles, and even our organisms. An international treaty to eliminate plastic pollution has been painfully negotiated for some years, facing resistance from the oil industry and the big food producers who use plastics as packaging, especially single-use plastics. On the verge of seeing its lucrative business jeopardized, the global chemical industry is launching a green marketing offensive proclaiming that plastics are eternally recyclable and cannot be replaced unless humanity survives.

Among the films that make up this axis, there is a particular concern with the evils – and possible solutions – caused by the agricultural sector and the food industry, a central contemporary discussion that affects us all. *Common Ground* (2023) shows how the new techniques introduced into agriculture after the Second World War, such as the use of industrial seeds and fertilizers, pesticides, machinery, and irrigation, have transformed farming into a sector that has brought significant profit to a small number of companies at the expense of poisoning the environment and our food besides impoverishing and aridifying the soil. The documentary, directed by Josh and Rebecca Tickell, focuses on how regenerative agriculture recovers soil fertility by abandoning the practice of deep plowing, fertilizers, and pesticides and reintroducing traditional techniques employed by indigenous

peoples and peasants worldwide. In doing so, regenerative agriculture not only produces healthy food and protects workers against getting sick from toxic substances but can also bring economic gains to farmers by saving them the expense of industrial inputs. Agroecology, however, is facing an unrelenting war from the big agrochemical companies, which, to defend their business, lobby public authorities heavily, fund research at universities, and run smear campaigns against scientists who dare to publish research proving the damage caused by their pesticides. The lawsuit filed by a gardener against Monsanto in the USA revealed that the company was fully aware that the herbicide Glyphosate could cause Non-Hodgkin's Lymphoma, a type of cancer, but continued to deny it until the end.

In the "food system" sphere, instead of accountability, the predominant approach is green marketing or demagogic speeches about the sector's contribution to satisfying world hunger. In *The Smell of Money* (2022), we see that what we used to call agriculture is now basically a cartel of a few multinational companies producing commodities, namely, animal protein, for the world market. Deforestation, eviction of villagers, pollution from animal excrement, pesticide spraying, and water and air contamination are "side effects" externalized to the communities around these companies while they internalize their profits. Shawn Bannon's film focuses on the vigorous struggle of a black community in the USA against the polluting of their region by a big pig farming company.

Food, Inc. 2 (2023), by Robert Kenner and Melissa Robledo, explores one of the most important markets for environmentally unsustainable and socially unjust agriculture: the ultra-processed food industry, which specializes in products that imitate natural foods thanks to the use of additives that simulate taste, consistency, and color. Not only are these "foods" not nutritious, but they are also bad for your health and can cause obesity, type 2 diabetes, anxiety, heart attacks, and strokes, among other diseases. By replacing natural ingredients with chemical substances created in laboratories, these goods become relatively cheap and, therefore, cherished by the poorest sections of the population. That's not all: The aggressively driven advertising that incorporates the results of research on pleasant noises and tactile sensations in packaging targets all consumers, particularly children, who are more susceptible to these advertisements.

In all these films, we see the unsurmountable difficulties that civil society in all countries, not just among us in the global South, must face to defend its right to a balanced and healthy environment. Despite the laws, public bodies, and justice systems responsible for guaranteeing these rights, access to them is difficult for civil society, especially for vulnerable communities, yet not so much for large industries. Their economic and, thus, political influence reaches public policymakers, the justice system, and the State's repressive apparatus much more quickly.

We can establish a direct relationship between lack of account-



O Cheiro do Dinheiro
The Smell of Money

ability and environmental injustice. The more certain industries cause terrible and often irreparable damage to the environment and public health, the more advertising, green marketing, or greenwashing, whatever you may call it, goes to great lengths to hide it. However, the communities affected, whether in the USA, Africa, or Latin America, get organized and face this unequal struggle, as shown in the films discussed here. They know that these are life-and-death struggles.

MARIJANE LISBOA has a degree in Sociology from the Freie Universität Berlin (1977) and a Ph.D. in Social Sciences from the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). She was Rapporteur on the Human Right to the Environment for the DHESCA Platform for two terms, from 2007-2009 to 2010-2012. She served another two terms as an advisor to the National Technical Biosafety Commission, CTN-Bio, as a consumer expert, between 2012 and 2015. She is a member of the Brazilian Environmental Justice Network.



Água É Vida!

Water for Life

EUA, 2023, 91'

Enquanto a mineração e as hidrelétricas ameaçam o abastecimento de água na América Central e do Sul, os povos indígenas lutam para proteger os seus recursos e modo de vida. O documentário acompanha três líderes comunitários que enfrentam riscos de cárcere e assassinato enquanto lideram movimentos para proteger a água de empresas estrangeiras e governos corruptos. O direito à água potável é um problema global — na América Latina, tornou-se uma questão de vida ou morte.

When mining and hydroelectric projects threaten vital water supplies in Central and South America, Indigenous peoples struggle to protect their resources and way of life. The documentary follows three community leaders as they face prison terms and murder while leading movements to safeguard the water from foreign corporations and corrupt governments. The right to clean water is a global issue — in Latin America, it has become a matter of life and death.



DIREÇÃO DIRECTOR

Will Parrinello

ROTEIRO SCRIPT

Sarah Kass

PRODUÇÃO PRODUCERS

Will Parrinello, Maria

Jose Calderon, Rick

Tejada-Flores

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAHER

Vicente Franco

EDIÇÃO EDITOR

Maria Jose Calderon

CONTATO CONTACT

willmvfg@gmail.com



Food, Inc. 2

Food, Inc. 2

EUA, 2023, 94'

Desde o primeiro *Food, Inc.* (2008), as corporações multinacionais aumentaram sua influência sobre o governo dos EUA. Guiadas apenas pelo lucro, diversas empresas se especializaram no mercado de alimentos ultraprocessados, promovendo uma crise internacional de saúde. O filme acompanha agricultores inovadores, produtores de alimentos com visão de futuro, ativistas dos direitos trabalhistas e legisladores proeminentes, que enfrentam essas empresas para inspirar mudanças e construir um futuro mais saudável e sustentável.

Since the first Food, Inc. (2008), multinational corporations have tightened their stronghold on the U.S. government. The system at large has robbed workers of a fair living wage, and profit-focused corporations are proliferating a chemically formulated international health crisis by focusing on growing the market for ultra-processed foods. The film centers around innovative farmers, future-thinking food producers, workers' rights activists, and prominent legislators, who are facing these companies head-on to inspire change and build a healthier, more sustainable future.



DIREÇÃO DIRECTORS

Robert Kenner,

Melissa Robledo

PRODUÇÃO PRODUCERS

Robert Kenner, Melissa

Robledo, Michael

Pollan, Eric Schlosser

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAHERS

Jay Redmond,

Buddy Squires

EDIÇÃO EDITORS

Leonard Feinstein,

Ryan Loeffler

CONTATO CONTACT

Sales@dogwoof.com



O Cheiro do Dinheiro

The Smell of Money

EUA, 2022, 84'

Quando uma fazenda de suínos se muda para as terras que seu avô comprou depois de reivindicar sua liberdade da escravidão, Elsie Herring decide revidar. À medida que a sua comunidade rural se torna o epicentro da explosão da indústria suína nos EUA, a batalha de Elsie para salvar a casa e o patrimônio de sua família se transforma numa guerra contra uma das empresas mais poderosas do mundo e sua poluição devastadora.

When a corporate hog farm moves in — uninvited — on land her grandfather had purchased after claiming his freedom from slavery, Elsie Herring decides to fight back. But as her rural community becomes the epicenter of the pork industry's explosion in America, Elsie's struggle to save her family's home and heritage turns into a battle against one of the world's most powerful companies and its deadly pollution.



DIREÇÃO DIRECTOR
Shawn Bannon
ROTEIRO SCRIPT
Jamie Berger
PRODUÇÃO PRODUCERS
Shawn Bannon,
Jamie Berger
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Shawn Bannon
EDIÇÃO EDITOR
Shawn Bannon
CONTATO CONTACT
smellofmoneydoc@gmail.com



O Sistema Total, Anatomia de uma Multinacional da Energia

The Total Way: How a Multinational Energy Corporation Write Its Own Rules / Le Système Total, Anatomie d'une Multinationale de l'Énergie

FRANÇA, 2022, 91'

Em 2021, uma das cinco maiores petrolíferas do mundo, a Total, passou a ser TotalEnergies. Mas como uma empresa petrolífera se transforma numa empresa de energia? Será que ela realmente poderá realizar a transição energética? Garantem-nos que nosso futuro e o do planeta são agora inseparáveis do desenvolvimento da empresa. Mas o petróleo e o gás continuam no centro das atividades dessa multinacional, deixando dúvidas sobre a eficácia da transição ecológica anunciada.

In 2021, one of the five largest oil companies in the world, Total, became TotalEnergies. But how does an oil company transform into an energy company? Can it really achieve the energy transition? They assure us that our future and that of the planet are now inseparable from the company's development. But oil and gas remain at the center of this multinational's activity, leaving doubts about the effectiveness of an announced ecological transition.



DIREÇÃO DIRECTOR
Jean-Robert Viallet
ROTEIRO SCRIPT
Jean-Robert Viallet,
Catherine Le Gall
PRODUÇÃO PRODUCER
Amélie Juan
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Jean-Robert Viallet
EDIÇÃO EDITOR
Tal Zana
CONTATO CONTACT
contact@morgane-groupe.fr



Plastic Fantastic

Plastic Fantastic

ALEMANHA, 2023, 102'

Plásticos estão por toda parte. Existem 500 vezes mais partículas de plástico nos oceanos do que estrelas em nossa galáxia. Encontra-se plástico não só nos oceanos, como também em rios, no ar, no solo e dentro de nós. Embora a crise se aprofunde e a reciclagem não dê conta do problema, a indústria do plástico continua a aumentar sua produção. Querem continuar como no passado? O documentário acompanha representantes dessa indústria e cientistas e ativistas para descobrir qual futuro essa crise nos reserva.

Plastics are everywhere. There are 500 times more plastic particles in the world's oceans than there are stars in our galaxy. Plastic is in the oceans, rivers, air, soil, and inside ourselves. While the crisis deepens and recycling is far from working, the plastics industry continues to ramp up production. Does the industry want to keep going on like they have in the past? The documentary follows several protagonists, on the one hand representatives of the plastics industry and on the other scientists and activists, to find out where the plastics crisis is leading us.



DIREÇÃO DIRECTOR

Isa Willinger

ROTEIRO SCRIPT

Isa Willinger

PRODUÇÃO PRODUCERS

Isabelle Bertolone,
David Armati Lechner,
Trini Götze

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

Julian Krubasik,
Felix Pflieger

EDIÇÃO EDITOR

Lena Hatebur

CONTATO CONTACT

info@riseandshine-berlin.de



Solo Comum

Common Ground

EUA, 2023, 105'

Mesclando exposição jornalística com histórias pessoais daqueles que estão na linha de frente do movimento alimentar sustentável, o documentário revela uma teia obscura de dinheiro, poder e política por trás do nosso falido sistema alimentar. O filme também mostra um movimento esperançoso de agricultores brancos, negros e indígenas que utilizam modelos alternativos de agricultura “regenerativa” que poderiam equilibrar o clima, salvar a nossa saúde e estabilizar a economia dos EUA — antes que seja tarde demais.

By fusing journalistic exposé with deeply personal stories from those on the front lines of the sustainable food movement, Common Ground unveils a dark web of money, power, and politics behind our broken food system. It also profiles a hopeful and uplifting movement of white, black, and indigenous farmers who are using alternative “regenerative” models of agriculture that could balance the climate, save our health, and stabilize America's economy — before it's too late.



DIREÇÃO DIRECTORS

Josh Tickell,
Rebecca Tickell

ROTEIRO SCRIPT

Josh Tickell, Rebecca
Tickell, Johnny O'Hara

PRODUÇÃO PRODUCERS

Josh Tickell, Rebecca
Tickell, Eric Dillon

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

Joaquim Pujol,
Simon Balderas

EDIÇÃO EDITORS

Ryan A. Nichols,
Anthony Ellison

CONTATO CONTACT

annie@rocofilms.com



Silvícola
Silvícola

A PEGADA CAPITALISTA *THE CAPITALIST FOOTPRINT*

Movimentos nas Terras e o Mundo Parabolicamará

DIOSMAR FILHO

O mestre Gilberto Gil, em 1992, nos diz em poesia que antes o Mundo era muito grande, porque a Terra era grande, e hoje o Mundo é muito grande, porque a Terra é pequena, podemos tê-la no tamanho da antena Parabolicamará. A poesia é uma aula de como a humanidade se moveu pelas necessidades de ter o “mundo”, transformando a Terra em sua imagem a tal ponto que, por hora, perdemos até a saudade das paisagens da terra sem a natureza – nas terras da imagem humana.



A Frota Chinesa
Squid Fleet

A terra, neste ano, memoriza 30 anos do massacre que assassinou mais de 800 mil tutsis, tuas e hutus em um período de cem dias em Ruanda, no continente africano. Em 1994, as imagens das terras de mãos de sangue apagavam a beleza dos pés das mulheres da terra de Guicongoro, que desenhava a África, como escreveu a escritora Scholastique Mukasonga, sobrevivente tutsi – em saudade da Natureza Terra que “antes longe era distante, perto só quando dava”¹.

Nas imagens da terra humana, no documentário *República dos Gafanhotos* (*Grasshopper Republic*, 2023), o diretor estadunidense Daniel McCabe fotografa as naturezas (florestas e condições humanas) no oeste de Uganda durante o ciclo de vida dos gafanhotos, que voam, em enxames, através das grandes florestas do continente africano e em tempo alcançam os ventos quentes do Saara, chegando às terras insulares de Cabo Verde, na costa atlântica, em busca de alimentos.

Mesclam-se cenas de reprodução de insetos com a vulnerabilidade dos humanos que, nas florestas, buscam garantir comida, usando das tecnologias disponíveis – técnicas que são aprimoradas para a captura do alimento e garantia de capital – para caçar o maior número possível de insetos a tempo de ter condições de comer na desumanidade que as terras com mãos de sangue lhes deixaram como presente.



Antártica: Continente Magnético
Antarctica Calling / Voyage au Pôle Sud

Um cinema observacional, sem complexidade, silencia o genocídio da milenar arte africana extrativista e torna visíveis, nas luzes, os seres que ameaçam a existência dos gafanhotos: famintos caçadores e comerciantes de insetos. E se a obra contasse a história pela perspectiva dos caçadores?

Luzes extrativistas na caça de gafanhotos nas florestas de Uganda remetem às luzes tecnológicas da frota mercantil chinesa na caça de lulas no Atlântico Sul Ocidental. No curta *A Frota Chinesa* (*Squid Fleet*, 2023), de Ed Ou e Will N. Miller, temos imagens da terra humana com narração em primeira pessoa dos pescadores, que apresentam as complexidades de viver no oceano das terras distantes por conta da cultura gastronômica do país, consumidor de lula. Trata-se de uma cadeia alimentícia que move diretamente cerca de 50 milhões de pessoas, com impactos reais no ciclo de reprodução da espécie, o que levou à moratória da pesca, decretada em 2021 pela República Chinesa relativamente à pesca de lula no Atlântico Sul e Pacífico e na Costa Sul do continente africano.

Viver nos barcos pesqueiros, em águas distantes, é uma tradição de gerações, passada adiante em nome de alimentar as famílias e o seu país. Em imagens nas águas, o filme busca o olhar das lulas para as

luzes noturnas, que se tornam sua atração, assim como os gafanhotos, nas florestas, observam as técnicas humanas que os atraem pela clareza. Os autores registram as condições humanas em uma embarcação, que se move junto a outras duas mil, trazendo a complexidade da terra humana. A história dos caçadores de lula é publicada fora de sua terra, mas há imagens dos caçadores.

Imagens da terra humana nos levam ao filme *Silvícola* (*Silvicola*, 2023), de Jean-Philippe Marquis, uma jornada fotográfica através das formas humanas de gestão da natureza, que colocam em contradição os tempos históricos dos descendentes de colonos na província da Colúmbia Britânica, na costa pacífica do Canadá. É importante destacar que o documentário busca, nos cortes das árvores, o tempo de vida que as motosserras apagam hoje e, séculos atrás, eliminaram os povos originários dessas florestas, atualmente tomadas por uma diversidade de pinheiros.

O filme é narrado majoritariamente por homens brancos que confrontam técnicas extrativistas e industriais de manejo florestal, surpreendendo pela ausência de fala de mulheres descendentes dos povos originários e imigrantes, que são as mãos que cultivam, dentro do manejo industrial, as sementes e mudas do reflorestamento. O registro da manufatura de mudas é feito através da ação de um homem narrando os movimentos de plantio nas montanhas, discursando sobre a sobrevivência das mudas que estão sendo plantadas ali. Isso se não for garantido o direito de a floresta florir em biodiversidade, já que ela não é só árvores. Uma história de contradição, pela perspectiva do extrativista ou industrial, não deixa dúvida sobre a importância e complexidade para o equilíbrio climático do planeta que é ter florestas, as quais não podem ser florestas *plantation*.

Já *Antártica: Continente Magnético* (*Voyage au Pôle Sud*, 2023), de Luc Jacquet, especialista há 30 anos no continente, realiza, com narrativa *off* e registro de paisagens, uma viagem para documentar o degelo nas montanhas e a extinção dos icebergs. Durante essa jornada, que traz reflexões, nos mostra álbuns de navegantes que viajaram ao Polo Sul, em memória do importante trabalho de exploração que realizaram – apresentando, em passagem sem maiores informações, como as terras com mãos de sangue colonizaram o continente em degelo. Estamos diante das mudanças climáticas, e os efeitos nos extremos sul e norte da Natureza Terra são reais.

Com uma fotografia densa em texturas preta e branca, o do-



Contra a Maré
Against the Tide

documentarista registra as comunidades de pinguins, leões-marinhos, baleias, golfinhos e a vida nas águas do Atlântico Sul, que poderão deixar de existir junto dos icebergs. O bucólico é usado para direcionar a atenção à imagem da terra humana – um movimento amparado em técnicas e tecnologias capazes de nos levar à memória da saudade da natureza que é a Terra.

Essa saudade da imagem Natureza Terra é o que a escritora, documentarista e contadora Sarvnik Kaur captura em *Contra a Maré* (*Against the Tide*, 2023), nos aproximando do cotidiano de pescadores de Mumbai, maior cidade no estado de Maharashtra, na costa leste da Índia. A documentarista nos guia pela tradição de pesca com o sistema Koli para apresentar as imagens da terra humana que será estabelecida pelos amigos Rakesh e Ganesh. É uma narrativa muito viva e originária de pertencimento, que nos permite, mesmo com a limitação imposta pela não compreensão do hindu, fruir de sua fotografia e seus movimentos de câmera, que dão natureza e humanidade às culturas e ao pescador, que está cada vez mais distante de Rakesh. Diante da frota mercantil pesqueira, que aporta de manhã nas águas de Mumbai com toneladas de atum (de que Ganesh se tornou intermediário), a rede no mar, perto da família, está cada dia mais vazia.

As narrativas e conflitos entre os amigos vão revelando o quanto a indústria da pesca oriental tem impactado os ciclos de reprodução das espécies e, somada aos fenômenos climáticos que se intensificam nas águas do Pacífico, tem reduzido a biodiversidade marinha.

Uma obra de saudades em imagens da Natureza Terra é *Os Caçadores de Barragens* (#DamBusters: *The Start of the Riverlution*, 2022), do ativista e cineasta Francisco Campos-Lopez Benyunes, que nos lança em uma jornada para mapear e lutar pela eliminação das obras de barramento dos rios na Europa Ocidental. O documentário apresenta a importante memória das lutas pela retirada das barragens na França, Espanha, Estônia e Lituânia, além de registros na Letônia, Grécia, Hungria e Finlândia. É uma obra que nos mostra que as cidades precisam deixar os rios correrem ao encontro do mar. É necessário olhar para as águas como organismo vivo, que precisa deixar as prisões da imagem humana da terra. Os desafios nesse processo são grandes, já que estamos falando de uma grande mobilização que leve as populações ao contato com a natureza das águas, forma de biodiversidade e fonte de qualidade de vida nos espaços urbanos. Sua liberdade também contribuirá para a redução de gases de efeito estufa na atmosfera. *Os Caçadores de Barragens* é um registro desse ativismo, com fotografia da imagem da terra humana, que nos move em reflexão e apresenta formas simples de conseguirmos recuperar grandes bacias hidrográficas que hoje são vistas como mortas diante da prisão das barragens.

Por fim, trazemos, neste panorama, o documentário *2G* (2023), de Karim Sayad, que nos apresenta as condições de vida dos povos no Níger, uma rota de imigração das populações violadas da ideia de humanidade que buscam no tráfico humano as imagens das terras de mãos sujas de sangue para sentirem o direito de existir. O filme possui grande riqueza documental em formas diaspóricas de fotografar a imagem da terra humana, com uma camada de cores que deixa o Saara vivo, em movimento.

Nessa jornada, Ibrahim Nouhou Agan, Abdoussalam Nouhou Agan, Daouda Nouhou Agan, Abdallan Adam e Ibrahim Ahamed nos conduzem pelo Saara, com imagens que nos conectam e desconectam da imagem da Natureza Terra. Lado a lado, assistimos ao tráfico humano e à migração em busca de esperança – a vida humana em buracos pela pepita em grãos. Em *off*, o jovem Agan revela sonhos com educação, a realidade de viver com a família, o ensinamento daqueles

que viram seus horizontes serem apagados pelas imagens das terras de mãos sujas de sangue. É enriquecedor sentir uma narrativa diaspórica diante da desumanidade que está sendo registrada. É como trazer saudade de natureza e não deixar que a realidade seja início, meio e fim da vida em regiões remotas. Jovens e homens sentem no corpo o calor das terras do deserto e sorriem para um aparelho erguido para o alto por um sinal Parabolicamará.

1 Fragmento de *Parabolicamará*, de autoria do músico e compositor Gilberto Gil.

DIOSMAR FILHO é geógrafo, doutorando em Geografia na Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É pesquisador sênior e coordenador científico da Associação de Pesquisa Iyaleta, líder da Linha de Pesquisa “Desigualdades e Mudanças Climáticas” e integra a coordenação da pesquisa “Adaptação Climática: uma intersecção Brasil 2022/2024”. Atualmente, é professor do curso de especialização *lato sensu* em “Direitos, Desigualdades e Governança Climática”, oferecido pela Faculdade de Direito da UFBA em parceria com a Associação de Pesquisa Iyaleta. Assina a obra *A Geopolítica do Estado e o Território Quilombola no século XXI* (Paco Editorial, 2ª ed., 2022). Realizou os documentários *Igi Obá Nile - Memórias de Mãe Raidalva* (2014) e *Terras Que Libertam - Histórias dos Cupertinos* (2021).

Movements of the Earth and The Parabolicamará World

DIOSMAR FILHO

In 1992, master Gilberto Gil told us in poetry that, previously, the World was very big because the Earth was big, and today, the World is big because the Earth is small; we can have it the size of the Parabolicamará antenna. The poem is a lesson in how driven humanity has become by the need to have the “world,” transforming the Earth into its image to such an extent that now we have lost our nostalgia for the landscapes of an earth without nature – in the earth of human image.

This year, the earth memorizes 30 years of the massacre that killed more than 800,000 Tutsis, Tuvas, and Hutus in a hundred days in Rwanda, in the African continent. In 1994, the images of the earth with bloodied hands erased the beauty of the feet of the women of the land of Guicongoro, which were drawing Africa, as the writer Scholastique Mukasonga, a Tutsi survivor, wrote – in nostalgia for the Nature Earth that “was distant before, far away, and near only when possible.”¹

In the documentary *Grasshopper Republic* (2023), American director Daniel McCabe photographs nature (forests and human conditions) in western Uganda through the life cycle of grasshoppers, which fly in swarms through the great forests of the African continent reach-

ing the hot winds of the Sahara in time and arriving on the insular lands of Cape Verde, on the Atlantic coast, in search of food.

Scenes of insect reproduction mix with the vulnerability of the humans who, in the forests, seek to secure food, using the available technologies – techniques that are perfected for capturing food and guaranteeing capital – to hunt as many insects as possible in time to be able to eat in the inhumanity that the earth with bloodied hands has left them as a gift. An observational cinema, without complexity, silences the genocide of the ancient African art of extractivism and makes visible, in the lights, the beings that threaten the existence of the grasshoppers: hungry hunters and traders of insects. What if the film told the story from the perspective of the hunters?

The extractive lights of grasshopper hunting in the forests of Uganda transport us to the technological lights of the Chinese merchant fleet hunting squid in the Western South Atlantic. In the short film *Squid Fleet* (2023), by Ed Ou and Will N. Miller, we have images of the human earth with first-person narration by the fishermen, who present the complexities of living in the ocean of distant lands because of the country’s squid-consuming gastronomic culture. That is a food chain that directly affects around 50 million people, with real impacts on the reproduction cycle of the species, which led to the fishing moratorium decreed in 2021 by the Chinese Republic on squid fishing in the South Atlantic and Pacific and on the South Coast of the African continent.



República dos Gafanhotos
Grasshopper Republic

Living on fishing boats in distant waters is a tradition passed down for generations in the name of feeding their families and their country. In images from the waters, the film searches for the squids’ gaze at the night lights, which become their attraction, just as the grasshoppers in the forests observe the human techniques that attract them with their clarity. The authors record the human conditions on a boat that moves alongside two thousand others, bringing the complexity of the human earth to life. The story of the squid hunters is published outside their land, but there are images of the hunters.

Images of human earth lead us to Jean-Philippe Marquis’ film *Silvicola* (2023), a photographic journey through human ways of managing nature, which put the historical

times of the descendants of settlers in the province of British Columbia, on Canada’s Pacific coast, in contradiction. It’s worth noting that the documentary traces, in the cutting down of trees, the time of life that chainsaws erase today and, centuries ago, eliminated the original peoples of these forests currently taken over by a diversity of pine trees.

The film is narrated mainly by white men who confront extractivist and industrial forest management techniques, surprising by the absence of speech from the women descendants of the original peoples and immigrants, who are the hands that cultivate the reforestation seeds and seedlings within industrial management. The record of the manufacture of seedlings is made through a man narrating the planting movements in the mountains, talking about the sur-

vival of the seedlings planted there. Unless the forest is guaranteed the right to flourish in biodiversity, since it is not just trees. It is a story of contradiction that, from the perspective of the extractivist or industrialist, leaves no doubt about the importance and complexity of having forests, which cannot be plantation forests, for the planet's climate balance.

Antarctica Calling (*Voyage au Pôle Sud*, 2023), by Luc Jacquet, a specialist in the continent for 30 years, uses off-screen narration and landscape recordings to document the melting of the mountains and the extinction of the icebergs. During this thought-provoking journey, he shows us albums of navigators who traveled to the South Pole in memory of the significant work of exploration they carried out – presenting, in a passage without further information, how the earth with bloodied hands colonized the melting continent. We are facing climate change, and the effects on the southern and northern extremes of Nature Earth are real.

With dense photography in black and white textures, the documentary filmmaker records the communities of penguins, sea lions, whales, dolphins, and the life in the waters of the South Atlantic, which may cease to exist alongside the icebergs. He uses the bucolic to direct attention to the image of the human earth – a movement supported by techniques and technologies capable of taking us back to the memory of longing for the nature that is the Earth.

This longing for the image of Nature Earth is what writer, documentarian, and storyteller Sarvnik

Kaur captures in *Against the Tide* (2023), bringing us closer to the daily lives of fishermen in Mumbai, the largest city in the state of Maharashtra, on the east coast of India. The filmmaker guides us through the tradition of Koli fishing to present images of the human earth to be established by the friends Rakesh and Ganesh. It's a vivid and original narrative of belonging. Even with the limitations imposed by not understanding Hindi, it allows us to enjoy her photography and camera movements, which bring nature and humanity to the cultures and the fisherman, who is increasingly distant from Rakesh. In the face of the commercial fishing fleet, which arrives in Mumbai's waters every morning with tons of tuna (of which Ganesh has become a middleman), the net in the sea, close to the family, is getting emptier every day. The narratives and conflicts between the friends reveal the extent to which the oriental fishing industry has affected the reproduction cycles of species and, together with the climatic phenomena that are intensifying in Pacific waters, has reduced marine biodiversity.

A work of nostalgia in images of Nature Earth is *#DamBusters: The Start of the Riverlution* (2022), by activist and filmmaker Francisco Campos-Lopez Benyunes, which takes us on a journey to map and fight for the elimination of river damming in Western Europe. The documentary presents the pivotal memory of the struggles to remove dams in France, Spain, Estonia, and Lithuania, in addition to records from Latvia, Greece, Hungary, and



Os Caçadores de Barragens
#DamBusters: The Start of the Riverlution

Finland. It shows us that cities must let their rivers flow towards the sea. We need to look at water as a living organism, which needs to leave behind the prisons of the human image of the earth. The challenges in this process are great, as we are talking about a critical mobilization to bring people into contact with the nature of water, a form of biodiversity and a source of quality of life in urban spaces. Its freedom will also contribute to reducing greenhouse gases in the atmosphere. *#DamBusters* is a record of this activism, with a photograph of the image of human earth, which moves us into reflection and presents simple ways of recovering large river basins regarded as dead today due to the imprisonment of dams.

Finally, this overview includes the documentary *2G* (2023), by

Karim Sayad. It shows us the living conditions of people in Niger, an immigration route for people who had their idea of humanity violated and who seek in human trafficking the images of the earth with bloodied hands to feel the right to exist. The film has documentary richness in diasporic ways of photographing the image of the human earth, with a layer of colors that leaves the Sahara alive, in movement.

On this journey, Ibrahim Nouhou Agan, Abdousalam Nouhou Agan, Daouda Nouhou Agan, Abdallan Adam, and Ibrahim Ahamed take us through the Sahara with images that connect and disconnect us from the image of Nature Earth. Side by side, we witness human trafficking and migration in search of hope – human life in pieces for nuggets of grain. In voice-over, the

young Agan reveals his dreams of education, the reality of living with his family, and the teachings of those who have seen their horizons erased by the images of the earth with bloodied hands. It's enriching to feel a diasporic narrative in the face of the inhumanity recorded. It's like longing for nature and not letting reality be the beginning, middle, and end of life in remote regions. Young men and women feel the heat of the desert land in their bodies and smile at a device raised high for a Parabolicamará sign.

1 Translation of an excerpt of *Parabolicamará*, by musician and composer Gilberto Gil.

DIOSMAR FILHO is a geographer, Ph.D. candidate in Geography at the Fluminense Federal University (UFF), and Master in Geography from the Federal University of Bahia (UFBA). He is a senior researcher and scientific coordinator of the Iyaleta Research Association, leader of the "Inequalities and Climate Change" line of research, and coordinator of the research project "Climate Adaptation: An intersection between Brazil 2022/2024". He is currently a professor on the lato sensu specialization course in "Rights, Inequalities, and Climate Governance", offered by the UFBA Faculty of Law in partnership with the Iyaleta Research Association. He is the author of *A Geopolítica do Estado e o Território Quilombola no século XXI* [The Geopolitics of the State and Quilombola Territory in the 21st Century] (Paco Editorial, 2nd edition, 2022). He made the documentaries *Igi Obá Nile - Memórias de Mãe Raidalva* [Igi Obá Nile - Memories of Mother Raidalva] (2014) and *Terras Que Libertam - Histórias dos Cupertinos* [Lands That Free - Stories of the Cupertines] (2021).



2G

2G

SUIÇA, 2023, 80'

Níger, um dos países da África Ocidental mais afetados pela emergência climática, é margeado ao norte pelo Saara, rota de passagem de muitos africanos que procuram alcançar a Europa. Após o governo do Níger proibir o transporte de imigrantes ilegais, quatro antigos contrabandistas lutam para ganhar a vida. Diante da falta de perspectivas, Ibrahim, Abdelsalam, Daouda e El Bak embarcam em uma viagem pelo Saara para se juntarem a dezenas de garimpeiros perdidos no meio do deserto. Entre esperanças e desilusões, esses homens lutam para sobreviver num ambiente cada vez mais hostil e instável.

Niger, one of Western Africa's countries most affected by the climate emergency, is bordered to the north by the Sahara, a transit route for many Africans seeking to reach Europe. Following the ban on unlawful migrant transportation by the Niger government, four former smugglers struggle to make a living. Facing the lack of perspectives, Ibrahim, Abdelsalam, Daouda, and El Bak embark on a journey through the Sahara to join dozens of gold diggers lost in the middle of the desert. Between hopes and disillusion, these men fight to survive in an increasingly hostile and unstable environment.



DIREÇÃO DIRECTOR

Karim Sayad

ROTEIRO SCRIPT

Karim Sayad

PRODUÇÃO PRODUCER

Joëlle Bertossa

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Patrick Tresch

EDIÇÃO EDITORS

Félix Sandri,

Naima Bachiri

CONTATO CONTACT

michaela@filmotor.com



A Frota Chinesa

Squid Fleet

EUA, 2023, 13'

Em qualquer noite, nas águas distantes da China, uma frota composta por dezenas de milhares de pescadores de lulas realiza um balé industrial em alto mar. O documentário propõe uma exploração poética das motivações dos pescadores, da brutalidade dos abusos trabalhistas sistêmicos na indústria pesqueira chinesa e da destruição provocada pela mercantilização das pessoas e da natureza no nosso mundo globalizado.

On any given night, tens of thousands of fishermen in China's distant-water squid fleet perform an industrial ballet thousands of miles out on the high seas. The documentary is a poetic exploration of the motivations of the fishermen, the brutality of systemic labor abuses in the Chinese fishing industry, and the destruction wrought by the commodification of people and nature in our globalized world.



DIREÇÃO DIRECTORS
Ed Ou, Will N. Miller
ROTEIRO SCRIPT
Michael Hsu
PRODUÇÃO PRODUCERS
Ian Urbina, Will N. Miller, Ed Ou
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAFERS
Ed Ou, Will N. Miller
EDIÇÃO EDITOR
Will N. Miller
CONTATO CONTACT
ian@theoutlawocean.com



Antártica: Continente Magnético

Antarctica Calling / Voyage au Pôle Sud

FRANÇA, 2023, 83'

Os poucos milhares de quilômetros que separam a Patagônia do Polo Sul são uma viagem fascinante e hipnótica para os exploradores. Alguns até falam de um vício, “a mordida antártica”. Luc Jacquet, o diretor de *A Marcha dos Pinguins* (2005), vive isso há 30 anos. Desta vez, ele volta para uma aventura visualmente impressionante, quase como uma viagem final a um continente em extinção e seus habitantes.

The few thousand kilometers that separate Patagonia from the South Pole is a fascinating and hypnotic journey for explorers. Some even speak of an addiction, “the Antarctic bite”. The March of the Penguins (2005) director Luc Jacquet has been experiencing it for 30 years. This time, he comes back for a visually striking adventure, almost like a final journey to a vanishing continent and its inhabitants.



DIREÇÃO DIRECTOR
Luc Jacquet
ROTEIRO SCRIPT
Luc Jacquet
PRODUÇÃO PRODUCERS
Laurent Baujard, Pierre-Emmanuel Fleurantin
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAFERS
Christophe Graillet, Jérôme Bouvier, Sarah Del Ben
EDIÇÃO EDITOR
Stéphane Mazalaigue
CONTATO CONTACT
diana@promopresse.ch



Contra a Maré

Against the Tide

ÍNDIA, FRANÇA, 2023, 97'

Pescadores de Mumbai e amigos, Rakesh e Ganesh são herdeiros do sistema de conhecimento Koli — uma forma de pescaria que segue a lua e as marés. Rakesh se manteve fiel aos métodos tradicionais de pesca, enquanto Ganesh se afastou deles, adotando a tecnologia moderna. À medida que o mar se torna cada vez mais hostil devido às alterações climáticas e os meios de subsistência são ameaçados, a amizade entre ambos começa a ruir.

Mumbai fishermen and friends Rakesh and Ganesh are inheritors of the great Koli knowledge system — a way to harvest the sea by following the moon and the tides. Rakesh has kept faith in the traditional fishing methods while Ganesh has strayed away from them, embracing technology. As the sea increasingly turns hostile because of climate change and their livelihood is challenged, their friendship begins to fracture.



DIREÇÃO DIRECTOR
Sarvnik Kaur
PRODUÇÃO PRODUCERS
Koval Bhatia, Sarvnik Kaur, Quentin Laurent
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Ashok Meena
EDIÇÃO EDITORS
Atanas Georgiev, Blagoja Nedelkovski
CONTATO CONTACT
info@filmharbour.com



Os Caçadores de Barragens

#DamBusters: The Start of the Riverlution

EUA, HOLANDA, 2022, 73'

Os rios fornecem serviços ecossistêmicos vitais para pessoas, animais e plantas. São as veias do nosso planeta e devem ser preservadas. No entanto, as barragens e outros tipos de barreiras perturbam o funcionamento natural dos rios, causando um declínio severo nas populações de peixes e outras espécies únicas de água doce. Este documentário viaja por cinco países europeus para saber por que as barragens estão sendo removidas e quem são os heróis dos rios por trás disso.

Rivers provide vital ecosystem services for people, animals, and plants. They are the veins of our planet and must be preserved. However, dams and other types of barriers disrupt the natural functioning of rivers, causing severe declines in populations of fish and other unique freshwater species. This documentary travels through five European countries to learn why dams are being removed and who are the river heroes behind it.



DIREÇÃO DIRECTOR
Francisco Campos-Lopez Benyunes
ROTEIRO SCRIPT
Francisco Campos-Lopez Benyunes
PRODUÇÃO PRODUCERS
Herman Wanningen, Joshua Royte, Francisco Campos-Lopez Benyunes
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Francisco Campos-Lopez, Fabrice Richard, Risto Rukuola, Breikus, Ingvar Heamägi
EDIÇÃO EDITOR
Francisco Campos-Lopez Benyunes
CONTATO CONTACT
franco@magentertainment.com



República dos Gafanhotos

Grasshopper Republic

EUA, 2023, 94'

A cada estação chuvosa, nas profundezas das florestas montanhosas do oeste do Uganda, ocorre um dos maiores fenômenos naturais do mundo. Milhões, às vezes bilhões, de gafanhotos de chifres longos se reúnem para acasalar. Aproveitando-se do acontecimento, o homem encontrou uma maneira de lucrar com este belo ciclo reprodutivo. O documentário acompanha, em estilo cinema verdade, uma equipe local de captura, enquanto esses exploradores modernos percorrem florestas e remotos vilarejos em busca de fortuna.

Every rainy season, deep in the mountain forests of western Uganda, one of the world's greatest natural phenomena takes place. Millions, sometimes billions, of Long-horned Grasshoppers swarm together to mate. Man has found a way to profit from this beautiful reproductive cycle. The documentary follows a local trapping team in strict verité style, as these modern-day prospectors push into remote forests and villages seeking their fortune by capturing this elusive prey by the barrel load.



DIREÇÃO DIRECTOR
Daniel McCabe

PRODUÇÃO PRODUCERS
Daniel McCabe, Michele Sibiloni, Alyse Ardell Spiegel, Otto Bell

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAFERS
Daniel McCabe, Michele Sibiloni, Michael McCabe

EDIÇÃO EDITOR
Alyse Ardell Spiegel

CONTATO CONTACT
dan@danielmccabe.com



Silvícola

Silvicola

CANADÁ, 2023, 80'

Filmado entre as florestas escarpadas e o litoral da Colúmbia Britânica, no Canadá, o documentário discute o impacto humano nessa paisagem, além do conjunto de forças culturais e econômicas que impulsionam e restringem as práticas florestais modernas. A partir de uma miríade de personagens cujas vidas e meios de subsistência estão intimamente ligados à floresta, o filme mostra as tensões e os dilemas entre a mercantilização e a conservação.

Set amongst the rugged forests and shorelines of British Columbia, the documentary is a tableau of the complex web of cultural and economic forces that compel and constrain modern forestry practices. Told through the eyes of an eclectic mix of characters whose lives and livelihoods are intimately entangled with the forest, the film showcases the tensions and dilemmas between commodification and conserva-



tion.

DIREÇÃO DIRECTOR
Jean-Philippe Marquis

PRODUÇÃO PRODUCER
Jean-Philippe Marquis
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Jean-Philippe Marquis

EDIÇÃO EDITORS
Jean-Philippe Marquis, Emmet Walsh
CONTATO CONTACT
jpmarki@gmail.com

O Povo da Baleia
One with the Whale



O DIREITO DE EXISTIR
THE RIGHT TO EXIST

Nós Somos o Outro

ADRIANA BILLER APARICIO &
DANIELA SKROMOV DE ALBUQUERQUE

O termo alteridade significa “ser outro”, “colocar-se no lugar do outro”. A modernidade, no entanto, criou a ilusão da homogeneização do Sujeito, distanciando-o e racionalizando-o para melhor atender a seus processos de efficientização. Assim, acabou por afastá-lo da relação com o “outro”, buscando transformar esse “outro” em “si mesmo”. Nesse sentido, a reexistência/resistência trata das possibilidades de se vivenciar plenamente como ser humano e como coletividades, superando a solidão solipsista. Nenhum homem é uma ilha: o cuidado com o outro e com o entorno é também o cuidado de si. O rosto do outro me comove (deveria comover) e aciona (deveria acionar) em mim o imperativo ético humano primeiro, que é aliviar seu sofrimento, como nos lembra o filósofo Emmanuel Levinas.

A solidão é estruturante do capitalismo predatório, que tem como uma de suas principais consequências a produção de expurgos e dejetos, que são coisas e pessoas. Coisas que destroem: lixo, desmatamento, poluição, destruição da Pachamama e também de pessoas, que vagam em sofrimento sem ter a que pertencer, em busca de uma vida melhor.

Na urgência de se pensar as situações concretas de violência e opressão que assolam a realidade social diversa e plural, o eixo *O Direito de Existir* busca trazer um olhar emancipatório, que se opõe à visão meramente instrumental e antropocêntrica do mundo. Ao agregar filmes que tratam da resistência – dos povos originários, refugiados, das pessoas com deficiência –, a *13ª Mostra Ecofalante de Cinema* contribui para a resignificação do olhar para os problemas da contemporaneidade. Supera-se, assim, a arte voltada ao “Sujeito Universal” moderno, que oculta a histórica ideologia de cunho liberal burguesa que tradicionalmente exclui as demandas das mulheres, dos povos indígenas e a proteção do meio ambiente da sua construção. Considerando a sub-representação de tais grupos na cena pública, o que gera desigualdades no acesso aos bens necessários à vida digna, o eixo apresenta-se como uma lanterna de visibilização do “oculto”; mas, como bem lembrou Caetano Veloso, era simplesmente o “óbvio”.

Com o intuito de promover um espaço interdisciplinar de reflexão e diálogo, com amparo do sensível, que é a arte, quer-se aqui destacar a importância desses sujeitos excluídos e a necessidade de enfrentamento a todos os tipos de violência e opressão, os quais, apesar das suas diferenças, têm como pano de fundo e suporte o capitalismo predatório, que só quer devorar coisas e pessoas. De tal forma, a articulação dos diversos filmes viabiliza pontes para se pensar conjuntamente em um mundo aberto, plural, democrático e igualitário.

É um convite para acompanhar as narrativas dos diversos atores sociais, que ora em primeira pessoa, ora enfocados no olhar de terceiros, nos contam sobre seus locais, subjetividades e formas de vida. Eles nos mostram a riqueza da diversidade e a urgência de respeitá-los em suas reexistências e, com eles, por que não?, aprender.

No estadunidense *Não Te Vi Ali* (*I Didn't See You There*, 2022), o cineasta Reid Davenport, um homem adulto, autônomo e cadeirante que vive só e longe da família, nos traz para o seu mundo e, ao estritamente utilizar uma câmera de ponto de vista subjetivo, que emula sua visão pela perspectiva da cadeira de rodas ou de seus pés,



O Jogo Mental
The Mind Game

nos convida a nos colocarmos em seu lugar. Por meio desse dispositivo, Davenport nos permite mergulhar em sua rotina e testemunhar como é viver em sua condição. Em certo momento do longa, a chegada inesperada de uma tenda de circo em frente ao seu apartamento o faz revisitar P. T. Barnum e seu Circo de Horrores, e refletir sobre seu legado. Diz ele: “À medida que a sociedade ficava incomodada com o Show de Horrores, ele pareceu ir desaparecendo. Mas, na verdade, só se transformou em outra coisa. Eu sinto isso quando me encaram e quando não sou visto.” Ele nos lembra, assim, que as barreiras não são apenas físicas, mas também atitudinais, ao revelar que lugares acessíveis são desejáveis, mas não deixam de ser também “purgatórios éticos”, uma vez que, mesmo em uma sociedade “adaptada”, o capacitismo ainda impera.

Já *O Povo da Baleia* (*One with the Whale*, 2023), de Pete Chelkowski e Jim Wickens, nos apresenta a realidade de uma família siberiana Yupik, povo indígena da pequena Ilha de São Lourenço, no Mar de Bering. A caça de baleias tem importância vital para os Apassingok, como subsistência e como cultura. Essa tradição, entretanto, não parece mais ter lugar na contemporaneidade. Chris Agra Apassingok se tornou a pessoa mais jovem a arpar uma baleia para

a sua aldeia no Alasca e, orgulhosa, sua mãe compartilhou a notícia no Facebook, recebendo milhares de ataques. Ao lutar pela sobrevivência como faziam seus antepassados, a família tem de enfrentar o ódio colonialista de um pseudoambientalismo conservador, que tenta fazer terra arrasada de toda ressignificação e reexistência cultural. Esses ativistas imediatistas não conhecem nada da realidade dos Yupik, sua cultura, seu lugar no mundo, mas se veem no direito de julgar. Como preservar uma identidade diante de tanta destruição? “A baleia alimenta nosso corpo, nossa alma e nos conecta aos nossos antepassados” é a síntese perfeita, dita pela matriarca da família, Susan Apasingok, diante do ódio do opressor.

No holandês *O Jogo Mental* (*The Mind Game*, 2023), por sua vez, conhecemos o migrante refugiado afegão Sajid Khan Nasiri, ou simplesmente SK. Ele fugiu sozinho de seu país quando tinha apenas 14 anos e por dois anos teve uma jornada acidentada e perigosa até chegar à Bélgica em busca de asilo, o que resultou em uma nova luta. Sua trajetória parece inimaginável, e talvez por isso SK tenha captado a travessia em sua câmera de celular e assine a direção do documentário junto com Eefje Blankevoort e Els van Driel. Ele nos oferece sua perspectiva e nos mostra quão limitada é a possibilidade de se colocar no lugar do outro, mesmo que se tente: “Quando você está correndo para salvar sua vida, a realidade é bem pior do que se pode ver [em um filme]”. Sua reflexão nos faz recordar Gayatri Spivak quando ela, em *Pode o subalterno falar?* (1985), nos alerta de que tentar se colocar no lugar do outro não é a mesma coisa que estar no lugar do outro.

Cada um de nós faria de tudo para existir, mas esse direito é negado a alguns – impossível não ver semelhança entre SK e os jovens pretos periféricos do Brasil que apanham e são mortos diariamente pela polícia, assim como é impossível conhecer a história dos Yupik, como o pai de Chris Apasingok, que é preso por caçar, e não nos lembrarmos dos “marginais” (“quase pretos de tão pobres”) que são dragados rotineiramente para o sistema criminal. As margens são escórias das quais o sistema busca se livrar. O Haiti é o mundo todo.

A relação entre território e tradicionalidade cultural também é tratada na coprodução queniana-estadunidense *Entre as Chuvas* (*Between the Rains*, 2023), de Andrew H. Brown e Moses Thuránira, porém de uma forma microscópica e afiada. No longa, o povo Turkana, originalmente nômade, enfrenta confrontos brutais com grupos rivais e animais selvagens que caçam sua pecuária. Nessa comunidade está

Kolei, um jovem pastor de cabras. Diante daquele cenário, ele questiona seu futuro e sua identidade. Aparentemente desvinculado de uma situação colonial, o convite é para nos encontrarmos com nosso próprio etnocentrismo e ansiedades, para pouco a pouco nos mostrar o quanto do colonizador vive em nós. Por mais “distante” que seja essa comunidade cultural, ela é atravessada pelas emergências de nosso tempo, inclusive a climática, pois a situação é exponenciada por um período de baixa pluviosidade recorde no norte do Quênia.

A necropolítica, o oposto da alteridade, é um Frankenstein que age despersonalizada e silenciosamente num movimento inercial resultante das ações destrutivas de séculos de capitalismo predatório, somadas à regência de poucos indivíduos egoístas que concentram em suas mãos ressequidas dinheiro e poder. Nesse contexto, os expurgos são automáticos e as eliminações de pessoas vistas como descartáveis, sistêmicas.

Podemos pensar a partir deste eixo tão poético e, ao mesmo tempo, concreto, que um mundo homogêneo é uma ficção que nos torna atomizadas/os, solitárias/os, infelizes e rumo à autodestruição; que promove a despersonalização e o desenraizamento. Como nos alertou Otávio Paz, para sermos livres não precisamos de asas, o que precisamos é deitar raízes. Parafraseando o jovem Chris Apasingok em *O Povo da Baleia*: somos parte terra, parte água, e estamos fatalmente enlaçados ao outro, rumo a um destino comum.

ADRIANA BILLER APARICIO é Doutora e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Mestre em Direitos Humanos, Interculturalidade e Desenvolvimento pela Universidade Pablo de Olavide de Sevilha (Espanha). É fundadora do Grupo de Pesquisa em Antropologia Jurídica da UFSC, integra o Observatório de Justiça Ecológica (OJE/USFC) e atualmente se encontra em Santiago (Chile) em estudos de pós-doutorado no Centro de Estudos Constitucionais da Universidade de Talca, pesquisando Povos Indígenas e Emergência Climática, com bolsa do CNPq.

DANIELA SKROMOV DE ALBUQUERQUE é Defensora Pública do Estado de São Paulo desde 2007 e também fundadora e diretora de Relações Institucionais do Desinstitute, organização não governamental que visa a fomentar políticas públicas de cuidado em liberdade em saúde mental. Recebeu menção honrosa no Prêmio Santo Dias de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo em 2012, dentre outros prêmios de Direitos Humanos.

We Are the Other

ADRIANA BILLER APARICIO
& DANIELA SKROMOV DE
ALBUQUERQUE

The term alterity means “being other” or “putting oneself in the place of the other.” Modernity, however, created the illusion of the homogenization of the Subject, distancing and rationalizing it to better serve its efficientization processes. Thus, it ended up distancing the Subject from the relationship with the “other,” seeking to transform this “other” into a “self.”

In this sense, re-existence/resistance is about the possibilities of fully experiencing oneself as a human being and as a collective, overcoming solipsistic loneliness. No man is an island: caring for others and the environment is also caring for oneself. The face of the other moves me (should move me) and triggers (should trigger) in me the first human ethical imperative, which is to alleviate their suffering, as the philosopher Emmanuel Levinas reminds us.

Loneliness is a structural element of predatory capitalism. And one of its main consequences is the production of purges and waste, which are things and people. Things that destroy: garbage, deforestation, pollution, destruction of the Pachamama and also of people, who wander in suffering with nothing to belong to, in search of a better life.

In the urgency of thinking about the concrete situations of violence and oppression that plague the diverse and plural social reality, the axis of *The Right to Exist* seeks to

bring an emancipatory view that opposes the merely instrumental and anthropocentric view of the world. By bringing together films that deal with resistance – from indigenous peoples, refugees, and people with disabilities – the 13th *Ecofalcone Film Festival* contributes to reframing the way we look at contemporary problems. It thus overcomes the art of the modern “Universal Subject,” which hides the historical bourgeois liberal ideology that traditionally excludes the demands of women, Indigenous peoples, and environmental protection from its construction. Considering the under-representation of such groups on the public stage, which generates inequalities in access to the goods necessary for a dignified life, the axis presents itself as a flashlight to make the “hidden” visible; but, as Caetano Veloso rightly pointed out, it was simply the “obvious.”

In order to promote an interdisciplinary space for reflection and dialogue, with the support of the sensitive medium that art is, the idea here is to highlight the importance of these excluded subjects and the need to confront all types of violence and oppression, which, despite their differences, have predatory capitalism, which only wants to devour things and people, as their backdrop and support. In this way, the articulation of the various films provides bridges for a joint vision of an open, plural, democratic, and egalitarian world.

It is an invitation to follow the narratives of the various social actors who tell us about their places, subjectivities, and ways of life, sometimes in the first person, other times through the eyes of others. They show us the

richness of diversity, the urgency of respecting them in their re-existence, and, why not, learning from them.

In the American film *I Didn't See You There* (2022), filmmaker Reid Davenport, who is self-employed, uses a wheelchair and lives independently and far from his family, brings us into his world. By strictly using a subjective point-of-view camera that emulates his vision from the perspective of his wheelchair or his feet, he invites us to put ourselves in his shoes. Through this device, Davenport allows us to immerse ourselves in his routine and witness what it is like to live in his condition. At one point in the film, the unexpected arrival of a circus tent in front of his apartment makes him revisit P. T. Barnum and his Circus of Horrors and reflect on his legacy. He says: “As society became uncomfortable with the Horror Show, it seemed to disappear. But, in fact, it just became something else. I feel it when I'm stared at and overlooked.” He, thus, reminds us that barriers are not only physical but rather attitudinal by revealing that accessible places are desirable, yet also “ethical purgatories,” since even in an “adapted” society, ableism still reigns supreme.

One with the Whale (2023), by Pete Chelkowski and Jim Wickens, shows us the reality of a Siberian Yupik family, an indigenous people from the island of St. Lawrence in the Bering Sea. Whaling is vital to the Apassingok, both as a livelihood and as a culture. This tradition, however, no longer seems to have a place in contemporary times. Chris Agra Apassingok became the youngest person to harpoon a whale for his

village in Alaska, to which his mother proudly shared the news on Facebook, receiving thousands of attacks. Fighting for survival as their ancestors did, the family has to face the colonialist hatred of a conservative pseudo-environmentalism that tries to wipe out all cultural re-signification and re-existence. These immediatist activists know nothing of the Yupik reality, their culture, and their place in the world, but they see themselves as entitled to judge. How can an identity be preserved in the face of so much destruction? “The whale feeds our bodies, our souls, and connects us to our ancestors” is the perfect summary, uttered by the matriarch of the family, Susan Apassingok, in the face of the oppressor's hatred.

In the Dutch *The Mind Game* (2023), we meet Afghan refugee migrant Sajid Khan Nasiri or SK. He fled his country alone when he was just 14 years old and for two years had a bumpy and dangerous journey until he arrived in Belgium in search of asylum. A new struggle ensued. His journey seems unimaginable, which might explain why SK captured it on his cell phone camera and directed the documentary along with Eefje Blankevoort and Els van Driel. He offers his perspective on how difficult it is to put yourself in the other person's shoes, even if you try: “When you're running for your life, the reality is much worse than you can see [in a movie].” His reflection reminds us of Gayatri Spivak when in *Can the Subaltern Speak?* (1985), she warns us that trying to put ourselves in the other's shoes is not the same thing as being in the other's shoes.

Each of us would do anything to exist; however, to some, this right is denied – it's impossible not to see a similarity between SK and the Brazilian young black people from the outskirts who are beaten and killed by the police every day, just as it's impossible to know the story of the Yupik, like Chris Apassingok's father, who is arrested for hunting, and not remember the "marginals" routinely dragged into the criminal justice system. The margins are scum that the system seeks to get rid of.

The relationship between territory and cultural traditionality is also addressed in the Kenyan-USA co-production *Between the Rains* (2023) by Andrew H. Brown and Moses Thuranira, yet microscopically and sharply. In the film, the Turkana people, originally nomadic, face brutal clashes with rival groups and wild animals that hunt their livestock. In this community lives Kolei, a young goatherd. Faced with this scenario, he questions his future and his identity. Seemingly detached from a colonial situation, the invitation is to encounter our ethnocentrism and anxieties to gradually perceive how much of the colonizer lives in us. As "distant" as this cultural community is, it is traversed by the emergencies of our time, including the climate, as the situation is aggravated by a period of record low rainfall in northern Kenya.

Necropolitics, the opposite of alterity, is a Frankenstein that acts depersonalized and silently in an inertial movement resulting from the destructive actions of centuries of predatory capitalism, added to the rule of a few selfish individuals

who concentrate money and power in their withered hands. In this context, purges are automatic, and the disposal of people deemed disposable is systemic. We can think from this very poetic and, at the same time, concrete axis that a homogeneous world is a fiction that makes us atomized, lonely, unhappy, and heading for self-destruction. It promotes depersonalization and uprooting, and, as Otávio Paz warned us, to be free, we don't need wings; we do need putting down roots. To paraphrase the young Chris Apassingok in *One with the Whale*: We are part land, part water, and fatally entangled with each other, heading towards a common destiny.

ADRIANA BILLER APARICIO holds a Ph.D. and a Master's degree in Law from the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and a Master's degree in Human Rights, Interculturality, and Development from the Pablo de Olavide University in Seville (Spain). She is the founder of the Legal Anthropology Research Group at UFSC, is a member of the Ecological Justice Observatory (OJE/USFC), and is currently in Santiago (Chile) on post-doctoral studies at the Center for Constitutional Studies at the University of Talca, researching Indigenous Peoples and Climate Emergency, with a CNPq grant.

DANIELA SKROMOV DE ALBUQUERQUE has been a Public Defender in the state of São Paulo since 2007. She is also the founder and director of Institutional Relations at Desinstitute – a non-governmental organization dedicated to creating public policies for mental health care in freedom. She received an honorable mention in the Santo Dias Human Rights Award from the São Paulo State Legislative Assembly in 2012, among other human rights awards.



Entre as Chuvas

Between the Rains

EUA, QUÊNIA, 2023, 82'



Em um período de baixa pluviosidade recorde no norte do Quênia, o povo Turkana enfrenta crescentes confrontos violentos com grupos rivais e predadores selvagens que caçam o seu gado. Filmmado ao longo de quatro anos em estreita colaboração com os membros do território, o documentário acompanha uma infância atrelada a uma cultura tradicional que é vítima das mudanças climáticas. O jovem pastor Kolei questiona não apenas o seu caminho como guerreiro, mas também a erosão da cultura que moldou todos os aspectos da sua vida.

During a period of record low rainfall in northern Kenya, the Turkana tribe faces growing violent clashes with rival tribes and encroaching wild predators hunting their livestock. Filmed over four years in close collaboration with the Turkana, the documentary follows a childhood caught within a traditional culture that is a casualty of climate change. Kolei, a sensitive shepherd boy, questions not only his path as a warrior, but also the erosion of the culture that has shaped every aspect of his life.

DIREÇÃO DIRECTORS
Andrew H. Brown,
Moses Thuranira
ROTEIRO SCRIPT
Andrew H. Brown,
Moses Thuranira
PRODUÇÃO PRODUCERS
Samuel Ekomol,
Andrew H. Brown,
Moses Thuranira
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAFERS
Andrew H. Brown,
Moses Thuranira
EDIÇÃO EDITORS
Andrew H. Brown,
Charity Kuria
CONTATO CONTACT
info@ragtagcollective.
com



Não Te Vi Ali

I Didn't See You There

EUA, 2022, 76'

Reid Davenport é um jovem cineasta cadeirante que mora em Oakland, na Califórnia. A chegada inesperada de uma tenda de circo em frente ao apartamento de Davenport o leva a revisitar a história do lendário P. T. Barnum e seu Circo de Horrores, cujo legado marcou a sua vida em termos da maneira como ele é visto, nas faltas de acesso e em outras formas de capacitismo. Com *Não Te Vi Ali*, Davenport propõe nos mostrar como vê o mundo e nos convida a vivenciar seu dia a dia, seja da perspectiva da cadeira de rodas, seja de seus dois pés, sem precisar ser visto.

Filmmaker Reid Davenport, a visibly disabled person, lives in Oakland, CA. The unexpected arrival of a circus tent outside his apartment leads him to consider the history and legacy of P. T. Barnum's Freak Show and its lingering presence in his daily life in the form of gawking, lack of access, and other forms of ableism. He sets out to make a film about how he sees the world, from either his wheelchair or his two feet, without having to be seen himself.



DIREÇÃO DIRECTOR
Reid Davenport
PRODUÇÃO PRODUCER
Keith Wilson
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Reid Davenport
EDIÇÃO EDITOR
Todd Chandler
CONTATO CONTACT
jeffrey@
thefilmcollaborative.org



O Jogo Mental

The Mind Game

HOLANDA, 2023, 61'

Quando tinha apenas 15 anos, Sajid Khan Nasiri fugiu sozinho do Afeganistão. Depois de dois anos de uma jornada repleta de perigos e dificuldades — que ele documentou minuciosamente em sua câmera de celular —, ele chega à Bélgica em busca de asilo. É quando começa uma nova luta: “o jogo mental”. O documentário intimista retrata como um adolescente lida com a enorme pressão mental da viagem, com autoridades desconfiadas e mensagens perturbadoras vindas de casa.

When he was just 15, Sajid Khan Nasiri fled Afghanistan alone. After a two-year journey filled with danger and hardships — which he minutely documented on his phone camera — he arrives in Belgium to seek asylum. There, a whole new struggle begins: “the mind game”. As an adolescent, how do you deal with the enormous mental pressure of the journey, with distrustful authorities, and disturbing messages from the home front?



DIREÇÃO DIRECTORS
Sajid Khan Nasiri, Eefje Blankevoort, Els van Driel
PRODUÇÃO PRODUCER
Laura Verduijn
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Ton Peters, Maarten Kramer, Eefje Blankevoort
EDIÇÃO EDITORS
Francesco Indaco, Eefje Blankevoort
CONTATO CONTACT
contact@javafilms.tv



O Povo da Baleia

One with the Whale

EUA, RU, 2023, 80'

A caça de baleias é uma questão vital para o povo indígena da pequena Ilha de São Lourenço, no Mar de Bering. Portanto, quando Chris Agra Apassingok se tornou a pessoa mais jovem a arpar uma baleia para a sua aldeia no Alasca, sua mãe orgulhosamente compartilhou a notícia no Facebook. Para sua surpresa, milhares de ativistas digitais atacam Chris sem compreender totalmente o alcance do feito dele. O documentário acompanha a luta dos Apassingok para reconstruir sua identidade destruída e encontrar um novo ponto de apoio tanto na tradição quanto na modernidade.

Hunting whales is a matter of life or death for the Indigenous people of St. Lawrence, a tiny island in the Bering Sea. So, when Chris Agra Apassingok becomes the youngest person to ever harpoon a whale for his Alaskan village, his mother proudly shares the news on Facebook. To her surprise, thousands of keyboard activists brutally attack Chris without fully understanding the scope of his accomplishment. The documentary follows the Apassingok's struggle to rebuild their shattered identities and regain a new foothold in both the ancient and modern world.



DIREÇÃO DIRECTORS

Pete Chelkowski,
Jim Wickens

PRODUÇÃO PRODUCERS

Aakapak Apassingok,
Nalu Apassingok, Pete
Chelkowski, M. Watanabe
Milmore, Yaari Toolie-
Walker, Jim Wickens

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAFERS

Pete Chelkowski,
Jim Wickens

EDIÇÃO EDITORS

M. Watanabe
Milmore, Jon Ayon,
John Farbrother

CONTATO CONTACT

team@onewiththewhale.
com

Competição Latino- Americana

Latin American Competition



Já consolidada e reconhecida internacionalmente pela excelência de sua programação, a *Mostra Competitiva Latino-americana* reúne em 2024 sete longas e dez curtas-metragens. Ao lado de países de consagrada cinematografia – como Brasil, Argentina, México, Cuba, Chile e Colômbia –, estão representados nesta seleção obras de cenas audiovisuais emergentes, como Panamá e República Dominicana.

Confirma-se neste conjunto de filmes aquilo que o público da *Mostra Ecofalante de Cinema* observou ao longo dos anos do evento: as problemáticas socioambientais que assolam os países da América Latina e do Caribe são extraordinariamente semelhantes entre si. As produções apresentam os desafios em comum enfrentados por suas populações indígenas, bem como questões ligadas a aspectos étnico-raciais e relacionadas ao trabalho, à poluição e à saúde, por exemplo.

São temas urgentes, que merecem tratamento audiovisual igualmente desafiador, como pode ser comprovado nos títulos selecionados. A qualidade técnica e artística das produções feitas na região testemunham de forma inequívoca seu atual estágio – não por acaso, elas tiveram circulação em algumas das mais prestigiosas vitrines planetárias, como o Festival de Berlim, o Festival de Documentários de Amsterdã - IDFA, o Bafici - Festival Independente de Buenos Aires, entre outros.

Se, na América Latina, os problemas socioambientais trazem constantemente novas urgências a serem enfrentadas, o cinema realizado nestes territórios apresenta novos e criativos olhares para discutí-las, como demonstram os 17 títulos aqui reunidos.

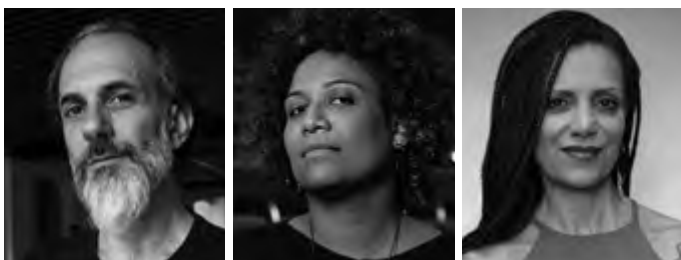


Now established and internationally recognized for its outstanding programming, the *Latin American Competition* of 2024 features seven feature films and ten short films. Alongside countries renowned for their cinematography, such as Brazil, Argentina, Mexico, Cuba, Chile, and Colombia, this selection also highlights works from emerging audiovisual scenes like Panama and the Dominican Republic.

This curated collection of films reaffirms what audiences of the *Ecofalante Film Festival* have observed over the years: the socio-environmental challenges plaguing Latin America and the Caribbean are remarkably interconnected. The productions delve into common issues faced by Indigenous populations, as well as themes related to ethnicity, race, labor, pollution, and health.

These urgent topics are approached with innovative and thought-provoking audiovisual techniques, as evidenced by the selected titles. The technical and artistic quality of the productions from the region attests to their significance – many have been featured at prestigious international showcases such as the Berlin Festival, Amsterdam Documentary Festival (IDFA), Bafici (Buenos Aires Independent Festival), among others.

In Latin America, where socio-environmental issues continually surface with new urgency, the cinema produced in these regions offers fresh and imaginative ways to address them, as demonstrated by the 17 titles assembled here.



Júri

Jury

Lucas Bambozzi

Produz vídeos, instalações, obras *site-specific*, performances audiovisuais e projetos interativos. Seus trabalhos já foram mostrados em mais de 45 países. Possui MPhil pela Universidade de Plymouth, Inglaterra, é doutor em Ciências pela FAU/USP e professor na FAAP, em São Paulo. Foi curador de projetos como *Life Goes Mobile* (2004-2005), *ON_OFF* (Itaú Cultural, 2012-2017), *Multitude* (Sesc Pompeia, 2014) e *Visualismo* (espaços públicos no RJ, 2015). É um dos criadores do *Festival artemov* (2006-2012), do *Labmovel* (2012-2016), *Prenúncios + Catástrofes* (Sesc Pompeia, 2018) e do *AVXLab*. Entre seus projetos mais recentes estão a exposição individual *Solastalgia* e o filme *Lavra* (2021).

Produces videos, installations, site-specific works, audiovisual performances, and interactive projects. His works have been shown in more than 45 countries. He holds an MPhil from the University of Plymouth, England, a Ph.D. in Sciences from FAU/USP, and is a professor at FAAP, in São Paulo. He was the curator of projects such as Life Goes Mobile (2004-2005), ON_OFF (Itaú Cultural, 2012-2017), Multitude (Sesc Pompeia, 2014), and Visualismo (public spaces in Rio de Janeiro, 2015). He is one of the creators of artemov Festival (2006-2012), Labmovel (2012-2016), Prenúncios + Catástrofes (Sesc Pompeia, 2018), and AVXLab. Among his most recent projects are the solo exhibition Solastalgia and the film Ironland (2021).

Mariana Jaspe

É diretora e roteirista soteropolitana. Fez sua estreia no cinema com *Carne* (2018), selecionado para mais de 30 festivais ao redor do mundo. Em 2023, lançou *Deixa*, protagonizado por Zezé Motta, pelo qual venceu o Kikito de Melhor Direção no Festival de Gramado. Dirigiu ainda o longa documental *Quem É Essa Mulher?* (2024), sobre a primeira médica negra do Brasil, e colaborou com Anna Muylaert no roteiro de *A Melhor Mãe do Mundo*, ainda inédito. É roteirista e diretora da série documental *Flordelis: Questiona ou Adora* (2022) e roteirista da série *Resistência Negra* (2023), ambas do Globoplay. É especialista em Cinema, Televisão e Mídias Interativas pela Universidade Rey Juan Carlos, de Madrid, e em Direção Cinematográfica pela Escola Darcy Ribeiro.

Is a director and screenwriter from Salvador. She made her film debut with Carne [Flesh] (2018), selected at more than 30 festivals worldwide. In 2023, she released Leave It, starring Zezé Motta, for which she won the Kikito for Best Direction at the Gramado Festival. She also directed the feature documentary Quem É Essa Mulher? [Who Is This Woman] (2024), about the first black doctor in Brazil, and collaborated with Anna Muylaert on the script for A Melhor Mãe do Mundo [The Best Mother in the World], still unreleased. She is the writer and director of the documentary series Flordelis: Question or Worship (2022) and the writer of the series Resistência Negra [Black Resistance] (2023), both on Globoplay. She is a specialist in Cinema, Television, and Interactive Media from the Rey Juan Carlos University, in Madrid, and in Cinematographic Direction from the Darcy Ribeiro School.

Tatiana Lohmann

É diretora e montadora. Realizou longas, curtas, séries e instalações. Seu trabalho é permeado por questões de gênero e fé, raciais e socioambientais. Seus longas documentais *Solidão & Fé* (2010), *SLAM: Voz de Levante* (2017) e *Minha Fortaleza, Os Filhos de Fulano* (2019) circularam por festivais diversos e foram premiados no Festival do Rio, Fim Cine, Nova Frontier, ABFF e na Mostra de Tiradentes. Junto ao coletivo *Manifesto Impromptu*, tem se dedicado à pesquisa de linguagem no campo da ficção.

Is a director and editor. She made feature films, short films, series, and installations. Her work is permeated by issues of gender and faith, racial and socio-environmental. Her feature-length documentaries Solitude & Faith (2010), SLAM: Sworded Words (2017), and My Fortress (2019) circulated at various festivals and were awarded at the Rio Festival, Fim Cine, Nova Frontier, ABFF, and Mostra Tiradentes. Together with the collective Manifesto Impromptu, she has been dedicating herself to language research in the field of fiction.

Céu Aberto
Open-Pit / Cielo Abierto

COMPETIÇÃO
LONGA-METRAGEM
FEATURE COMPETITION



A Gruta Contínua

Ongoing Cave / La Gruta Continua

ARGENTINA, CUBA, 2023, 85'



Na Itália, um grupo de exploradores persegue correntes de ar para entrar nas profundezas da Terra. A gruta continua de tal forma que desemboca em um refúgio cubano propício para resistir a invasões e desastres. A sobrevivência no interior nos ensina a reduzir a atividade humana na superfície. Há um futuro subterrâneo.

In Italy, a group of explorers follows air currents to enter the depths of the Earth. The cave continues in such a way that it leads to a Cuban shelter adapted to withstand invasions and disasters. Survival in the interior teaches to reduce human activity on the surface. There is a future below the earth.

DIREÇÃO DIRECTOR
Julián D'Angiolillo
ROTEIRO SCRIPT
Julián D'Angiolillo
PRODUÇÃO PRODUCERS
Lita Stantic, Julián D'Angiolillo
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Julián D'Angiolillo
EDIÇÃO EDITORS
Pablo Mazzolo, Julián D'Angiolillo
CONTATO CONTACT
lita@litastantic.com



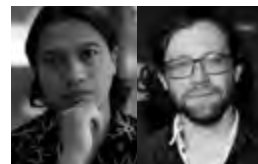
A Transformação de Canuto

Canuto's Transformation

BRASIL, 2023, 130'

Em uma pequena comunidade Mbyá-Guarani entre o Brasil e a Argentina, todos conhecem o nome Canuto: um homem que, muitos anos atrás, sofreu a temida transformação em onça e, depois, morreu tragicamente. Agora, um filme está sendo feito para contar a sua história. Por que isso aconteceu com ele? Mas, mais importante, quem na aldeia deveria interpretar o seu papel?

In a small Mbyá-Guarani community between Brazil and Argentina, everyone knows the name Canuto: a man who, many years ago, suffered the dreaded transformation into a Jaguar and then tragically died. Now, a film is being made to tell his story. Why did this happen to him? But more importantly: who in the village should play his role?



DIREÇÃO DIRECTORS

Ariel Kuaray Ortega,
Ernesto de Carvalho

ROTEIRO SCRIPT

Ariel Kuaray Ortega,
Ernesto de Carvalho,
Miguel Antunes
Ramos, Patrícia
Ferreira, Ralf Ortega

PRODUÇÃO PRODUCERS

Leonardo Mecchi,
Vincent Carelli, Ernesto
de Carvalho

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Camila Freitas

EDIÇÃO EDITORS

Ernesto de Carvalho,
Tatiana Almeida

ELENCO CAST

Fabrizio "Álvaro"
Benitez, Thiny Ramirez,
Carla Benitez

CONTATO CONTACT

contato@enquadrarmen.to



Bila Burba

Bila Burba

PANAMÁ, 2023, 70'

Todos os anos os Gunadule, habitantes originais do norte do Panamá, reencenam a sua bem-sucedida revolta de 1925 contra o repressivo governo panamenho. Manter vivo esse passado é crucial para a preservação da identidade coletiva.

Every year the Gunadule, original inhabitants of northern Panama, reenact their successful uprising in 1925 against the repressive Panamanian government. Keeping this past alive is crucial for the preservation of collective identity.



DIREÇÃO DIRECTOR

Duiren Wagua

ROTEIRO SCRIPT

Duiren Wagua,
Orgun Wagua

PRODUÇÃO PRODUCERS

Diego Madias,
Jhojaddy Ramirez

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

Manuel Campos,
Duiren Wagua

EDIÇÃO EDITOR

Orgun Wagua

CONTATO CONTACT

renato@utopiadocs.net



Céu Aberto

Open-Pit / Cielo Abierto

PERU, FRANÇA, 2023, 65'

Um pai peruano trabalha pacientemente quebrando a pedra branca vulcânica que forma uma paisagem extraordinária. Seu filho faz parte do mundo moderno: usa câmeras e drones para criar no computador a maquete digital de uma igreja. Separados pela misteriosa morte da esposa/mãe, esses homens não se conectam. E, ainda assim, seus caminhos se cruzam de maneira fantasmagórica: cada um a seu modo trabalha com texturas e volumes, sensações e percepções. Poderá o reino da arte digital recriar e reviver o velho mundo?

A Peruvian father labors patiently chipping at the white volcanic stone that forms an extraordinary landscape. His son is part of the modern world: he uses cameras and drones in order to create the digital model of a church on a computer. Separated by the mysterious death of the wife/mother figure in the family, these men do not connect. And yet their paths cross in a ghostly manner: each in their own way works with textures and volumes, sensations and perceptions. Can the realm of digital art recreate and revivify the old world?



DIREÇÃO DIRECTOR
Felipe Esparza Pérez
ROTEIRO SCRIPT
Felipe Esparza Pérez
PRODUÇÃO PRODUCERS
Lorena Tuliní, Felipe Esparza Pérez
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Fernando Criollo
EDIÇÃO EDITORS
Felipe Esparza Pérez, Kendra McLaughlin
ELENCO CAST
Dionicio Huaracallo Idme, Moisés Jiménez Carbajal, Julio Carcausto Larito, Mayra Ferrer
CONTATO CONTACT
paifilmspe@gmail.com



Histórias de Shipibos

Shipibos Stories / Historias de Shipibos

PERU, 2023, 117'

Um menino Shipibo é criado pelos avós em contato direto com a floresta amazônica e seus habitantes, os quais ele respeita e considera parte de seu meio social. À medida que cresce e entra em contato com a vida urbana, ele renuncia à sua cultura para evitar a discriminação.

A Shipibo boy is raised by his grandparents in direct contact with the Amazon Forest and its inhabitants, which he respects and considers part of his social environment. Growing up and coming into contact with urban life, he denies his culture to avoid discrimination.



DIREÇÃO DIRECTOR
Omar Forero
ROTEIRO SCRIPT
Omar Forero
PRODUÇÃO PRODUCER
Omar Forero
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Luis Tirado
EDIÇÃO EDITOR
Omar Forero
ELENCO CAST
Luis Marquez, Wickleff Yui, Andry Azán, Chelsy Fernandez, Llimy Marquez
CONTATO CONTACT
valeleerod@gmail.com



Ramona

Ramona

REPÚBLICA DOMINICANA, 2023, 82'

Confundindo as fronteiras entre ficção e não-ficção, o filme acompanha uma jovem atriz que se prepara para assumir o papel de uma adolescente grávida que mora na periferia de Santo Domingo. Insegura no papel, ela começa a entrevistar jovens mães sobre gravidez e maternidade. Ao longo desse processo, à medida que as meninas apresentam a história de suas vidas para a câmera e compartilham sua visão de como “Ramona” deveria ser, elas mesmas passam a influenciar a produção do filme, alterando seu rumo.

Blurring the boundaries between fiction and non-fiction, the film follows a young actress preparing to take on the role of a pregnant teenager who lives on the outskirts of Santo Domingo. Insecure with the role, she starts to interview young women about pregnancy and motherhood. In the process, as the girls candidly recount their lives to the camera and share their views on how the character of Ramona should be, they end up influencing the production of the film, changing its direction altogether.



DIREÇÃO DIRECTOR
Victoria Linares Villegas
ROTEIRO SCRIPT
Victoria Linares Villegas,
Diego Cepeda
PRODUÇÃO PRODUCERS
Jordi Gassó, Pedro
García, Rafael Llana
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Jaime Guerra
EDIÇÃO EDITOR
Melisa Miranda
ELENCO CAST
Camila Santana, Estrellita
Ynoa, Yarisel Ynoa
CONTATO CONTACT
info@alief.co.uk



Rio Vermelho

Red River / Rio Rojo

COLÔMBIA, FRANÇA, 2023, 70'

Na Serranía de la Macarena, no norte da Amazônia colombiana, corre o mítico Rio Vermelho. O jovem Oscar, Doña María e o indígena Sabino ali vivem em comunhão com a natureza. Mas essa área, antes preservada pelo conflito com as FARC, é agora vítima da sua beleza e corre perigo com a chegada de novos visitantes.

In Serranía de la Macarena, in the north of the Colombian Amazon, runs the mythical Red River. Young Oscar, Doña María, and the indigenous Sabino live there in communion with nature. But this area, once preserved by the conflict with the FARC, is now a victim of its beauty and is endangered by the arrival of new visitors.



DIREÇÃO DIRECTOR
Guillermo Quintero
PRODUÇÃO PRODUCERS
Pierre-Emmanuel Urcun,
Guillermo Quintero
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Guillermo Quintero
EDIÇÃO EDITOR
Julie Borvon
CONTATO CONTACT
contact@stank.fr

Hikuri
Hikuri

COMPETIÇÃO
CURTA-METRAGEM
SHORT FILM COMPETITION



A Menos Que Bailemos

Unless We Dance / A Menos Que Bailemos

COLÔMBIA, 2023, 15'

Bonays, professora de dança afro, empreende uma iniciativa para resgatar jovens do crime em Quibdó, cidade com os maiores índices de homicídios da Colômbia. Foi assim que surgiu a Black Boys Chocó, uma companhia de dança onde centenas de jovens desafiam destinos brutais através de uma paixão.

Bonays, an Afro dance teacher, undertakes an initiative to rescue young people from the crime that stalks Quibdó, a city with the highest homicide rates in Colombia. This is how Black Boys Chocó emerged, a dance company where hundreds of young people defy brutal destinies through passion.



DIREÇÃO DIRECTORS

Hanz Rippe Gabriel,
Fernanda Pineda Palencia

ROTEIRO SCRIPT

Hanz Rippe Gabriel,
Fernanda Pineda Palencia,
Daniel Alberto Sánchez

PRODUÇÃO PRODUCER

Fernanda Pineda Palencia

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Hanz Rippe Gabriel

EDIÇÃO EDITOR

Juan Sebastián Rincón

CONTATO CONTACT

direccion@paramofilms.co



Cama Vazia

Empty Bed

BRASIL, 2023, 5'

A máquina de morte precisa manter sua longevidade para expandir e lucrar.

The death machine needs to maintain its longevity to expand and profit.



DIREÇÃO DIRECTORS
Fábio Rogério,
Jean-Claude Bernardet
PRODUÇÃO PRODUCERS
Fábio Rogério,
Jean-Claude Bernardet
**FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAPHERS**
Fábio Rogério,
Jean-Claude Bernardet
EDIÇÃO EDITORS
Fábio Rogério,
Jean-Claude Bernardet
CONTATO CONTACT
fabiorogério.se@
gmail.com



Concórdia

Concordia

CHILE, 2022, 9'

Pampa que não conhecia limites, a aparição de uma linha, acordos diplomáticos. *Concórdia* é um ensaio sobre a fronteira entre o Peru e o Chile criado com materiais encontrados na internet.

Pampa that knew no limits, the appearance of a line, diplomatic agreements. Concordia is an essay on the Peruvian-Chilean border created with materials found on the internet.



DIREÇÃO DIRECTOR
Diego Véliz
ROTEIRO SCRIPT
Diego Véliz
EDIÇÃO EDITOR
Diego Véliz
CONTATO CONTACT

contacto@candelabro.cl



Hikuri

Hikuri

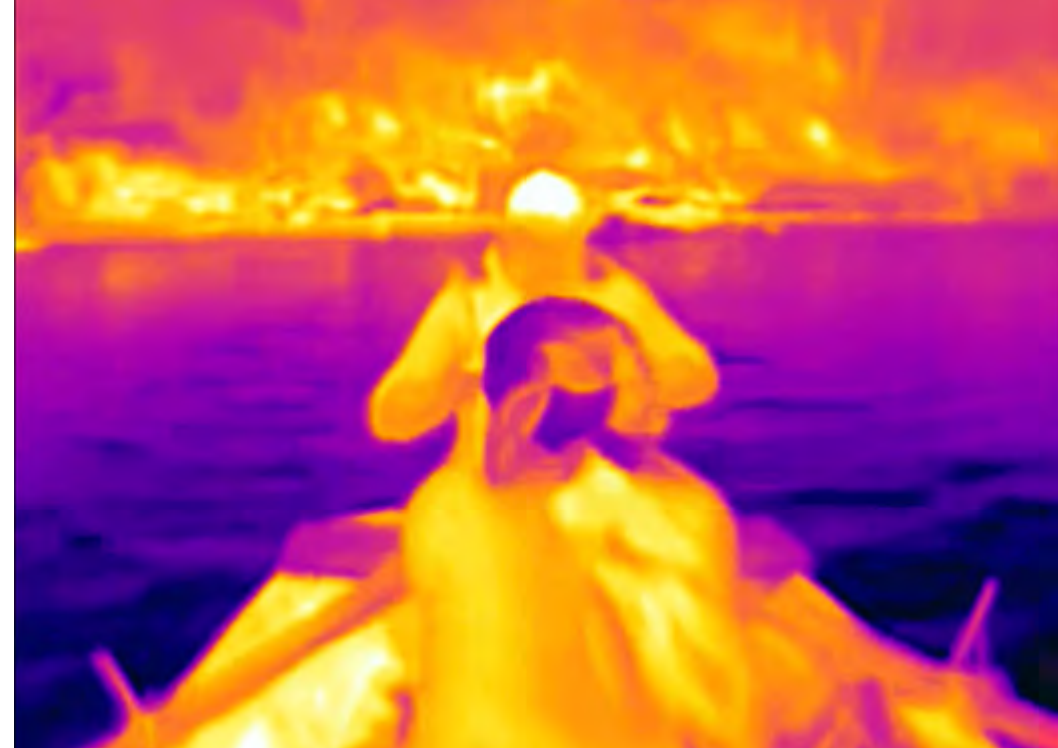
MÉXICO, 2023, 17'

Uma jovem huichol não consegue encontrar comida e peiote para a sua comunidade; as empresas mineradoras contaminaram a água, envenenando plantas e animais. Não tendo outra opção, os habitantes da comunidade decidiram abandonar as suas terras. Quando sua avó lhe confia a sementeira das últimas sementes de peiote, ela terá de decidir se vai semeá-las ou deixar a comunidade.

A young Huichol woman is unable to find food and peyote for her community; mining companies contaminated the water, poisoning plants and animals. Having no other option, the community's inhabitants decided to abandon their land. When her grandmother entrusts her with sowing the last peyote seeds, she will have to decide whether to sow them or leave the community.



DIREÇÃO DIRECTOR
Sandra Ovilla León
ROTEIRO SCRIPT
Sandra Ovilla León
PRODUÇÃO PRODUCERS
Omar Solórzano,
Daniel Aarón
Hernández Villarreal
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Fredy Padilla
EDIÇÃO EDITOR
Alfredo González Unibe
ELENCO CAST
Dalia Anabel Evangelista
Vicente, Xik+ Akame
López Carrillo, María
Dolores Muñoz Carrillo
CONTATO CONTACT
divulgacion@
elccc.com.mx



Margens Luminosas

Luminous Shores / Hacer Orillas Luminosas

PARAGUAI, ARGENTINA, 2023, 18'

Imagens térmicas captadas pela realizadora expõem os movimentos noturnos no meio do Rio Paraná realizados por mulheres trabalhadoras conhecidas como *paseras* na fronteira Argentina-Paraguai. Existem testemunhos dessa atividade transfronteiriça há pelo menos 170 anos. A obra é um testemunho coletivo subversivo e resistente que narra as condições em que essa atividade continua a ser realizada.

*Thermal images captured by the director expose the nocturnal movements in the middle of the Paraná River carried out by women workers known as *paseras* [passer women] on the Argentina-Paraguay border. There have been testimonies of this cross-border activity for at least 170 years. The work is a subversive collective testimony in resistance that narrates the conditions in which this activity continues to be carried out.*



DIREÇÃO DIRECTOR
Maira Ayala
PRODUÇÃO PRODUCER
Maia Navas
EDIÇÃO EDITOR
Maira Ayala
CONTATO CONTACT
contacto.cantatafilms@
gmail.com



O Materialismo Histórico da Flecha Contra o Relógio

The Historical Materialism of the Arrow Against the Clock

BRASIL, 2023, 26'

Cinepoema baseado em *Sobre o Conceito de História*, de Walter Benjamin. Realidades distantes se aproximam: imagens de povos indígenas brasileiros em 1917 e 1922 e em manifestações antifascistas de 2022; imagens da causa palestina em 1948 e em 2022; tiros contra o relógio disparados por revolucionários franceses em 1830 e flechas contra o relógio disparadas por indígenas brasileiros em 2000.

Cinepoem based on On the Concept of History, by Walter Benjamin. Distant realities come together: images of Brazilian Indigenous peoples in 1917 and 1922 and in anti-fascist demonstrations in 2022; images of the Palestinian cause in 1948 and in 2022; shots fired against the clock by French revolutionaries in 1830 and arrows fired against the clock by Indigenous Brazilians in 2000.



DIREÇÃO DIRECTOR
Carlos Adriano
ROTEIRO SCRIPT
Carlos Adriano
PRODUÇÃO PRODUCER
Carlos Adriano
EDIÇÃO EDITOR
Carlos Adriano
CONTATO CONTACT
adriano.carlos.ca@gmail.com



Um Campo Que Já Não Cheira a Flores

A Field That No Longer Smells of Flowers

/ Un Campo Que Ya No Huele A Flores

MÉXICO, 2023, 19'

No município de Villa Guerrero, Estado do México, os floricultores e suas famílias convivem com a esperança de tempos melhores; enquanto isso, vivem todos os dias num campo que já não cheira a flores...

In the municipality of Villa Guerrero, State of Mexico, flower growers and their families live in hope of better times; meanwhile, they live every day in a field that no longer smells of flowers...



DIREÇÃO DIRECTOR
César Flores Correa
PRODUÇÃO PRODUCERS
Christopher Rogel
Blanquet, César Flores
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
César Flores Correa
EDIÇÃO EDITOR
César Flores Correa
CONTATO CONTACT
cesar.flrc@gmail.com



Vão das Almas

Valley of Souls

BRASIL, 2023, 15'

No Quilombo Kalunga, a profecia da Matinta corta o vilarejo-fantasma do Vão de Almas como uma corrente de ar gelado: “Existem vários tipos de Saci. Pererê é aquele menorzinho, que prega peça. Saçurá faz maldade...”

A black family tries to defend their land against invaders but gets caught between a mischievous witch and a tortured spirit eager for revenge.



DIREÇÃO DIRECTORS

Edileuza Penha de Souza, Santiago Dellape

ROTEIRO SCRIPT

Davi Mattos, Edileuza Penha de Souza, Santiago Dellape

PRODUÇÃO PRODUCERS

Larissa Rolim, Santiago Dellape

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

David Alves Mattos, Cled Pereira

EDIÇÃO EDITORS

Sergio Azevedo, Santiago Dellape

ELENCO CAST

Deusenir Santana, Doroty Marques, Kaléo Henrique, Luan Vinícius, Romes Santos

CONTATO CONTACT

dalapa@gmail.com



Você Vai Me Esquecer?

Will You Forget Me? / ¿Me Olvidarás?

MÉXICO, 2023, 12'

Uma pergunta sobre a passagem do tempo que transforma os lugares, converte o presente em memórias e as memórias em esquecimento. Ainda assim, restam vestígios impregnados no espaço e no tempo que, como fantasmas, rondam e se fazem sentir entre os habitantes de Puerto Maldonado, cidade nos limites da selva amazônica do Peru.

A question about the passage of time that transforms places, turns the present into memories, and memories into oblivion. Even so, traces remain, impregnated in space and time, which, like ghosts, lurk and make themselves felt among the inhabitants of Puerto Maldonado, a city on the edge of the Peruvian Amazon jungle.



DIREÇÃO DIRECTOR

Sofia Landgrave Barbosa

ROTEIRO SCRIPT

Sofia Landgrave Barbosa

PRODUÇÃO PRODUCER

Sofia Landgrave Barbosa

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Sofia Landgrave Barbosa

EDIÇÃO EDITOR

Sofia Landgrave Barbosa

CONTATO CONTACT

sof.landgrave@gmail.com



Yarokamena

Yarokamena

COLÔMBIA, PORTUGAL, 2022, 21'

Yarokamena, um indígena uitoto, organizou um movimento de resistência armada à exploração da borracha na Amazônia colombiana, no início do século XX. Esta história notável foi banida pelas autoridades devido ao seu potencial para atrair jovens para a revolta e funcionar como estímulo ao recurso à bruxaria.

Yarokamena, a man from the Uitoto tribe, organized armed resistance to rubber exploitation at the beginning of the 20th century, in the Colombian Amazon. This remarkable tale was banned by traditional authorities for its potential to attract young people to revolt and function as a stimulus to resort to witchcraft.



DIREÇÃO DIRECTOR

Andrés Jurado

ROTEIRO SCRIPT

Andrés Jurado

PRODUÇÃO PRODUCER

Maria Rojas Arias

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Andrés Jurado

EDIÇÃO EDITORS

Andrés Jurado, Maria Rojas Arias

CONTATO CONTACT

lavulcanizadoraco@gmail.com

Mostra Competitiva Territórios & Memória

Territories and Memory Competition





Memórias da Chuva
Memories of Rain



Mborairapé
Mborairapé

Uma nova vitrine para a crescente produção brasileira dedicada a temáticas socioambientais inaugura-se nesta edição da **Mostra Ecofalante de Cinema**.

A *Mostra Competitiva Territórios & Memória* reúne olhares sobre diversos territórios do país, geográficos e simbólicos. Traz ainda diferentes incursões por memórias ancestrais e recentes. Trata-se de uma oportunidade privilegiada de conhecer e refletir sobre essas duas perspectivas tão significativas nos curtas e longas-metragens recebidos pelo evento neste ano.

A programação percorre geografias que vão desde a Amazônia e seus garimpos ilegais até os desafios das grandes cidades, como habitação e mobilidade, passando por questões étnico-raciais, racismo ambiental, extremos climáticos e desastres ambientais. As culturas de povos originários e os direitos da população indígena também se fazem presentes. Ainda há espaço para temas como desmatamento, ativismo e energia limpa, entre outros.

Assim, a pujante diversidade da realização audiovisual brasileira recente está refletida nos 13 longas e 14 curtas-metragens desta competição, que contribui para pensar o Brasil atual.

A new window for the growing Brazilian production dedicated to socio-environmental themes opens at this edition of the **Ecofalante Film Festival**.

The *Territories and Memory Competition* brings together perspectives on various geographical and symbolic territories in the country. It also examines ancestral and recent memories. It is a privileged opportunity to get to know and reflect on these two very significant perspectives in the short and feature films received by the event this year.

The program covers geographies ranging from the Amazon and its illegal mining to the challenges of big cities, such as housing and mobility, as well as ethnic-racial issues, environmental racism, climate extremes, and environmental disasters. The cultures of native peoples and the rights of the Indigenous population also feature. In addition, there is room for topics such as deforestation, activism, and clean energy.



Júri

Jury

Carolina Canguçu

É pesquisadora de cinema indígena, professora, curadora, montadora e diretora de documentários. É graduada e Mestre em Comunicação Social pela UFMG. Trabalha junto a diferentes povos em cursos de formação audiovisual e cinema. Integrou, por doze anos, o coletivo Filmes de Quintal, que realiza o forumdoc.bh: Festival do Filme Documentário e Etnográfico de Belo Horizonte. Coordenou a interprogramação da TVE Bahia por 6 anos (2018-2024), realizando filmes e séries sobre as tradições da cultura baiana. Dirigiu os premiados *Nũhũ Yãg Mũ Yõg Hãm: Essa Terra É Nossa!* (2020), *Yãmiyhex: As Mulheres-Espírito* (2019) e *Riachão, O Retrato Fiel da Bahia* (2021).

Is an Indigenous cinema researcher, teacher, curator, editor, and documentary director. She has a degree and Master's in Social Communication from UFMG. She works alongside different indigenous peoples on audiovisual and cinema training courses. For twelve years, she was part of the collective Filmes de Quintal, which organizes forumdoc.bh: Belo Horizonte Documentary and Ethnographic Film Festival. She coordinated the interprogramming of TVE Bahia for 6 years (2018-2024), making films and series about the traditions of local culture. She directed the award-winning Nũhũ Yãg Mũ Yõg Hãm: This Land Is Our Land! (2020), Yãmiyhex: The Women-Spirit (2019), and Riachão, O Retrato Fiel da Bahia [Riachão, Faithful Portrait of Bahia] (2021).

Nara Normande

É diretora nascida em Alagoas, tendo seguido carreira no Recife. Dirigiu os curtas-metragens *Dia Estrelado* (2011), animação exibida no Festival de Havana; *Sem Coração* (2014), em parceria com Tião, que ganhou o prêmio Illy de Melhor Curta-metragem na Quinzena dos Realizadores em Cannes; e *Guaxuma* (2018), documentário animado em técnicas mistas, com coprodução na França, selecionado para Annecy e Toronto e ganhador de diversos prêmios em prestigiosos festivais. Seu primeiro longa-metragem, *Sem Coração* (2023), codirigido por Tião e com coprodução na França e Itália, estreou em setembro na competição Orizzonti do Festival de Veneza.

Is a director born in Alagoas, based in Recife. She directed the short films Starry Day (2011), an animation shown at the Havana Festival; Heartless (2014), in partnership with Tião, which won the Illy award for Best Short Film at the Directors' Fortnight in Cannes; and Guaxuma (2018), an animated documentary using mixed techniques, co-produced in France, selected for Annecy and Toronto and winner of several awards at prestigious festivals. Her first feature film, Heartless (2023), co-directed by Tião and co-produced in France and Italy, premiered in September in the Orizzonti competition at the Venice Film Festival.

Tatiana Toffoli

É realizadora com foco em cultura, sociedade, saúde e ciências. Atuou como produtora, diretora, roteirista e montadora no curta *Chapa* (2009); nos médias *Louceiras* (2013) e *Baré, Povo do Rio* (2015); e na série *Amazônia, Arqueologia da Floresta* (2022). É codiretora do longa *Pessoas, Contar Para Viver* (2019) e montadora de *Chico Rei Entre Nós* (2020), *Dona Helena* (2006) e *Do Pó da Terra* (2016). Como atriz, estreou na novela *A História de Ana Raio e Zé Trovão* (1990-1991), da TV Manchete, como Lina, e trabalhou na MTV nos programas *Rock e Gol, MTV no Ar* e *Mochilão MTV*.

Is a director focused on culture, society, health, and science. She worked as a producer, director, screenwriter, and editor in the short film Chapa (2009); in the medium-length Louceiras (2013) and Baré, People from the River (2015); and in the series Amazon, Archeology of the Forest (2022). She is co-director of the feature film Pessoas, Telling to Live (2019) and editor of Chico Rei Among Us (2020), Dona Helena (2006), and From the Dust of the Earth (2016). As an actress, she debuted in the soap opera A História de Ana Raio e Zé Trovão [The Story of Ana Raio and Zé Trovão] (1990-1991) on TV Manchete as Lina, and worked at MTV on the programs Rock e Gol, MTV no Ar, and Mochilão MTV.

Rejeito
Rejeito

COMPETIÇÃO
LONGA-METRAGEM
FEATURE COMPETITION



À Margem do Ouro

On the Edge of Gold

BRASIL, 2022, 93'

Penedo, à beira do Rio Tapajós, no coração da Amazônia, serve de base para garimpeiros da região. A pequena vila tem apenas uma rua de terra batida. O clima é tenso em função do ouro e dos conflitos sociais e ambientais que envolvem a atividade, na maioria das vezes ilegal, com diversas violências já completamente banalizadas. No entanto, entre a prática predatória para conseguir uma pepita de ouro e as condições de vida precarizadas, existe espaço para sonhar com dias melhores.

Penedo, on the banks of the Tapajós River, in the heart of the Amazon, serves as a base for prospectors in the region. The small village has just one street. The atmosphere is tense due to gold and the social and environmental conflicts that involve the activity, mostly illegal, with various types of violence already completely trivialized. However, between the predatory practice to obtain a nugget of gold and the precarious living conditions, there is room to dream of better days.



DIREÇÃO DIRECTOR

Sandro Kakabadze

ROTEIRO SCRIPT

Sandro Kakabadze,
Willem Dias

PRODUÇÃO PRODUCER

Renato Ciasca

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHER

Sandro Kakabadze

EDIÇÃO EDITOR

Willem Dias

CONTATO CONTACT

drama@dramafilmes.
com.br



Anhangabaú

Anhangabaú

BRASIL, 2023, 88'

Anhangabaú é um documentário sobre as construções simbólicas de uma cidade em disputa. O filme conecta os conflitos pelo território da comunidade indígena Guarani Mbya com a resistência da Ouvidor, a maior ocupação artística da América Latina, e do grupo Teatro Oficina Uzyna Uzona, na cidade de São Paulo.

Anhangabaú is a documentary about the symbolic constructions of a disputed city. The film connects the fight over the territory of the Guarani Mbya Indigenous community with the resistance of Ouvidor, Latin America's largest artistic occupation, and of the Teatro Oficina Uzyna Uzona group, in the city of São Paulo.



DIREÇÃO DIRECTOR
Lufe Bollini
ROTEIRO SCRIPT
André Luís Garcia
PRODUÇÃO PRODUCERS
Denis Feijão, Rafael Avancini
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Rafael Avancini
EDIÇÃO EDITOR
Lufe Bollini
CONTATO CONTACT
kinocobrafilmes@gmail.com



Black Rio! Black Power!

Black Rio! Black Power!

BRASIL, 2023, 70'

Os bailes de *soul music*, que deram origem ao movimento Black Rio, eram espaços de afirmação e resistência política do jovem negro carioca nos anos 1970. A partir das trajetórias de Dom Filó e da equipe de som Soul Grand Prix, o filme apresenta a importância da cena musical na luta por justiça racial durante a ditadura militar brasileira, sua influência no hip hop e no funk, e o impacto do orgulho negro e da valorização estética, difundidos há décadas, nas novas gerações.

The parties of soul music, which gave rise to the Black Rio movement, were spaces of affirmation and political resistance for young black people in Rio in the 1970s. Based on the trajectories of Dom Filó and the Soul Grand Prix sound team, the film shows the importance of the music scene in the fight for racial justice during the Brazilian military dictatorship, its influence on hip-hop and funk, and the impact of black pride and aesthetic empowerment, which have been widespread for decades, on new generations.



DIREÇÃO DIRECTOR
Emilio Domingos
ROTEIRO SCRIPT
Emilio Domingos
PRODUÇÃO PRODUCERS
Leticia Monte, Lula Buarque de Hollanda
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Leo Bittencourt, Rita Albano - Dafb
EDIÇÃO EDITOR
Yan Motta
CONTATO CONTACT
contato@espiral.art.br



Eskawata Kayawai (O Espírito da Transformação)

Eskawata Kayawai: The Spirit of Transformation

BRASIL, NORUEGA, EUA, 2023, 72'

No coração da Floresta Amazônica brasileira, o povo originário Huni Kuin vivencia o renascimento de sua identidade após décadas de escravidão e opressão. Foi apenas a partir do ano 2000, ao se unirem para recordar sua cultura e seu modo de vida ancestral e espiritual, que os Huni Kuin começaram a se lembrar de quem eram. Após mais de 20 anos de fortalecimento através da liderança do líder espiritual Ninawá Pai da Mata, as comunidades da Terra Indígena do Humaitá vivem hoje um ápice cultural.

In the heart of the Brazilian Amazon Rainforest, the Huni Kuin people are undergoing a profound renaissance of their identity after decades of slavery and oppression. From the year 2000 on, the Huni Kuin started to recall who they were, united in the effort to remember their culture and their ancestral and spiritual life. Two decades later, through the guidance of spiritual leader Ninawá Pai da Mata, they are experiencing a cultural peak.



DIREÇÃO DIRECTORS
Lara Jacoski, Patrick Dequech Belem

ROTEIRO SCRIPT
Lara Jacoski, Patrick Dequech Belem

PRODUÇÃO PRODUCER
Lara Jacoski

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS

Lara Jacoski, Patrick Belem

EDIÇÃO EDITOR
Lara Jacoski

CONTATO CONTACT
contato@
bemteviproducoes.com.br



Favela do Papa

The Pope's Slum

BRASIL, 2023, 76'



DIREÇÃO DIRECTOR
Marco Antonio Pereira

ROTEIRO SCRIPT
Marco Antonio Pereira

PRODUÇÃO PRODUCER
LF Brandão

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Felipe Paiva

EDIÇÃO EDITORS
Victor Magrath,

Alessio Slossel

CONTATO CONTACT
lfservicos@outlook.com

O filme mostra o movimento de resistência dos moradores da Favela do Vidigal contra a ordem de remoção, um capítulo importante da história do Rio de Janeiro na década de 1970. Através do resgate de imagens de época e entrevistas, o filme apresenta a conjunção de entidades e personalidades na defesa da permanência dos moradores em seu território. O apoio da Igreja Católica, através da Pastoral das Favelas, de juristas e do artista Sérgio Ricardo fizeram a diferença, e a vitória foi coroada pela visita do Papa João Paulo II à favela em 1980.

The film shows the movement of resistance of the residents of Favela do Vidigal against an eviction order, an important chapter in the history of Rio de Janeiro in the 1970s. Through archival footage and interviews, the film shows the conjunction of entities and personalities in defense of the residents' permanence in their territory. The support of the Catholic Church, through the Pastoral of Favelas, jurists, and the artist Sérgio Ricardo made a difference, and the victory was crowned with the visit of Pope John Paul II to the favela in 1980.



Memórias da Chuva

Memories of Rain

BRASIL, 2023, 79'

A população de Jaguaribara, cidade do interior cearense distante 162 km de Fortaleza, é obrigada a abandonar sua cidade para dar lugar à construção do Castanhão, açude que vai fornecer água para a capital. A mudança trouxe mais perdas do que ganhos; da velha cidade só restaram lembranças.

The population of Jaguaribara, a city in the interior of Ceará, 162 km from Fortaleza, is forced to abandon their city to make way for the construction of Castanhão, a dam that will supply water to the capital. The change brought more losses than gains; all that was left of the old city were memories.



DIREÇÃO DIRECTOR
Wolney Oliveira
ROTEIRO SCRIPT
Wolney Oliveira,
Margarita Hernández
PRODUÇÃO PRODUCERS
Danilo Mattos, Juliana
Lins, Rosa Freire
**FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAPHERS**
Rogerio Resende, Thiago
Oliveira, Eusélio Gadelha
EDIÇÃO EDITORS
Tiago Therrien,
Wolney Oliveira
CONTATO CONTACT
wolneymo@gmail.com



O Bixiga É Nosso!

The Neighborhood Is Ours!

BRASIL, 2023, 73'



DIREÇÃO DIRECTOR
Rubens Crispim Jr.
ROTEIRO SCRIPT
Ana Durães
PRODUÇÃO PRODUCERS
Gal Buitoni, Luiz Ferraz
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Rubens Crispim Jr.
EDIÇÃO EDITOR
Alberto Cardoso
CONTATO CONTACT
gal@oleproducoes.com.br

Iniciado nos anos 1980, o bem-sucedido processo de tombamento patrimonial que preserva a história arquitetônica do bairro do Bixiga encontra-se em risco constante, mas segue defendido pela comunidade. Quando as obras de uma linha de metrô revelam vestígios materiais da existência do primeiro quilombo urbano reconhecido na história do estado, a comunidade afrodescendente e aliados se unem na tentativa de evitar mais um apagamento de sua história. O documentário é um retrato das várias iniciativas populares de resistência de um dos bairros mais diversos e culturalmente pulsantes da capital paulista.

Initiated in the 1980s, the successful national historic heritage designation that preserves the architectural history of the Bixiga neighborhood is constantly at risk but continues to be defended by the community. When the construction site of a subway line reveals material traces of the existence of the first urban quilombo recognized in São Paulo's state's history, the Afro-descendant community and allies come together in an attempt to avoid yet another erasure of their history. The documentary portrays several popular resistance initiatives in one of the most diverse and culturally vibrant neighborhoods in the capital of São Paulo.



O Contato

The Clash

BRASIL, 2023, 84'

No vasto e desconhecido território chamado Cabeça do Cachorro, na tríplice fronteira de Brasil, Colômbia e Venezuela, atualmente ameaçado pelo narco-garimpo, o documentário acompanha as grandes travessias feitas por pessoas que transitam entre suas aldeias e a cidade indígena de São Gabriel da Cachoeira. Nesse percurso, vislumbra-se um universo de trocas multiétnicas, grande diversidade linguística, misticismos, sonhos, compartilhamentos, e a busca por novos conhecimentos e por maneiras de sobrevivência.

In the vast and unknown territory called Cabeça do Cachorro, at the triple frontier between Brazil, Colombia, and Venezuela, currently threatened by narco-mining, the documentary follows the great crossings made by people traveling between their villages and the indigenous city of São Gabriel da Cachoeira. Along this path, we glimpse a universe of multi-ethnic exchanges, great linguistic diversity, mysticism, dreams, exchanges, and the search for new knowledge and ways of survival.



DIREÇÃO DIRECTOR
Vicente Ferraz
ROTEIRO SCRIPT
Vicente Ferraz
PRODUÇÃO PRODUCER
Juliana de Carvalho
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Luis Abramo
EDIÇÃO EDITOR
Mair Tavares
CONTATO CONTACT
juliana@bangfilmes.com.br

Ouvidor

Ouvidor

BRASIL, 2023, 74'

Na Ouvidor 63, a maior ocupação artística da América Latina, 120 artistas latinos coexistem em uma vibrante microsociedade no centro de São Paulo. Eles resistem a constantes ameaças de despejo pelo governo, enquanto as tensões internas se intensificam devido ao patrocínio da Red Bull à sua Bienal de Arte.

At Ouvidor 63, the largest artistic occupation in Latin America, 120 Latin artists coexist in a vibrant micro-society in the center of São Paulo. They resist constant threats of eviction by the government, while internal tensions intensify due to Red Bull's sponsorship of their Art Biennale.



DIREÇÃO DIRECTOR
Matias Borgström
ROTEIRO SCRIPT
Matias Borgström,
Ricardo Imakawa,
Oswaldo Santana,
Juliana Borges
PRODUÇÃO PRODUCER
Matias Borgström
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Ricardo Imakawa
EDIÇÃO EDITOR
Oswaldo Santana
CONTATO CONTACT
contato@salgafilmes.com.br



Rejeito

Rejeito

BRASIL, EUA, 2023, 75'

Após os maiores rompimentos de barragens de rejeito da história, novas barragens ameaçam romper sobre milhões de pessoas em Minas Gerais. Uma conselheira ambiental do Estado confronta o *modus operandi* do governo e das mineradoras, enquanto moradores resistem em suas comunidades ameaçadas.

After the biggest tailings dam failures in history, new dams threaten to fail on millions of people in Minas Gerais. A state environmental advisor confronts the modus operandi of the government and mining companies, while residents resist in their threatened communities.



DIREÇÃO DIRECTOR
Pedro de Filippis
PRODUÇÃO PRODUCERS
Leonardo Mecchi, Bronte Stahl, Tarsila Nakamura
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Pedro de Filippis
EDIÇÃO EDITOR
Luiz Pretti
CONTATO CONTACT
contato@enquadrarmen.to



Samuel e a Luz

Samuel and the Light

BRASIL, FRANÇA, 2023, 70'

Filmado ao longo de 6 anos, o documentário acompanha o desenvolvimento de Samuel, menino que vive com sua família em Ponta Negra, um vilarejo de pescadores na costa de Paraty, no estado do Rio de Janeiro. Do retrato de um cotidiano idílico que segue o ritmo da natureza vai emergindo uma realidade mais complexa, com suas contradições entre modernidade e tradição, natureza e tecnologia. A chegada da eletricidade e do turismo na comunidade cristaliza a desconstrução de um paraíso idealizado, esboçando o retrato de um Brasil contemporâneo.

Filmed over 6 years, the documentary follows the development of Samuel, a boy who lives with his family in Ponta Negra, a fishing village on the coast of Paraty, in the state of Rio de Janeiro. From the portrait of an idyllic daily life that follows the rhythm of nature, a more complex reality emerges, with its contradictions between modernity and tradition, nature and technology. The arrival of electricity and tourism in the community crystallizes the deconstruction of an idealized paradise, sketching the portrait of a contemporary Brazil.



DIREÇÃO DIRECTOR
Vinícius Girmys
ROTEIRO SCRIPT
Vinícius Girmys
PRODUÇÃO PRODUCERS
Philippe Aussel, Fernando Pereira dos Santos, Maurane Cugny, Cindy Cornic, Julia Alves
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Pedro Cortese
EDIÇÃO EDITORS
Tom Laterza, Vinícius Girmys, Gabriela Baraúna
CONTATO CONTACT
vinicius.girmys@gmail.com



Sekhdese

Sekhdese

BRASIL, 2023, 86'

O longa-metragem é estruturado por depoimentos gravados entre 2018 e 2023 durante expedições por aldeias indígenas de Pernambuco e registros de manifestações na cidade de Brasília. *Sekhdese* significa “sabedoria” em Yathê, a língua do povo indígena Fulni-ô. Essa sabedoria é desvelada nos relatos de mulheres, que revelam um precioso empoderamento feminino e expõem as lutas pela terra, a cultura, o meio ambiente e o etnocídio do qual são vítimas pelas investidas das igrejas neopentecostais.

The feature film is structured by testimonies recorded between 2018 and 2023 during expeditions through indigenous villages in the state of Pernambuco and records of demonstrations in the city of Brasília. Sekhdese means “wisdom” in Yathê, the language of the Fulni-ô Indigenous people. This wisdom is exhibited in the stories of women, which reveal a precious female empowerment and expose the struggles over land, the culture, the environment, and the ethnocide of which they are victims due to the attacks of neo-Pentecostal churches.



DIREÇÃO DIRECTORS
Graciela Guarani,
Alice Gouveia
ROTEIRO SCRIPT
Graciela Guarani, Alice
Gouveia, Caleb Benjamin
PRODUÇÃO PRODUCER
Carla Francine
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAFERS
Graciela Guarani,
Alice Gouveia
EDIÇÃO EDITOR
Alice Gouveia
CONTATO CONTACT
casaecinema.pe@
gmail.com.br



Sociedade de Ferro - A Estrutura das Coisas

Iron Society - The Structure of Things

BRASIL, 2024, 73'

Sociedade de Ferro - A Estrutura das Coisas explora as tragédias de Mariana e Brumadinho, revelando a ligação profunda entre mineradoras e o poder público em Minas Gerais. A partir do visionário poema “A Máquina do Mundo” (1951), do grande poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, e de depoimentos de pensadores contemporâneos, o documentário se aprofunda na obscura história da mineração no Brasil e suas conexões com o atual modelo de extremo consumo e exploração mundial, expondo um panorama complexo de eventos que estão na base do capitalismo corporativo transnacional.



DIREÇÃO DIRECTOR
Eduardo Rajabally
ROTEIRO SCRIPT
Selma Perez
PRODUÇÃO PRODUCERS
Beto Gauss,
Francesco Civita
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAFERS
Dado Carlin, Humberto
Bassanelli
EDIÇÃO EDITOR
Eduardo Grippa
CONTATO CONTACT
rachel.braga@
prodigo.com.br

Iron Society - The Structure of Things explores the tragedies of Mariana and Brumadinho, revealing the deep connection between mining companies and public authorities in the state of Minas Gerais. Based on the visionary poem “The Machine of the World” (1951), by the great Minas Gerais poet Carlos Drummond de Andrade, and testimonies from contemporary thinkers, the documentary delves into the dark history of mining in Brazil and its connections with the current model of extreme consumption and global exploitation, exposing a complex panorama of events that underlie transnational corporate capitalism.

A Chuva do Caju
Cashew Rain

COMPETIÇÃO
CURTA-METRAGEM
SHORT FILM COMPETITION



A Bata do Milho

Corn Beat

BRASIL, 2023, 16'

Na região de Serra Preta, sertão da Bahia, famílias de trabalhadores rurais mantêm viva a tradição dos cantos de trabalho durante o cultivo do milho.

In the Serra Preta region, in the backlands of Bahia, families of rural workers keep the tradition of work songs alive during corn cultivation.



DIREÇÃO DIRECTORS

Eduardo Liron,
Renata Mattar

ROTEIRO SCRIPT

Eduardo Liron,
Renan Vasconcelos,
Renata Mattar

PRODUÇÃO PRODUCERS

Bruno Lottelli, Eduardo
Liron, Renan Vasconcelos

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Eduardo Liron

EDIÇÃO EDITOR

Eduardo Liron

CONTATO CONTACT

contato@graofilmes.
com.br



A Chuva do Caju

Cashew Rain

BRASIL, 2024, 21'

No coração de um vale escondido nas profundezas do Brasil central, Seu Alvino e Dona Neuza plantam e colhem o que a terra dá, como o cajuzinho do cerrado e o baru. Após mais de dois séculos, o tempo continua passando lento no quilombo Vão de Almas, apesar da seca cada vez mais severa.

In the heart of a hidden valley in the depths of central Brazil, Seu Alvino and Dona Neuza plant and harvest what the land has to offer, such as cajuzinho do cerrado and baru. After more than two centuries, time continues to pass slowly in the Vão de Almas quilombo, despite the increasingly severe drought.



DIREÇÃO DIRECTOR
Alan Schvarsberg
ROTEIRO SCRIPT
Alice Riff
PRODUÇÃO PRODUCER
Gustavo Amora
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Alan Schvarsberg
EDIÇÃO EDITOR
Sergio Azevedo
CONTATO CONTACT
alansberg@gmail.com

Água Rasa

Água Rasa

BRASIL, 2023, 19'

Água Rasa navega o rio Paraopeba, contaminado pela lama tóxica de rejeito de mineração devido ao rompimento da barragem da Vale em Brumadinho-MG, percorrendo do local do rompimento até a sua foz, na Represa de Três Marias. Através da sabedoria de Seu Pedro, Água Rasa descobre, em seu varejão de bambu, o poder de ouvir e se conectar com o rio, com a natureza ao redor e com espíritos ribeirinhos.

Água Rasa navigates the Paraopeba River, contaminated by toxic mud from mining waste due to the collapse of the Vale dam in Brumadinho, in the state of Minas Gerais, running from the rupture site to its mouth, at the Três Marias Dam. Thanks to the wisdom of Seu Pedro, Água Rasa discovers, in his bamboo pole, the power to listen and connect with the river, with the surrounding nature, and with riverside spirits.



DIREÇÃO DIRECTOR
Dani Drumond
ROTEIRO SCRIPT
Dani Drumond
PRODUÇÃO PRODUCERS
Marcio Martins,
Daniela Paoliello
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Dani Drumond
EDIÇÃO EDITOR
Dani Drumond
CONTATO CONTACT
contato@
danidrumond.com



Ava Yvy Pyte Ygua (Povo do Coração da Terra)

People from the Heart of the Earth

BRASIL, 2023, 40'

A reza longa protege os kaiowá e os aproxima dos povos-raio e dos povos-trovão para rememorar a história do começo da terra, que só esses povos sabem contar. É dessa conexão encantada que se cria e recria o território de Yvy Pyte (Coração da Terra).

The long prayer protects the Kaiowá and brings them closer to the lightning people and the thunder people to remember the story of the beginning of the earth, which only these people know how to tell. It is from this enchanted connection that the territory of Yvy Pyte (Heart of the Earth) is created and recreated.



DIREÇÃO DIRECTOR
Coletivo Guahu'i Guyra
ROTEIRO SCRIPT
Coletivo Guahu'i Guyra
PRODUÇÃO PRODUCER
Luciana de Oliveira
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Coletivo Guahu'i Guyra
EDIÇÃO EDITOR
Coletivo Guahu'i Guyra
CONTATO CONTACT
anetetekaiowa@gmail.com



Despovoado

Desolate Land

BRASIL, 2023, 19'

Ao reviver melodias românticas e dissonantes dos tempos da colonização, o Velho Oeste é acometido pelo mal do apagamento.

By reviving romantic and dissonant melodies from the times of colonization, the Old West is affected by the evil of erasure.



DIREÇÃO DIRECTOR
Guilherme Xavier Ribeiro
ROTEIRO SCRIPT
Carolina Godoy, João Vitor Furlan, Johny Lopes, Lara Salomão, Guilherme Xavier Ribeiro
PRODUÇÃO PRODUCERS
Fernanda Scudeller, Guilherme Peraro
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Guilherme Gerais
EDIÇÃO EDITOR
Guilherme Xavier Ribeiro
ELENCO CAST
Rolando Boldrin, Artur Zanin, Bruna Domingues, Dirce Jorge Kaingang
CONTATO CONTACT
fernanda.scudeller@oestecinema.com



Interior da Terra

Interior of the Ground

BRASIL, FRANÇA, 2022, 18'

Como uma investigação desde o céu até as profundezas da floresta, *Interior da Terra* é uma viagem que conduz, através dos estratos, até o interior do solo, revelando camadas de história enterradas e apagadas. O filme demonstra questões políticas profundas através de um relato histórico e atual da destruição da floresta amazônica e do seu povo de origem, contado através da história do povo Mura.

An investigation from the sky to the depths of the forest, Interior of the Ground is a journey that leads, through the strata, into the ground, revealing buried and erased layers of history. The film demonstrates deep political issues through a historical and current account of the destruction of the Amazon rainforest and its originary peoples, told through the story of the Mura people.



DIREÇÃO DIRECTOR
Bianca Dacosta
ROTEIRO SCRIPT
Bianca Dacosta
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAFERS
Raissa Dourado,
Bianca Dacosta
EDIÇÃO EDITORS
Raoni Vidal, Benjamin
Polaine, Benjamin
Ramelet, Yann Le Frit
CONTATO CONTACT
biancadacost@gmail.com



Kwat e Jaí - Os Bebês Heróis do Xingu

Kwat and Jaí - The Baby Heroes of Xingu

BRASIL, 2023, 20'

Kwat e Jaí, os gêmeos Sol e Lua, vivem uma jornada em busca de sua mãe, que foi engolida por uma sucuri. O impulso heroico dos personagens e a presença constante da mãe com suas canções de ninar levam os dois bebês a uma série de aventuras até o aconchego da comunidade. O roteiro é uma livre leitura que passeia pela cosmogonia do povo kamayurá, a partir de estórias relatadas pela Pajé Mapulu.

Kwat and Jaí, the twins Sun and Moon, go on a journey in search of their mother, who was swallowed by an anaconda. The heroic impulse of the characters and the constant presence of the mother with her lullabies lead the two babies on a series of adventures to the haven of their community. The narrative is a free interpretation that borrows from the cosmogony of the Kamayurá people and the stories relayed by Shaman Mapulu.



DIREÇÃO DIRECTOR
Clarice Cardell
ROTEIRO SCRIPT
Clarice Cardell
PRODUÇÃO PRODUCER
Léo Hernandes
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Marcelo Barbosa
EDIÇÃO EDITOR
Ricardo Makoto
ELENCO CAST
Maira Yawalapiti,
Raul Yawalapiti
CONTATO CONTACT
atendimento@
belbelume.com.br



Mborairapé

Mborairapé

BRASIL, 2023, 25'

RAP é um caminho da música. Jaraguá é Guarani.

RAP is a pathway of music. Jaraguá is Guarani.



DIREÇÃO DIRECTOR

Roney Freitas

ROTEIRO SCRIPT

Cristina Ara Rose,
Karaí Jeguaká Silva,
Leni Karaí Tataendy,
Richard Werá Mirim

PRODUÇÃO PRODUCER

Roney Freitas

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Thiago Carvalho

EDIÇÃO EDITOR

Alexandre Taira

ELENCO CAST

Karaí Jeguaká Silva,
Jefersom Xondaro (Oz
Guarani), Tuka Tupi
Guarani (Xondaro MC's),
Shirley Jerá Poty

CONTATO CONTACT

arteinvitrofilmes@
gmail.com



Nosso Terreiro

Nosso Terreiro

BRASIL, 2023, 18'

Bumba-Boi, música e fé. No terreiro de Maracanã, caboclos e encantados brincantes em festa comemoram o dia de São João. O caboclo de pena com sua dança e o cantador com suas toadas reverenciam as forças da natureza que abençoam a brincadeira. As vivências desses dois jovens nos apresentam as nuances de seu sincretismo religioso.

Bumba-Boi, music, and faith. In the Terreiro of Maracanã, caboclos and encantados brincantes celebrate the Feast of Saint John. The caboclo with his dance and the singer with his tunes pay homage to the forces of nature that bless the recreation. The experiences of these two young men show us the nuances of their religious syncretism.



DIREÇÃO DIRECTORS

Ana Rieper, Fernando
Lucas, Joquebede
Bezerra, Ranyere Serra,
Patrícia Medeiros,
Samyre Protázio

PRODUÇÃO PRODUCERS

Andrey Lima, Denys
Rodriguez, Fernanda
Costa, Ranyere Serra

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

Carolina Silva, Fábio
Barros, Jádriel Lobato,
Jesús Pérez, Johnny
Carvalho, Ranyere
Serra, Rickson Melo

EDIÇÃO EDITORS

Giselle Bossard, Karlilson
Castro, Jádriel Lobato,
Johnny Carvalho,
Josaniel Martins, Josué
Dourado, Marcelo
Morais, Max Paviaani

CONTATO CONTACT

gisellebossard2023@
gmail.com



Nunca Pensei Que Seria Assim

*I Never Thought It
Would Be Like This*

BRASIL, 2022, 10'

Através de memórias do próprio passado, a artista Meibe Rodrigues propõe uma reflexão sobre negritude e escrevivência.

Through memories of her own past, the artist Meibe Rodrigues proposes a reflection on blackness and escrevivência (writing-living).



DIREÇÃO DIRECTOR
Meibe Rodrigues
PRODUÇÃO PRODUCER
Matheus Moura
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Matheus Moura
EDIÇÃO EDITOR
Matheus Moura
CONTATO CONTACT
matheusmourasam@gmail.com



O Silêncio Elementar

The Silence of Iron

BRASIL, 2024, 15'

Em Minas Gerais, o cotidiano convive com a mineração. E cada metal escavado deixa suas marcas na terra e nas pessoas.

In the state of Minas Gerais, everyday life coexists with mining. And each excavated metal leaves its marks on the earth and on people.



DIREÇÃO DIRECTOR
Mariana de Melo
ROTEIRO SCRIPT
Mariana de Melo,
Yasmin Guimarães
PRODUÇÃO PRODUCERS
Daniela Cambraia,
Mariana de Melo,
Yasmin Guimarães
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAPHERS
João Victor Borges,
Rick Mello
EDIÇÃO EDITORS
Mariana de Melo,
Yasmin Guimarães
ELENCO CAST
Raul Sandim, Gabriela
Gundim da Silva
CONTATO CONTACT
filmespiranha@gmail.com



Onde a Floresta Acaba

Where the Forest Ends

BRASIL, 2023, 15'

Após a morte brutal do jornalista britânico Dom Phillips na Amazônia brasileira, o cineasta Otavio Cury reflete sobre a perda do amigo, revisitando a primeira viagem que fizeram à Amazônia e os filmes que fizeram juntos.

After the brutal death of British journalist Dom Phillips in the Brazilian Amazon, filmmaker Otavio Cury reflects on the loss of his friend, revisiting the first trip they took to the Amazon and the films they made together.



DIREÇÃO DIRECTOR
Otavio Cury
ROTEIRO SCRIPT
Otavio Cury
PRODUÇÃO PRODUCER
Otavio Cury
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Otavio Cury
EDIÇÃO EDITOR
Otavio Cury
CONTATO CONTACT
otavio.cury@gmail.com



Retratos de Piratininga

Portraits of Piratininga

BRASIL, 2023, 18'

O centro velho da cidade de São Paulo é povoado por estátuas e monumentos empenhados em fazer lembrar a história religiosa da cidade. Tibiriçá, indígena convertido ao cristianismo, foi peça fundamental na defesa militar da então Vila de Piratininga. Através da história da arte e dos monumentos, o filme propõe um ensaio sobre o encontro de culturas que marca a colonização.

The Historic Center of São Paulo is populated by statues and monuments dedicated to remembering the city's religious history. Tibiriçá, an Indigenous man converted to Christianity, was a fundamental player in the military defense of the former town of Piratininga. Through the history of art and monuments, the film proposes an essay on the meeting of cultures that marks colonization.



DIREÇÃO DIRECTOR
André Manfrim
ROTEIRO SCRIPT
André Manfrim
PRODUÇÃO PRODUCER
João Pedro Bim
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Bruno Risas, Daniel Martinez
EDIÇÃO EDITOR
Clara Bastos
CONTATO CONTACT
manfrim@gmail.com



Sertão, América

Backlands, America

BRASIL, 2023, 18'

Um registro do processo de criação do Parque Nacional da Serra da Capivara, unidade de conservação no sertão do Piauí, onde desenhos rupestres desafiam a teoria corrente de como o homem entrou na América.

A record of the process of the creation of the Serra da Capivara National Park, a conservation unit in the backlands of Piauí, where cave drawings challenge the current theory on how man entered America.



DIREÇÃO *DIRECTOR*

Marcela Ilha Bordin

PRODUÇÃO *PRODUCER*

Vitor Graize

FOTOGRAFIA *CINEMATOGRAPHER*

Juliano Possebon Ferreira

EDIÇÃO *EDITOR*

Andrés Medina

CONTATO *CONTACT*

contato@piquebandeira.

com.br

Concurso Curta Ecofalante

Ecofalante Short Film Contest



O *Concurso Curta Ecofalante* é um estímulo à produção audiovisual brasileira, incentivando aqueles que estão no início de suas carreiras. Apresentamos uma seleção criteriosa de filmes universitários, de alunos de escolas técnicas e de cursos livres de cinema. Os filmes concorrem a Melhor Curta Ecofalante e Melhor Filme pelo Público.

Um estímulo a jovens realizadores

A partir da 9ª edição da Mostra, o critério estabelecido para a inscrição dos filmes no *Concurso Curta* foi ampliado para abarcar temáticas que dialoguem com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela ONU na Agenda 2030. Criada em 2015, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável é um plano de ação para os próximos 15 anos com objetivos que visam ao desenvolvimento sustentável do planeta – são 17 ODS, que abrangem temas como erradicação da pobreza, combate às mudanças climáticas e redução de desigualdades. Em sua 13ª edição, a Mostra selecionou, para o *Concurso Curta Ecofalante*, 25 filmes de 13 estados.

The *Ecofalante Short Film Contest* is an incentive to Brazilian audiovisual production, encouraging those who are at the beginning of their careers. We present a careful selection of films by college students as well as students of technical schools, high schools and free cinema courses. The films compete for two awards: Best Film by the Audience and Best Ecofalante Short Film.

An incentive for young filmmakers

Since the 9th edition of the Film Festival, the criteria established for

the application of films to the *Short Film Contest* has been expanded to include themes that dialogue with the Sustainable Development Goals (SDGs), proposed by the UN in the 2030 Agenda. Created in 2015, the 2030 Agenda for Sustainable Development is an action plan for the next 15 years with goals aimed at the sustainable development of the planet – there are 17 SDGs, covering topics such as eradication of poverty, fighting climate change, and reducing inequalities. In its 13th edition, the festival has selected 25 films from 13 states for the *Ecofalante Short Film Contest*.



Júri

Jury

Clarisse Alvarenga

É cineasta, pesquisadora e professora na Faculdade de Educação da UFMG, onde coordena o Laboratório de Práticas Audiovisuais (LAPA) e o Laboratório e Arquivo de Imagem e Som (LAIS). Sua pesquisa envolve processos de criação realizados com coletivos e cineastas ameríndios e do campo. Entre os filmes que dirigiu, estão os longas-metragens *Ô, de Casa!* (2007) e *Homem-peixe* (2017). É autora dos livros *Da Cena do Contato ao Inacabamento da História* (Edufba, 2017) e *Aprender com Imagens* (LAPA, 2022). Em 2016, sua tese de doutorado foi agraciada com o prêmio Eduardo Peñuela Cañizal de Melhor Tese, concedido pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social (Compós). Atualmente, integra a coordenação da Rede Kino - Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual (gestão 2022-2024).

Is a filmmaker, researcher, and professor at the Faculty of Education at UFMG, where she coordinates the Audiovisual Practices Laboratory (LAPA) and the Image and Sound Laboratory and Archive (LAIS). Her research involves creative processes carried out with Amerindian and rural collectives and filmmakers. Among the films she directed are the feature films Anybody Home? (2007) and Homem-Peixe [Fishman] (2017). She is the author of the books Da Cena do Contato ao Inacabamento da História [From the Scene of Contact to the Unfinishedness of History] (Edufba, 2017) and Aprender com Imagens [Learning with Images] (LAPA, 2022). In 2016, her doctoral thesis was awarded the Eduardo Peñuela Cañizal Award for Best Thesis, granted by the National Association of Postgraduate Programs in Social Communication (Compós). Currently, she is part of the coordination of Rede Kino - Latin American Education, Cinema, and Audiovisual Network (management 2022-2024).

Everlane Moraes

É cineasta, formada pela Escuela Internacional de Cine y TV em Cuba (EICTV, Cuba). É membra do Center Frame's Core Community (UK) e da APAN - Associação de Profissionais Audiovisuais Negros. Integra a Rede de Talentos no Projeto Paradiso. É fundadora da produtora Pàttàki Audiovisual. Foi homenageada na 5ª edição do Cabíria Festival (2023) e na 4ª edição da Mostra de Cinema Negro de Sergipe - Egbé (2019). Recebeu da Assembleia Legislativa de Sergipe e da Câmara Municipal de Aracaju a Comenda Maria Beatriz Nascimento (2018) e a Moção de Aplausos (2023) pela contribuição à cultura em Sergipe, representando as mulheres negras e nordestinas em espaços de direção. Recentemente co-dirigiu a série *Histórias Impossíveis* (2023) na Rede Globo. Seus filmes foram exibidos em festivais, galerias e VOD como Sundance, Rotterdam, BFI London, Toulouse, Womxn in Windows, One Story Up, Hangar, entre outros.

*Is a filmmaker with a degree from the Escuela Internacional de Cine y TV in Cuba (EICTV, Cuba). She is a member of Center Frame's Core Community (UK) and APAN - Association of Black Audiovisual Professionals. She is part of the Talent Network at the Paradiso Project. She is the founder of the production company Pàttàki Audiovisual. She was honored at the 5th edition of the Cabíria Festival (2023) and at the 4th edition of the Sergipe Black Cinema Exhibition - Egbé (2019). She received the Maria Beatriz Nascimento Commendation (2018) and the Motion of Applause (2023) from the Legislative Assembly of Sergipe and the Aracaju City Council for her contribution to culture in Sergipe, representing black and northeastern women in management spaces. She recently co-directed the series *Histórias Impossíveis* [Impossible Stories] (2023) on Rede Globo. Her films have been screened at festivals, galleries, and VOD such as Sundance, Rotterdam, BFI London, Toulouse, Womxn in Windows, One Story Up, Hangar, among others.*

Letícia Rolim

É Analista Ambiental do Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima desde 2008, com atuação nos últimos anos junto ao Departamento de Educação Ambiental e Cidadania e no projeto Circuito Tela Verde, que seleciona vídeos com temática socioambiental a serem exibidos em espaços públicos e privados de todo o país. É formada em Artes Cênicas e possui especialização em Gestão Pública.

Has been an Environmental Analyst at the Ministry of Environment and Climate Change since 2008, working in recent years with the Department of Environmental Education and Citizenship and in the Circuito Tela Verde project, which selects videos with socio-environmental themes to be screened in public and private spaces across the country. She has a degree in Performing Arts and a specialization in Public Management.

Lucas H. Rossi

É produtor e realizador negro nascido em Piracicaba e radicado no Rio de Janeiro. Seus curtas-metragens *O Vestido de Myriam* (2017), *Ser Feliz no Vão* (2020) e *Atordoados, Eu Permaneço Atento* (2020) somam cerca de 300 seleções ao redor do mundo e diversos prêmios. Como produtor, colaborou em séries e longas como *A Morte Habita à Noite*, *Eu Sou Maria*, *Malês*, *Se a Vida Começasse Agora*, *Canastra Suja*, *Candelária*, *Vizinhos*, *Matches*, *Body By Beth*, entre outros, além de curtas premiados como *Ao Final da Conversa*, *Eles se Despedem com um Abraço*; *Repulsa*; *Auto-falo* e *Último Domingo*. Lançou em 2023 seu primeiro longa, *Othelo*, *O Grande*, premiado como melhor documentário no Festival do Rio e com estreia comercial prevista para o segundo semestre de 2024.

*Is a Black producer and director born in Piracicaba and based in Rio de Janeiro. His short films *The Dress of Myriam* (2017), *Happy in the Gap* (2020), and *Stunned, I Remain Alert* (2020) have received around 300 selections worldwide and several awards. As a producer, he collaborated on series and feature films such as *Death Inhabits at Night*, *Eu Sou Maria* [I Am Maria], *Malês*, *Se a Vida Começasse Agora* [If Life Started Now], *Canastra Suja* [Dirty Canastra], *Candelária*, *Vizinhos* [Neighbors], *Matches*, *Body By Beth*, among others, as well as award-winning shorts such as *After the Conversation*, *They Say Goodbye with an Embrace*; *Repulsion*; *Auto-falo* [Self-Phallus]; and *Last Sunday*. In 2023 he released his first feature film, *Othelo*, *The Great*, which was awarded best documentary at the Rio Festival and is scheduled for commercial release in the second half of 2024.*



Além do Impedimento

Beyond the Offside

BRASIL, 2024, 6'

O futebol feminino já foi proibido no Brasil. Hoje, ainda é alvo de comentários machistas e recebe menos investimento do que o futebol masculino. No entanto, as mulheres não param, e têm lutado para derrubar essas barreiras e continuar crescendo no esporte. O documentário aborda a persistência e a paixão das mulheres pelo futebol. É bola pra frente e segue o jogo.

Women's football was once banned in Brazil. Today, it is still the target of sexist comments and receives less investment than men's football. However, women do not stop and have fought to take down these barriers and continue to grow in the sport. The documentary addresses women's persistence and passion for football.



DIREÇÃO DIRECTOR
Heloisa Lawanda
ROTEIRO SCRIPT
Larissa Teixeira
PRODUÇÃO PRODUCER
Bianca Morais
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Guilherme Gomes
EDIÇÃO EDITOR
Helena Versiani
CONTATO CONTACT
contato@enoisnafa.com.br



Arquipélago do Bailique: Fragmento das Ilhas Que Dançam

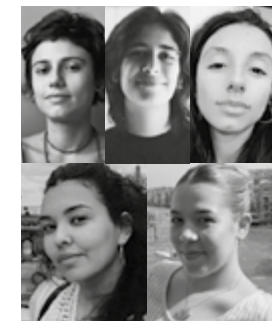
Bailique Archipelago:

Fragments of the Dancing Islands

BRASIL, 2024, 25'

Um mergulho no cotidiano das comunidades ribeirinhas do Arquipélago do Bailique, um conjunto de ilhas no delta do Rio Amazonas, parte do município de Macapá. No documentário, acompanhamos a essência da vida junto ao rio, a conexão intrínseca com a natureza e os fortes laços comunitários, ao mesmo tempo que vislumbramos as lutas enfrentadas pelos moradores – desde a precariedade em educação e saúde até as ameaças naturais e os desastres ambientais.

A dive into the daily life of riverside communities in the Bailique Archipelago, a group of islands in the Amazon River delta, part of the municipality of Macapá. In the documentary, we follow the essence of life by the river, the intrinsic connection with nature and strong community ties, at the same time we glimpse the struggles faced by residents – from precarious education and health to natural threats and environmental disasters.



DIREÇÃO DIRECTORS
Agatha Garmes, Isabel Pontual, Mayra Ataíde, Sarah Castro, Tetê Barddal
ROTEIRO SCRIPT
Agatha Garmes, Isabel Pontual, Mayra Ataíde, Sarah Castro
PRODUÇÃO PRODUCERS
Agatha Garmes, Isabel Pontual, Mayra Ataíde, Sarah Castro
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Agatha Garmes, Isabel Pontual, Mayra Ataíde, Sarah Castro
EDIÇÃO EDITOR
Melmoarah Amaral
CONTATO CONTACT
mayra.ataide.oliveira@gmail.com



As Placas São Invisíveis

The Signs Are Invisible

BRASIL, 2024, 24'

Cinco estudantes negras revelam como é estar dentro da Universidade de São Paulo, uma das instituições mais elitizadas do país, em 2015, num momento de ebulição da luta pró-cotas.

Five black students reveal what it's like to be at the University of São Paulo, one of the most elite institutions in the country, in 2015, at a time when the pro-affirmative action struggle is boiling up.



DIREÇÃO DIRECTOR
Gabrielle Ferreira
PRODUÇÃO PRODUCERS
André Cury, Cícero Manaus
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHERS
Gabrielle Ferreira, Mariane Nunes
EDIÇÃO EDITOR
André Cury
CONTATO CONTACT
gabrielle.crisfp@gmail.com



Camburi Resiste

Camburi Resists

BRASIL, 2023, 18'

O documentário trata das memórias afetivas da Comunidade Quilombola do Camburi, em Ubatuba (SP). As narrativas orais e visuais dos quilombolas são pensadas como o germinar das plantas, atravessadas por dinâmicas de ocupação do território, riscos e mudanças climáticas que afetam seu desenvolvimento. A vulnerabilidade e a injustiça climática, as questões ambientais, o patrimônio cultural, natural e alimentar são alguns dos principais eixos narrativos desse território resistente em constante conflito.

The documentary portrays the affective memories of the Quilombola Community of Camburi, in Ubatuba, in the state of São Paulo. The oral and visual narratives of the quilombolas are thought of as the germination of plants, crossed by dynamics of territorial occupation, risks, and climate changes that affect their development. Climate vulnerability and injustice; environmental issues; cultural, natural, and food heritage are some of the main narrative axes of this resistant territory in constant conflict.



DIREÇÃO DIRECTOR
Guilherme Rezende Landim
ROTEIRO SCRIPT
Guilherme Landim, João Paulo Soares Silva
PRODUÇÃO PRODUCERS
Guilherme Rezende Landim, João Paulo Soares Silva
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Guilherme Rezende Landim
EDIÇÃO EDITORS
Guilherme Rezende Landim, Lucca Deliberato Reis
CONTATO CONTACT
g265432@dac.unicamp.br



Chão de Taco

Wooden Floors

BRASIL, 2023, 18'

Um panorama da cena LGBTQIAPN+ da Vila Buarque, bairro boêmio da região central de São Paulo.

An overview of the LGBTQIAPN+ scene in Vila Buarque, a bohemian neighborhood in the central region of São Paulo.



DIREÇÃO DIRECTOR

Alan Santana

ROTEIRO SCRIPT

Alan Santana

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAFERS

Alan Santana, Flora

Matsubara, Lucas

Fiametti, Yhorane Lopes

EDIÇÃO EDITOR

Alan Santana

CONTATO CONTACT

alan_almeida15@

hotmail.com



Cida Tem Duas Sílabas

Two-Syllable Name

BRASIL, 2023, 20'

A costureira Cida, de 60 anos, precisa assinar um documento em seu trabalho, mas não sabe ler o que diz nele. Com a ajuda da professora de sua neta, Cida se aproxima da alfabetização, ao mesmo tempo que começa a se questionar sobre coisas que acontecem em seu ambiente de trabalho.

Cida, a 60-year-old seamstress, needs to sign a document at work, but she cannot read what it says. With the help of her granddaughter's teacher, Cida gets closer to literacy, at the same time that she begins to question herself about things that happen in her work environment.



DIREÇÃO DIRECTOR

Giovanna Castellari

ROTEIRO SCRIPT

Giovanna Castellari

PRODUÇÃO PRODUCER

Beatriz Seligmann

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Matteo Bonas

EDIÇÃO EDITORS

Bruno L. Gaudencio,

Giovanna Castellari

ELENCO CAST

Mariana Muniz, Rogério

Bandeira, Monalisa Silva

CONTATO CONTACT

castellarus@gmail.com



Deriva

Adrift

BRASIL, 2023, 9'

Voices retratam o indivíduo à deriva na metrópole paulistana: a pressa, a escassez das relações, o desejo constante de um futuro que nunca chega. Engolida pelo automatismo, surge uma reflexão: quem desfruta dessa cidade?

Voices portray the individual adrift in the metropolis of São Paulo: the rush, the scarcity of relationships, the constant desire for a future that never arrives. Swallowed by automatism, a reflection arises: who enjoys this city?



DIREÇÃO DIRECTOR
Hellen Nicolau
ROTEIRO SCRIPT
Marcio Henrique
Abrante, Becca Nieves
PRODUÇÃO PRODUCER
Vitoria Brigidio
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Becca Nieves
EDIÇÃO EDITOR
Yan Nicolas Xavier Freire
CONTATO CONTACT
contato@enoisnafita.com.br



Desconserto

Disrepair

BRASIL, 2023, 7'

Pelo ponto de vista de uma menina, vemos o desconserto na vida de uma família trabalhadora.

From a girl's point of view, we see the chaos in the life of a working family.



DIREÇÃO DIRECTOR
Haniel Lucena
ROTEIRO SCRIPT
Antonio Fargoni,
Fernando Lessa
PRODUÇÃO PRODUCERS
Antonio Fargoni, Michelle
Maciel, Ricardo Peres
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Tiago A. Neves
EDIÇÃO EDITOR
Antonio Fargoni
ELENCO CAST
Karla Lessa, Fernando
Lessa, Michelle Maciel,
Nivaldo Rodrigues
CONTATO CONTACT
arawetefilmes@gmail.com



Desmistificando o Axé

Demystifying Asè

BRASIL, 2023, 31'

O documentário aborda as religiões de matriz africana no Brasil e discute a intolerância e o racismo religiosos a partir da perspectiva histórica e do sincretismo.

The documentary addresses African-based religions in Brazil and discusses religious intolerance and racism from a historical and syncretic perspective.



DIREÇÃO DIRECTOR

Marco Neto

ROTEIRO SCRIPT

Marco Neto

PRODUÇÃO PRODUCERS

Raimundo Cesário,
Carla Almeida, Gabriela
Morbeck, Jonas Bueno

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAFERS

Luís Valverde,
Gabriela Morbeck,
Raimundo Cesário

CONTATO CONTACT

contatomarconeto@
hotmail.com



Mama - Africanos em São Paulo

Mama - Africans in São Paulo

BRASIL, 2023, 17'

A trajetória da senegalesa Diamu Fallow Diop, conhecida popularmente como Mama África, possibilita atualizar o nosso olhar sobre a rica diversidade cultural dos povos africanos, que amplia e modifica os rumos dos fluxos migratórios da cidade de São Paulo e do Brasil.

The trajectory of Senegalese Diamu Fallow Diop, popularly known as Mama África, makes it possible to update our view of the rich cultural diversity of African people, which expands and changes the direction of migratory flows in the city of São Paulo and Brazil.



DIREÇÃO DIRECTOR

Rafael Aquino

ROTEIRO SCRIPT

Rafael Aquino

PRODUÇÃO PRODUCER

Priscila Indart Singeski

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAFERS

Bruno Felix, Vini Brasil

EDIÇÃO EDITOR

Bruno Felix

CONTATO CONTACT

mamafricanosp.
doc@gmail.com



Manchas de Sol

Sunspots

BRASIL, 2023, 18'

Adriana leva uma vida tranquila depois da aposentadoria com a esposa Paola. A chegada da filha distante, que não sabe sobre seu relacionamento, a faz confrontar sentimentos complicados.

Adriana leads a peaceful life after retirement with her wife Paola. The arrival of her estranged daughter, who doesn't know about her relationship, makes her confront complicated feelings.



DIREÇÃO DIRECTOR
Martha Mariot
ROTEIRO SCRIPT
Martha Mariot
PRODUÇÃO PRODUCERS
Katsuya Harada, Luciano Silva, Martha Mariot
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Bruna Blanco
EDIÇÃO EDITOR
Agnes Lenz
ELENCO CAST
Rosane Dala Riva, Moira Albornoz, Mariana Padú
CONTATO CONTACT
marthamariot@gmail.com



Máquinas de Lazer

Entertainment Machines

BRASIL, 2024, 11'

O documentário faz um breve estudo sobre a relação entre homens e máquinas durante o tempo livre dos trabalhadores no sul de Santa Catarina.

The documentary portrays the relationship between men and machines during workers' free hours in the south of Santa Catarina.



DIREÇÃO DIRECTOR
Italo Zaccaron
ROTEIRO SCRIPT
Italo Zaccaron
PRODUÇÃO PRODUCER
Italo Zaccaron
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Italo Zaccaron
EDIÇÃO EDITOR
Italo Zaccaron
CONTATO CONTACT
italozaccaron@gmail.com



Mar.INA

Mar.INA

BRASIL, 2023, 26'

Paródia crítica de *A Pequena Sereia*, em que a protagonista é vivida por uma menina trans, Marina, também Cazumba, personagem do bumba-boi de entremundos. Nicolas a observa dançando e se interessa. Ela foge sem revelar sua identidade. Ao se cruzarem novamente, ele pensa que a Cazumba é outra menina, cis. Marina se questiona sobre sua imagem de trans não binária e, como a pequena sereia, “muda de forma”.

Critical parody of The Little Mermaid, in which the protagonist is played by a trans girl, Marina, also Cazumba, a character from bumba-boi that exists between worlds. Nicolas watches her dancing and becomes interested. She runs away without revealing her identity. When they cross paths again, he thinks that the Cazumba is another girl, cis. Marina questions her image as a non-binary trans person and, like the little mermaid, “changes shape”.

DIREÇÃO DIRECTORS

Allan Pereira, David Dias, Igor Cariman, Jeyci Elizabeth, Karol Garcia, Marcelo Almeida, Patrícia Medeiros, Paulo Borges, Profana Vieira, Renata Costa, Samyre Protázio, Valdenira Baima

ROTEIRO SCRIPT

A Caique, Jeyci Elizabeth, Marcelo Almeida

PRODUÇÃO PRODUCERS

Ana Carolyn Lisboa, Yakyria da Silva

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAFERS

Carolina Silva, Johnny Carvalho

EDIÇÃO EDITORS

Jadiel Lobato, Johnny Carvalho, Josué Dourado, Karlilson Castro, Tiago Ponsadilha, Max Pavianni

ELENCO CAST

A Caique, Willian Euler, Dennys Rodriguez

CONTATO CONTACT

gisellebossard2023@gmail.com



Nheengatu

Nheengatu

BRASIL, 2023, 5'

Desde o século XIX, o povo Tabajara sofre um processo de apagamento da história, da cultura e da existência. Nesse processo, o Tupi, língua compartilhada por vários povos indígenas brasileiros, foi retirada do cotidiano desse povo. João Victor Tabajara é um jovem educador que aprendeu o Tupi e busca retornar a língua ao convívio dos Tabajara.

Since the 19th century, the Tabajara people have suffered a process of erasure of history, culture, and existence. In this process, Tupi, a language shared by several Brazilian indigenous peoples, was removed from the daily lives of these people. João Victor Tabajara is a young educator who learned Tupi and seeks to return the language to the Tabajara community.



DIREÇÃO DIRECTORS

Luiz Filho, Caio Bontempo

ROTEIRO SCRIPT

Débora Luz, Luiz Filho

PRODUÇÃO PRODUCERS

Laura Lujan, Maria Vitória, Arthur Henrique

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

Caio Bontempo

EDIÇÃO EDITOR

Luiz Filho

CONTATO CONTACT

filhompluiz@gmail.com



Pelos

Hair

BRASIL, 2024, 16'

Olivia e Luiza passam a tarde na escola após a aula enquanto esperam pela festa de aniversário da colega Ana. Entre risadas, brincadeiras com papel, conversas descontraídas e o tédio juvenil, as amigas exploram, cada uma à sua maneira, seu amadurecimento, enquanto tentam lidar com a confusão que a pré-adolescência traz.

Olivia and Luiza spend an afternoon together at school after class while waiting for their friend Ana's birthday party. Between laughter, makeshift games with writing paper, carefree conversations, and youth's boredom, these best friends explore, each in their own way, their growth, while learning how to deal with teenage confusion.



DIREÇÃO DIRECTOR
Emma Marques
ROTEIRO SCRIPT
Isabele Germano
PRODUÇÃO PRODUCERS
Emma Marques,
Fabiola Silva
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAPHERS
Giovanna Viccini,
Stefany Jablonski
EDIÇÃO EDITOR
ThamiBluee
ELENCO CAST
Stella Fukai, Olívia
Pegorin Brier
CONTATO CONTACT
alicavalcanti88@
gmail.com



Por Trás dos Prédios

Behind the Buildings

BRASIL, 2023, 17'

Desde 2021, a prefeitura de Maceió se aproveita das fortes chuvas locais para desmobilizar uma das maiores favelas de Alagoas. As pessoas que ainda resistem vivem presas e invisíveis à sombra do Parque da Lagoa.

Since 2021, Maceió's City Hall has taken advantage of heavy local rains to demobilize one of the largest favelas in the state of Alagoas. The people who still resist live trapped and invisible under the shadows of Parque da Lagoa.



DIREÇÃO DIRECTOR
João Mendonça
ROTEIRO SCRIPT
João Mendonça
PRODUÇÃO PRODUCERS
João Mendonça,
Marcos da Cruz
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAPHERS
João Mendonça,
Marcos da Cruz
EDIÇÃO EDITOR
João Mendonça
CONTATO CONTACT
joao.mendonca@
ichca.ufal.br



Pour Elis

Pour Elis

BRASIL, 2023, 8'

Após presenciar um colega de classe cometer um atentado contra uma professora, Cadu, um estudante de 13 anos, se vê atormentado pelo desafio de voltar às aulas.

After witnessing a classmate commit an attack on a teacher, Cadu, a 13-year-old student, finds himself tormented by the challenge of returning to class.



DIREÇÃO DIRECTOR
Matheus Alencar
ROTEIRO SCRIPT
Matheus Alencar
PRODUÇÃO PRODUCER
Yhorane Lopes
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Lucas Fiametti
EDIÇÃO EDITOR
Lucas Fiametti
CONTATO CONTACT
matheusalencar.
prod@gmail.com



Quanto Vale?

How Worthy?

BRASIL, 2024, 18'

Letícia passeia pelas memórias de sua vida estudantil na intenção de refletir sobre o modo como aprendemos a viver, como nos é colocado o aprendizado e qual lugar ele ocupa na problemática ambiental.

Letícia reminisces about her student life with the intention of reflecting on the way we learn to live, how learning is presented to us, and what place it occupies in the realm of environmental issues.



DIREÇÃO DIRECTOR
Letícia S. Góis
ROTEIRO SCRIPT
Letícia S. Góis
PRODUÇÃO PRODUCER
Isis Grazielle
EDIÇÃO EDITOR
Letícia S. Góis
CONTATO CONTACT
leticiasgois.cine@
gmail.com



Retorno

Return

BRASIL, 2024, 16'

Laura chama um motorista de aplicativo para voltar para casa após um dia cansativo. No caminho, ela se encontra em uma situação perigosa quando o motorista começa a se comportar de maneira suspeita, levando-a a temer pelo pior.

Laura calls an app driver to go home after a tiring day. On the way, she finds herself in a dangerous situation when the driver starts behaving suspiciously, leading her to fear the worst.



DIREÇÃO DIRECTOR
Arthur Paiosi
ROTEIRO SCRIPT
Javes, Nicole Schlobach
PRODUÇÃO PRODUCER
Pedro Avellar
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Lucca Mendonça
EDIÇÃO EDITORS
Javes, Nicole Schlobach
ELENCO CAST
Mayara Nobre, Edson
Ferreira, Aimée Mendes
CONTATO CONTACT
pedrohenriquepalitot@gmail.com



Sementes da Resistência, O 25 de Maio e a Luta pela Reforma Agrária

Seeds of Resistance, May 25th and the Struggle for Land Reform

BRASIL, 2023, 19'

Como sobreviver em uma sociedade colonizadora que marginaliza e oprime a existência dos mais pobres? Em maio de 1985, essa pergunta se transformou em indignação, dando origem à primeira grande ocupação do Movimento Sem Terra, uma luta organizada que reivindicou o direito das famílias mais pobres de existirem, produzirem e principalmente de tomarem seu lugar na sociedade.

How to survive in a colonizing society that marginalizes and oppresses the existence of the poorest? In May 1985, this question turned into indignation, giving rise to the first major occupation of the Movimento Sem Terra, an organized movement that claimed the right of the poorest families to exist, produce, and take their place in society.



DIREÇÃO DIRECTOR
Raielle da Rosa Mazzarelli
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Ricardo Mariuzzo
EDIÇÃO EDITOR
Leila Chequi
CONTATO CONTACT
mraielle@gmail.com



Sobre Viver: Trajetórias Indígenas na Urbanidade

*About Living: Indigenous
Paths in the City*

BRASIL, 2023, 16'

O documentário apresenta os indígenas da etnia Xavante que deixaram as terras demarcadas para estabelecerem moradia na cidade de Barra do Garças (MT).

The documentary presents Indigenous people of the Xavante ethnic group who left the demarcated lands to live in the city of Barra do Garças (MT).



DIREÇÃO DIRECTOR
Marcelo Melchior
ROTEIRO SCRIPT
Marcelo Melchior
PRODUÇÃO PRODUCER
Marcelo Melchior
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Gilson Costa
EDIÇÃO EDITORS
Marcelo Melchior,
Gilson Costa
CONTATO CONTACT
marcelomelchior@
yahoo.com.br



Tereza

Tereza

BRASIL, 2023, 9'

O documentário faz um recorte da trajetória, das histórias pessoais e do cinema de Tereza Trautman, diretora do primeiro longa de ficção do cinema moderno brasileiro, censurado durante a ditadura militar no Brasil. A obra discute a importância da representatividade feminina e aborda o atravessamento da ditadura militar no cinema e na vida de Tereza.

The documentary covers the trajectory, personal stories, and cinema of Tereza Trautman, director of the first fiction feature in modern Brazilian cinema, censored during the military dictatorship in Brazil. The film discusses the importance of female representation and addresses the impact of the military dictatorship on cinema and on Tereza's life.



DIREÇÃO DIRECTOR
Bea Souza
ROTEIRO SCRIPT
Bea Souza
PRODUÇÃO PRODUCER
Bea Souza
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Bárbara Lindo
EDIÇÃO EDITOR
Bea Souza
CONTATO CONTACT
contatobeatrizssouza@
gmail.com



Terra Sincera

Sincere Ground

BRASIL, 2022, 3'

No encontro entre povos diferentes, o choque. Os que já estavam na terra, vivendo seu mundo comum, se deparam com um povo além-mar, decrepito, que diz ter encontrado nestas terras o paraíso. Estranham.

In the encounter between different people, there is shock. Those who were already on the land, living their common world, come across a people overseas, decrepit, who say they have found paradise in these lands. They find it strange.



DIREÇÃO DIRECTOR
Renan Turci
ROTEIRO SCRIPT
Renan Turci
EDIÇÃO EDITOR
Renan Turci
ELENCO CAST
João Muniz
CONTATO CONTACT
renanturci@gmail.com



TRANSpassado - Corpos Que Retratam

TRANSpassado - Expressive Bodies

BRASIL, 2023, 25'

Cinco indígenas quebram o tabu e falam sobre as relações homoafetivas dentro e fora dos territórios. Estudantes da UFMG, eles elucidam processos de enfrentamento contra a LGBTfobia na contemporaneidade, expondo marcas de uma história que para muitos deveria ser esquecida.

Five indigenous people break the taboo and talk about same-sex relationships inside and outside their territories. Students from UFMG, they elucidate processes of confrontation of LGBTphobia in contemporary times, conveying the marks of a history that for many should be forgotten.



DIREÇÃO DIRECTOR
Otávio Kaxixó
ROTEIRO SCRIPT
Otávio Kaxixó,
Emanuel Kaauara
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Emanuel Kaauara
EDIÇÃO EDITOR
Emanuel Kaauara
CONTATO CONTACT
otaviocostaufmg@gmail.com



Visões da Maré

Visions from Maré

BRASIL, 2023, 8'

Quando uma mesa com bancos é colocada em diferentes pontos da favela, com uma placa escrito “Tome um café e fale da Maré”, alguns moradores param para compartilhar seus relatos. Falam sobre as questões ambientais e históricas decorrentes da Maré ser um território aterrado e sobre pautas atuais que permeiam suas vivências.

When a table with benches is placed in different parts of the favela of Maré, with a sign saying “Have a coffee and talk about Maré”, some residents stop to share their stories. They talk about the environmental and historical problems arising from Maré being a landfilled territory and about current issues that permeate their experiences.



DIREÇÃO DIRECTORS

Alle Estrela, Julia Alves, Michael Sousa, Thay Silva, Vivian Cazé

ROTEIRO SCRIPT

Alle Estrela, Julia Alves, Michael Sousa, Thay Silva, Vivian Cazé

PRODUÇÃO PRODUCER

Laura Barroso Pechman

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAFERS

Alle Estrela, Thay Silva

CONTATO CONTACT

lpechman@hotmail.com

Sessões Especiais Internacionais

International Special Sessions





Arquivo do Futuro

Archive of the Future / Archiv der Zukunft

ÁUSTRIA, 2023, 92'

O documentário retrata o Museu de História Natural de Viena, que coleciona, arquiva e estuda diversas peças de biologia, geociências, antropologia e arqueologia em nome da pesquisa evolutiva. Ao expor a coleção de história natural e o processo de trabalho do Museu, o filme pretende iluminar esse projeto de preservação e produção de conhecimento e o seu papel na compreensão do passado para que se possa avançar para o futuro.

The documentary portrays the Natural History Museum Vienna, which collects, archives, and studies diverse items in biology, earth sciences, anthropology, and archaeology, in the name of evolutionary research. As we see its natural history collection and its working process, the film entails illuminating the mammoth project of knowledge preservation and production, and its role in understanding the past in order to advance to the future.



DIREÇÃO DIRECTOR
Joerg Burger
ROTEIRO SCRIPT
Joerg Burger
PRODUÇÃO PRODUCERS
Johannes Holzhausen,
Johannes Rosenberger,
Constantin Wulff
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Joerg Burger
EDIÇÃO EDITOR
Dieter Pichler
CONTATO CONTACT
office@sixpackfilm.com



O Fogo Interior: Um Réquiem para Katia e Maurice Krafft

The Fire Within: A Requiem for Katia and Maurice Krafft

RU, SUÍÇA, EUA, FRANÇA, 2022, 81'

Em 1991, o Monte Unzen, no Japão, entra em erupção, matando os vulcanólogos franceses Katia e Maurice Krafft. No dia anterior, Maurice disse: “Nunca tenho medo, porque já vi tantas erupções que, mesmo que morra amanhã, não me importo.” Escrito, realizado e narrado pelo lendário cineasta Werner Herzog, o documentário presta homenagem aos Kraffts, que deixaram filmagens únicas de vulcões em sua beleza espetacular.

In 1991, Japan's Mount Unzen erupts, killing the French volcanologists Katia and Maurice Krafft. The day before Maurice said: "I'm never afraid, because I've seen so many eruptions that even if I die tomorrow, I don't care." Written, directed, and narrated by legendary filmmaker Werner Herzog, the documentary pays tribute to the Kraffts, who left unique footage of volcanoes in their spectacular beauty.



DIREÇÃO DIRECTOR
Werner Herzog
ROTEIRO SCRIPT
Werner Herzog
PRODUÇÃO PRODUCERS
Julien Dumont, Mandy Leith, Alexandre Soullier, Peter Lown
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Henning Brummer
EDIÇÃO EDITOR
Marco Capalbo
CONTATO CONTACT
mkt@aquariustv.com.br



Rowdy Girl: Santuário Animal

Rowdy Girl

EUA, 2023, 72'

Incapaz de aceitar a realidade cruel da pecuária, Renee King-Sonnen, uma ex-criadora de gado do Texas, se torna vegana e transforma o negócio de carne bovina de seu marido em um santuário de criação animal. Quando a sua história viraliza, ela percebe sua verdadeira vocação: ajudar fazendeiros na transição de uma economia à base de animais para uma à base de plantas.

Unable to come to terms with the cruel reality of animal agriculture, a former Texas cattle rancher goes vegan and transforms her husband's beef operation into a farmed animal sanctuary. When their story goes viral, she realizes her true calling: to help farmers transition to plant-based and end their business of animal agriculture.



DIREÇÃO DIRECTOR

Jason Goldman

PRODUÇÃO PRODUCER

Jason Goldman

FOTOGRAFIA

CINEMATOGRAPHERS

Bridget McQuillan, Dmitri

Borysevich, Caleb Kuntz

EDIÇÃO EDITOR

Pilar Rico

CONTATO CONTACT

info@improntafilms.com

Sessões Especiais Nacionais

National Special Sessions





Amazônia, Arqueologia da Floresta: T2 EP1 - Terra Preta

Amazonia, Archaeology of the Forest: T2 EP1 - Black Earth

BRASIL, 2024, 55'

No sítio arqueológico de Teotônio, foram encontrados vestígios de cerâmica e de terra preta com datação de mais de 5500 anos. Trata-se da terra preta mais antiga da Amazônia. Em *Terra Preta*, acompanhamos duas escavações simultâneas, Terra Preta Profunda e Casa Jatuarana, com indícios que mostram que a área foi um epicentro cultural, ocupado por pelo menos sete povos diferentes ao longo dos milênios. Na segunda temporada da série *Amazônia, Arqueologia da Floresta*, uma equipe de arqueólogos coordenada pelo pesquisador Eduardo Góes Neves se debruça sobre o sítio de Teotônio na Floresta Amazônica, próximo a Porto Velho (RO), com o objetivo de identificar indícios de antigas ocupações humanas.



DIREÇÃO DIRECTOR
Tatiana Toffoli
ROTEIRO SCRIPT
Daniela Capelato,
Tatiana Toffoli
PRODUÇÃO PRODUCERS
Tatiana Toffoli,
Dainara Toffoli
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Gustavo Almeida
EDIÇÃO EDITOR
Tatiana Toffoli
CONTATO CONTACT
atendimento.sescstv@
sescsp.org.br

At the archaeological site of Teotônio, remains of ceramics and black earth dating back 5500 years were found. It is the oldest black earth in the Amazon. In Black Earth, we follow two simultaneous excavations, Terra Preta Profunda and Casa Jatuarana, with remains that show that the area was a cultural epicenter, occupied by at least seven different peoples over the millennia. In Amazonia, Archaeology of the Forest's second season, a team of archaeologists coordinated by researcher Eduardo Góes Neves delves into the Teotônio site, located in the Amazon rainforest near Porto Velho (RO), to identify evidence of ancient human occupation.



Floresta - Um Jardim Que a Gente Cultiva

Forest - A Garden We Cultivate

BRASIL, 2023, 43'

O que a vida das cidades tem a ver com a vida dos indígenas? A luta por territórios é uma luta superada? É uma luta que não é nossa? É uma luta para voltar ao passado? O documentário contrapõe o olhar indígena ao da ciência ocidental e expõe como a colonização persevera no discurso ultrapassado sobre povos indígenas e natureza, escancarando as origens da implacável destruição da Amazônia.



DIREÇÃO DIRECTOR
Mari Corrêa
ROTEIRO SCRIPT
Mari Corrêa, Marina Kahn
PRODUÇÃO PRODUCER
Fernanda Sindlinger
EDIÇÃO EDITORS
Mari Corrêa,
Jacques Terrier
CONTATO CONTACT
maricorrea@
institutocatitu.org.br

What does city life have to do with the life of Indigenous peoples? Is the fight for territories an obsolete struggle? Is it a fight that is not ours? Is it a struggle to return to the past? The documentary contrasts the Indigenous perspective with that of Western science and exposes how colonization persists in the outdated discourse about Indigenous peoples and nature, revealing the origins of the relentless destruction of the Amazon.



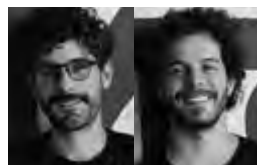
Não Existe Almoço Grátis

There's No Free Lunch

BRASIL, 2023, 74'

Em Sol Nascente, maior favela do Brasil, Socorro, Jurailde e Bizza lideram uma das Cozinhas Solidárias do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), distribuindo almoços de graça diariamente. Para a posse do presidente Lula, estão encarregadas de cozinhar para centenas de pessoas que chegarão a Brasília para assistir à cerimônia no dia 1 de janeiro. Em meio a ameaças de golpe, o documentário acompanha o evento e a organização coletiva, revelando que o futuro se cozinha hoje e a muitas mãos.

In Sol Nascente, the largest favela in Brazil, Socorro, Jurailde, and Bizza lead one of the Solidarity Kitchens of the Homeless Workers Movement (MTST), distributing free lunches daily. For President Lula's inauguration, they are in charge of cooking for hundreds of people who will arrive in Brasília to attend the ceremony on January 1st. Amidst threats of coup, the documentary follows the event and the collective organization, revealing that the future is being prepared today and by many hands.



DIREÇÃO DIRECTORS

Marcos Nepomuceno,
Pedro Charbel

ROTEIRO SCRIPT

Marcos Nepomuceno,
Pedro Charbel

PRODUÇÃO PRODUCERS

Marcos Nepomuceno,
Pedro Charbel,
Evelynne Lessa

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER

André Hawk

EDIÇÃO EDITORS

Isabelle Araújo,

Daniel Garcia

CONTATO CONTACT

marcos.nepomuc@
gmail.com

Atividade Paralela

Parallel Activity



1º ENCONTRO

A Sustentabilidade na Indústria do Audiovisual

A 13ª Mostra Ecofalante de Cinema, em parceria com a Spcine e a Cinema Verde, realiza o *1º Encontro: A Sustentabilidade na Indústria do Audiovisual*, um evento anual presencial aberto ao público, cujo objetivo é discutir o avanço da consolidação de práticas sustentáveis na indústria cinematográfica brasileira. Por possuir alto impacto socioambiental, é fundamental que novas metodologias sejam implantadas tanto no setor privado quanto no setor público do audiovisual, em forma de políticas públicas. Nas duas mesas propostas, convidamos profissionais do audiovisual de diferentes setores a compartilhar as experiências positivas e os desafios que elas geram. Apesar de o Brasil estar ainda no início desse movimento de produções mais sustentáveis, a indústria tem enorme potencial para fomentar a urgente mudança de comportamento de que a sociedade precisa para enfrentar a crise climática.



PAINEL 1

Políticas públicas para uma indústria audiovisual sustentável

Políticas públicas têm um papel fundamental na implementação de mudanças progressivas na sociedade. Qual seria, então, seu papel na adoção de práticas mais sustentáveis no setor audiovisual? Quais instituições estariam envolvidas nessa jornada? Como elas poderiam contribuir para que as produções efetivamente diminuam seu impacto ambiental negativo e aumentem seu poder de transformação social? Nesta mesa, representantes de diferentes esferas do poder público vão discutir possibilidades e ferramentas disponíveis para fomentar mudanças no setor.

PAINEL 2

Iniciativas sustentáveis nas produções audiovisuais

No mundo todo, as mais diversas indústrias estão tendo de rever sua forma de atuar para reduzir seu impacto negativo no planeta. No audiovisual, não é diferente. O que pode ser feito para que as produções adotem posturas positivas em relação ao meio ambiente, respeitando o trabalho das equipes? Neste encontro, conheceremos experiências de produções audiovisuais que adotaram iniciativas sustentáveis, seus resultados positivos, desafios e aprendizados.

1ST MEETING

Sustainability in the Audiovisual Industry

The 13th Ecofalante Film Festival, in partnership with Spcine and Cinema Verde, presents the *1st Meeting: Sustainability in the Audiovisual Industry*. This annual face-to-face event is open to the public and aims to discuss advancements in establishing sustainable practices within the Brazilian film industry. Given its significant socio-environmental impact, it is crucial to implement new methodologies in both private and public sectors through effective public policies. The event features two panel discussions where audiovisual professionals from various sectors will share positive experiences and the challenges they elicited. While Brazil is at the initial stages of this movement toward sustainable productions, the industry holds immense potential to drive the necessary societal behavioral changes to combat the climate crisis.

PANEL 1 **Public Policies for a Sustainable Audiovisual Industry**

Public policies play a crucial role in driving progressive changes within society. In the context of the audiovisual sector, these policies are pivotal in promoting sustainable practices. Key questions include: What roles do these policies play in fostering sustainability? Which institutions are instrumental in this endeavor? How can they effectively support productions in minimizing their environmental footprint? This panel will feature representatives from various governmental spheres discussing available tools and strategies to encourage sustainable practices in the audiovisual industry.

PANEL 2 **Sustainable Initiatives in Audiovisual Productions**

Industries worldwide are increasingly reevaluating their operations to mitigate negative environmental impacts, and the audiovisual sector is no exception. How can productions embrace environmentally responsible practices while ensuring respect for crew members? This meeting will showcase experiences from audiovisual productions that have implemented sustainable initiatives. Speakers will share insights into the positive outcomes achieved, challenges faced, and lessons learned in their journey towards sustainability.

Infantil

Kids





Yakari, Uma Jornada Fantástica

Yakari, A Spectacular Journey /

Yakari: La Grande Aventure

BÉLGICA, FRANÇA, ALEMANHA, 2020, 82'

Enquanto sua tribo se prepara para migrar, Yakari, criança indígena da tribo Sioux, parte em uma jornada fantástica. Ele quer encontrar e montar Mini-Trovão, um cavalo mustang conhecido por ser indomável. Ao longo do caminho, o garoto receberá da Grande Águia um presente incrível: o poder de falar com os animais. Sozinho pela primeira vez, nessa aventura ele irá conhecer melhor o território e interagir com as criaturas que nele habitam.

As his tribe prepares to migrate, Yakari, an Indigenous child from the Sioux tribe, sets out on a spectacular journey. He wants to find and ride Mini-Thunder, a Mustang horse known for being untamed. Along the way, the boy will receive an incredible gift from Great Eagle: the power to talk to animals. Alone for the first time, in this adventure, he will get to know the territory better and interact with the creatures that inhabit it.

DIREÇÃO DIRECTORS

Xavier Giacometti,
Toby Genkel

ROTEIRO SCRIPT

Xavier Giacometti

PRODUÇÃO PRODUCERS

Maia Tubiana, Gisela
Schäfer, Caroline
Duvochel, Raphaële
Ingberg, Léon Perahia

ANIMAÇÃO ANIMATION

Michel Raimbault

EDIÇÃO EDITOR

Marcel Molle

ELENCO CAST

Mia Diekow, Oscar
Douieb, Roman Rossa

CONTATO CONTACT

thomas.sparfel@
diplomatie.gouv.fr

Sessão Especial Programa Ecofalante Universidades

Ecofalante University Circuit Special



O *Programa Ecofalante Universidades (PEU)*, extensão educacional da **Mostra Ecofalante de Cinema**, tem como missão contribuir para, através do cinema, enriquecer o processo educacional, potencializar a formação e despertar a consciência cidadã de estudantes em todos os níveis de ensino.

Por meio de uma seleção de filmes relacionados aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, o *PEU* leva a estudantes de todo o Brasil a reflexão e o debate em torno de importantes temas atuais (emergência climática, consumo, cidades, energia, tecnologia, conservação, economia, trabalho, saúde etc.).

Trabalhando com um cronograma anual, o programa estimula e dá suporte a professores, educadores e instituições de ensino na criação de projetos e atividades em torno das obras audiovisuais do catálogo, além de fornecer aos educadores ferramentas pedagógicas para o uso dos filmes em sala de aula. A escolha dos filmes e a preparação de cada atividade são feitas pela equipe da Ecofalante em conjunto com professores e coordenadores das instituições, levando em conta dinâmicas e projetos pedagógicos diversos e adaptando-se a diferentes realidades.

Desde 2021, as ações e atividades do *PEU* foram ampliadas e atingiram uma abrangência nacional graças à Ecofalante Play (<https://play.ecofalante.org.br>), plataforma de *streaming* educacional gratuita criada para possibilitar a realização de sessões de forma online, ampliando e democratizando o acesso aos filmes. Educadores(as), professores(as) e instituições parceiras podem se cadastrar e acessar o catálogo de filmes solicitando sessões, seja para formação pessoal ou atividades com suas turmas.

O *PEU* promove ainda formações de professores e estabelece Acordos de Cooperação Técnica visando à colaboração com diversas instituições. Atualmente, a Ecofalante possui acordos com o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA), Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Museu Paraense Emílio Goeldi, Ânima Educação e universidades como USP, UNESP, UNICAMP, UFU, UFBA, UNIFESP, UFRB, UFSCar, UFABC, entre outras.

Sessão Especial Programa Ecofalante Universidades e Programação Indígena

Nesta edição, a **Mostra Ecofalante** apresenta a *Sessão Especial Programa Ecofalante Universidades*, em que algumas das mais relevantes novas adições ao catálogo da Ecofalante Play vão estreiar. São elas: os curtas *A Floresta Que Você Não Vê - Narrativas do Médio Xingu* (2023) e *Exilados - Extrativistas São Expulsos à Bala em Rondônia* (2024); e os médias *Invasores* (2024) e *SobreVivências: EP01 - Clima de Risco* (2023).

Além dessas sessões de estreia na Ecofalante Play, teremos exhibições de filmes sobre temáticas indígenas a partir da segunda quinzena de agosto, particularmente nos CEUs da cidade. Essa ação acontece graças ao Acordo de Cooperação estabelecido entre a Ecofalante e a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.



SobreVivências: EP01 - Clima de Risco
Sur_Vival: EP01 - Risky Climate



Invasores
Invasive

The mission of Ecofalante's *University Circuit*, an educational extension of the Ecofalante Film Festival, is to enrich the educational process, enhance training, and foster civic awareness through cinema among students at all educational levels.

Through a curated selection of films related to the 17 Sustainable Development Goals (SDGs) of the UN's 2030 Agenda, the University Circuit encourages students across Brazil to discuss and reflect on critical contemporary issues such as climate emergency, consumption, urban development, energy, technology, conservation, economy, labor, and health.

Operating on an annual schedule, the *Circuit* supports teachers, educators, and educational institutions in developing projects and activities centered around the audiovisual works in the catalogue. It also provides pedagogical resources for integrating the films into classroom settings. The Ecofalante team collaborates with teachers and coordinators from participating institutions to select films and design activities, considering various pedagogical approaches and adapting to different educational contexts.

Since 2021, the *University Circuit's* initiatives have expanded na-

tionally through Ecofalante Play (<https://play.ecofalante.org.br>), a free educational streaming platform that enables online screenings, thereby increasing and democratizing access to films. Educators and partner institutions can register to access the film catalogue and request screenings for professional development or classroom activities.

The *University Circuit* also facilitates teacher training and establishes Technical Cooperation Agreements to collaborate with diverse institutions. Currently, Ecofalante partners with the Ministry of the Environment and Climate Change (MMA), the São Paulo Municipal Department of Education, the Emílio Goeldi Museum of Pará, Anima Educação, and universities including USP, UNESP, UNICAMP, UFU, UFBA, UNIFESP, UFRB, and UFABC, among others.

Ecofalante University Circuit and Indigenous Program Special

In this edition, the Ecofalante Film Festival features a *University Circuit Special*, showcasing several significant new additions to the Ecofalante Play catalogue. Premiering films include the short films *The Invisible Forest - Stories from the Amazon* (2023) and *Exiled - Extractivists Are Expelled by Bullets in Rondônia* (2024), as well as the medium-length films *Invasive* (2024) and *Sur_Vival: EP01 - Risky Climate* (2023).

In addition to these premieres, films focusing on indigenous themes will be screened from the second half of August on, particularly at the city's CEUs, thanks to the cooperation agreement between Ecofalante and the São Paulo Municipal Department of Education.



A Floresta Que Você Não Vê - Narrativas do Médio Xingu

The Invisible Forest - Stories from the Amazon

BRASIL, 2023, 27'

O documentário enlaça as histórias de luta e resistência de pessoas que enfrentam desafios para gerar renda e manter a floresta amazônica em pé. Essas pessoas se sentem parte da floresta. Vivem na região do Médio Xingu, importante área da Amazônia brasileira que enfrenta grande pressão de desmatamento em função do garimpo, da extração de madeira, da pecuária e da monocultura. Defendem modos de vida que, adaptados às novas realidades, abrigam saberes e conhecimentos preciosos para o cuidado com a floresta, aliado ao desenvolvimento da bioeconomia.

The documentary weaves together the stories of struggle and resistance of people who face challenges to generate income and keep the Amazon forest standing. These people feel part of the forest. They live in the Middle Xingu region, an important area of the Brazilian Amazon that faces great deforestation pressure due to mining, logging, livestock farming, and monoculture. They defend ways of life that, adapted to new realities, contain precious knowledge for caring for the forest, combined with the development of the bioeconomy.



DIREÇÃO DIRECTOR
Andy Costa

PRODUÇÃO PRODUCERS
Alexandre Pessoa, Andy Costa, Cássio Falcón, Eliane Dal Colleto, Mario Braga Vasconcellos

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Thiago Borazanian

EDIÇÃO EDITOR

Célio Roberto
CONTATO CONTACT
contato@synergiaconsultoria.com.br



Exilados - Extrativistas São Expulsos à Bala em Rondônia

Exiled - Extractivists Are Expelled

by Bullets in Rondônia

BRASIL, 2024, 17'

A Resex Jaci-Paraná é uma unidade de conservação que se estende por três municípios de Rondônia, criada em 1996 para proteger a floresta e as famílias que vivem da extração. O documentário mostra como famílias de extrativistas foram violentamente expulsas da Resex com a conivência de autoridades e detalha o esquema de grilagem, o descumprimento de decisões judiciais e as tentativas de reduzir a área via Assembleia Legislativa.

Resex Jaci-Paraná is a conservation unit that extends across three municipalities in Rondônia, created in 1996 to protect the forest and families that live from extraction. The documentary shows how families of extractivists were violently expelled from Resex with the connivance of authorities and details the land-grabbing scheme, the non-compliance with court decisions, and the attempts to reduce the area via the Legislative Assembly.



DIREÇÃO DIRECTORS
Marcio Sanches, Naira Hoifmeister, Fernanda Wenzel

ROTEIRO SCRIPT
Marcio Sanches, Naira Hoifmeister, Fernanda Wenzel

PRODUÇÃO PRODUCERS
Naira Hofmeister, Fernanda Wenzel, Pedro Papini, Bettina Gehm

FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Jonas Sossai

EDIÇÃO EDITOR
Marcio Sanches

CONTATO CONTACT
comunicacao@wwf.org.br



Invasores

Invasive

BRASIL, 2024, 52'

As espécies exóticas invasoras são a segunda maior ameaça ao equilíbrio da biodiversidade global, perdendo apenas para o desmatamento. No país mais biodiverso do mundo, suas consequências são ainda mais desastrosas. O documentário acompanha os desafios ecológicos de cientistas e comunidades dedicados a combater o avanço implacável desses intrusos.

Invasive alien species are the second biggest threat to the balance of global biodiversity, second only to deforestation. In the most biodiverse country in the world, its consequences are even more disastrous. The documentary follows the ecological challenges of scientists and communities dedicated to combating the relentless advance of these intruders.



DIREÇÃO DIRECTOR
Lygia Barbosa
ROTEIRO SCRIPT
Paula Szutan,
Caroline Vilani
PRODUÇÃO PRODUCERS
Fernando Dias,
Maurício Dias
FOTOGRAFIA
CINEMATOGRAPHERS
Maká, Luciano Candisani
EDIÇÃO EDITOR
Paulo Mattos
CONTATO CONTACT
grifafilmes@
grifafilmes.com



Sobre Vivências: EP01 - Clima de Risco

Sur_Vival: EP01 - Risky Climate

BRASIL, 2023, 60'

As mudanças climáticas estão transformando nosso planeta de forma bastante radical. As temperaturas não param de bater recordes, os fenômenos naturais estão cada vez mais severos. Corremos o risco de nos extinguir. *Clima de Risco* questiona como podemos reverter esse processo de aquecimento global: como descarbonizar nossas atividades ou criar tecnologias que reduzam a emissão de CO2? Com apresentação de Gaby Amarantos, a série *Sobre Vivências* aborda, em busca de soluções, alguns dos temas vitais para o planeta no século XXI, como emergência climática, produção e desperdício de alimentos, desigualdade social, vida nas grandes metrópoles, perda da biodiversidade, consumismo e poluição.

Climate change is transforming our planet in quite radical ways. Temperatures continue to break records, natural phenomena are increasingly severe. We are in danger of becoming extinct. Risky Climate asks how we can reverse global warming: how to decarbonize our activities or create technologies that reduce CO2 emissions? Presented by Gaby Amarantos, the series Sur_Vival brings a fresh perspective on the solutions to some of our century's main problems: climate emergency, food production and waste, social inequality, life in large cities, loss of biodiversity, consumerism, and pollution.



DIREÇÃO DIRECTOR
Eduardo Rajabally
ROTEIRO SCRIPT
Gui Stockler
PRODUÇÃO PRODUCER
Sylvio Rocha
FOTOGRAFIA CINEMATOGRAPHER
Dado Carlin
EDIÇÃO EDITOR
Veri Ravizza
CONTATO CONTACT
contato@tochafilmes.
com.br

13ª MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA

13TH ECOFALANTE ENVIRONMENTAL FILM FESTIVAL

Lei de Incentivo à Cultura
Proac ICMS SP

PATROCÍNIO SPONSORSHIP

Itaú
Mercado Livre

APOIO SUPPORT

White Martins
Spicine
Synergia

APOIO INSTITUCIONAL INSTITUTIONAL SUPPORT

WWF-Brasil
Cinemateca da
Embaixada da França no
Brasil - Institut Français
Ministério do Meio
Ambiente e Mudança do
Clima

REALIZAÇÃO EXECUTION

Ecofalante
Secretaria de Cultura,
Economia e Indústria
Criativas do Estado de
São Paulo
Governo de São Paulo
Ministério da Cultura
Governo Federal

PRODUÇÃO PRODUCTION

Doc e Outras Coisas

CO-PRODUÇÃO COPRODUCTION

Química Cultural
Entretenimento

DIREÇÃO GERAL DIRECTOR

Chico Guariba

CURADORIA ARTISTIC DIRECTOR

Francisco Cesar Filho

PESQUISA DE FILMES FILM RESEARCH

Carolina Freitas da Cunha,
Luana de Souza Arantes,
Luiza Magalhães &
Saulo Rosa

COMISSÃO DE SELEÇÃO SELECTION COMMITTEE

Carolina Freitas da Cunha,
Francisco Cesar Filho,
Marcio Miranda Perez,
Saulo Rosa, Sérgio Silva,
Thaís de Almeida Prado,
Victória Negreiros,
Viviane Pistache

PRODUÇÃO EXECUTIVA EXECUTIVE PRODUCER

Daniela Guariba

GESTÃO DE PROJETOS PROJECT MANAGEMENT

Ariane Soares

COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO PROGRAM COORDINATOR

Carolina Freitas da Cunha

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO PRODUCTION COORDINATOR

Química Cultural
Entretenimento

PRODUÇÃO PRODUCTION

**Panorama Internacional
Contemporâneo**
International Contemporary
Program
Carolina Freitas da Cunha

Competição Latino-Americana Latin American Competition

Saulo Rosa

Competição Territórios e Memória Territories and Memory Competition

Saulo Rosa

Concurso Curta Ecofalante Ecofalante Short Film Contest

Saulo Rosa

Programas Especiais
Special Programs
Carolina Freitas da Cunha
Liciane Mamede

Atividade Paralela Parallel Activity

Erika Fromm

COMUNICAÇÃO COMMUNICATION

Luiza Magalhães
Samantha Prado
Química Cultural
Entretenimento

CONCEPÇÃO VISUAL E DESIGN GRÁFICO GRAPHIC DESIGN

Tadzio Saraiva

EDIÇÃO DE CATÁLOGO CATALOG EDITOR

Gabriel Carneiro

WEBSITE WEBSITE

Kingly Studio

VINHETA TRAILER

Henrique Lobato

ASSESSORIA DE IMPRENSA PRESS OFFICE

ATTi Comunicação e
Ideias
Eliz Ferreira &
Valéria Blanco

REGISTRO FOTOGRÁFICO STILL PHOTOGRAPHY

Marcos Finotti

CAPTAÇÃO AUDIOVISUAL VIDEO RECORDING

Daniela Margutti

TRADUÇÃO DE TEXTOS TRANSLATION

Helena Spalic

REVISÃO DE TEXTOS COPYDESK

Clara Spalic

IMPRESSÃO PRINT

Pigma - Gráfica e
Impressora

RECEPTIVO GUEST COORDINATOR

Érika Fromm

COORDENAÇÃO DE MONITORIA MONITORS COORDINATOR

Fabiana Amorim &
Alexandre Amorim

DIREÇÃO DO PROGRAMA ECOFALANTE UNIVERSIDADES DIRECTOR SCHOOL & UNIVERSITY CIRCUIT

Chico Guariba

Programa Ecofalante Universidades School & University Circuit

Ariane Soares
José Mateus Rodrigues
Luana de Souza Arantes
Matheus Matias
de Menezes
Samantha Prado

TRADUÇÃO, LEGENDAGEM E COPIAGEM DOS FILMES TRANSLATION, SUBTITLES AND COPY

Aspecto Digital

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS SIGN LANGUAGE TRANSLATION AND INTERPRETATION

SSato Produções

TROFÉU TROPHY

Design Possível, Loucos
pela X, Refazer Arte
em Madeira & Giro
Sustentável

GESTÃO DE PATROCÍNIO SPONSORSHIP MANAGEMENT

Química Cultural
Consultoria

MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS FUND RAISING

Doble Cultura
Kiko Vianello &
Fernanda Couto
Patrolink

FESTIVAIS PARCEIROS PARTNER FESTIVALS

Mostra Internacional de
Cinema em São Paulo
Olhar de Cinema

PARCEIROS PARTNERS

Akatu
Autossustentável
eCycle
GreenMe
Greenpeace Brasil
Iniciativa Verde
Instituto
Socioambiental - ISA
Observatório do Clima
Poiesis
Rede Kino
SOS Mata Atlântica
The Climate Reality
Project Brasil
Verdes Marias

PARCEIROS PROGRAMA ECOFALANTE UNIVERSIDADES

**ECOFALANTE UNIVERSITY
CIRCUIT PARTNERS**
Ânima Educação
Centro Paula Souza (CPS)
Centro Universitário
Estácio da Bahia
Circuito Tela Verde (CTV)
Escolas pelo Clima
Faculdade Cásper Líbero
Fundação Escola de
Comércio Álvares
Penteado (FECAP)
Instituto Federal do
Amazonas (IFAM)
Ministério do Meio
Ambiente e Mudança
do Clima (MMA)
Movimento Circular
Museu Paraense
Emílio Goeldi

Projeto Escola do
Greenpeace Brasil

Pontifícia Universidade
Católica de São
Paulo (PUC SP)

Reconnecta

Secretaria Municipal
de Educação de São
Paulo (SME SP)

Serviço Nacional de
Aprendizagem Comercial
(SENAC) de São Paulo

UniEVANGÉLICA

Universidade Estadual de
Campinas (UNICAMP)

Universidade Federal
da Bahia (UFBA)

Universidade do Estado
da Bahia (UNEB)

Centro Universitário
Jorge Amado (Unijorge)

Universidade Estadual
do Amazonas (UEA)

Universidade Federal de
São Carlos (UFSCar)

Universidade Federal de
Santa Maria (UFSM)

Universidade Federal
de Uberlândia (UFU)

Universidade de
Brasília (UnB)

Universidade Federal
do ABC (UFABC)

Universidade Federal
do Recôncavo da
Bahia (UFRB)

Universidade Federal de
Minas Gerais (UFMG)

Universidade Federal do
Rio de Janeiro (UFMG)

Universidade Federal
do Estado de São
Paulo (UNIFESP)

Universidade Estadual
Paulista (UNESP)

Universidade de
São Paulo (USP)

Universidade
Franciscana (UFN)

AGRADECIMENTOS THANKS

Adriana Gomes Silva, Adriana Rodrigues, Alcides Peron, Alexandre Almassy, Alexandre Augusti, Alexandre Betinardi Strapasson, Alexandre Falcão de Araújo, Alice Miguel de Paula Peres, Amanda Costa, Alinye Amorim, Ana Raquel Satim, Anderson Dutra e Silva, Andréa Ventura, Andreia Amaral, Ângela de Jesus Amaral, Angela Terumi Fushita, Audrey Andrade Gomes, Bárbara Tavela, Camila Cavalcante Farias, Camila Gomes Sant Anna, Carla Regina Silva, Carolina Saldanha Scherer, Cibele Pafetti de Aguirre, Clarisse Alvarenga, Cláudia Mesquita, Cláudia Mogadouro, Christiane Pereira Rodrigues, Daniel Luchini, Daniel Paiva, Daniela Chiaretti, Daniela Delgado, Daniela Fernandes, Daniela Veríssimo, Débora Fernandes Herszenhut, Dilton Alves Dória, Djenane Santos, Douglas Gigliotti, Durval de Campos Mantovaninni Junior, Edson Grandisoli, Eduardo Murakami da Silva, Eliseu Gabriel, Eva Santos, Fabiano Souza da Anunciação, Fábio Barbosa, Fábio Scarano, Fernanda da Rocha Brando Fernandez, Fernando Mencarelli, Flávia Barbosa, Francisco Bezerra da Silva Júnior, Gabriel Morais, Gabriela Farias Asmus, George Gurgel, Gilmar Emanuel Silva de Oliveira, Gilvan Odival Veiga, Giovana Galvão Tavares, Gleidy Meyre da Silva Maia, Gracy Kelly Monteiro Dutra, Helber Henrique Guedes, Helvio Moises, Iuri Oliveira Rubim, Ivana Bentes, Izabela Kottler, Jacqueline Sales Aragão, Jane de Almeida, João Luiz Moura de Sá, Joelma Oliveira Gonzaga, José Ramon, José Serafim, Jomar Lima, Juana Nunes Pereira, Juliana Carolina da Silva, Julice Oliveira Dias dos Santos, Julio Rocha, Julio Vainer, Laíse Chaves, Lara Oliveira Lopes Guedes, Laura Laganá, Leandro Alves de Oliveira, Lela Queiroz, Lele, Leonardo Ricco Medeiros, Leticia Rolim Abadia, Livia Ribeiro, Lucas Dias, Luciana da Graça Resende, Lucília Guerra, Luis Reis, Luiza Guariba, Marcelo Carneiro de Freitas, Marcílio, Marcio Paulo Cenci, Marcos Sorrentino, Marco Vale, Maria Luisa Bonazzi Palmieri, Mariana Belmont, Marta Rodrigues, Mariana Fix, Mariana Zagatti, Marília Pimenta, Mateus Gomes, Mauro Guilherme Maidana Capelari, Midian Garcia, Mônica Angélica, Natasha Keber, Nathalia Louzada, Nelma Arônia, Norlan Silva, Paloma Damiana Rosa Cruz, Paola de Marco, Patricia Fernandes Silva, Patrícia Iglecias, Patrícia Moraes, Paulo Celso Moura, Paulo Teixeira, Pedro Aguerre, Rafael Ferraz, Rafael Nogueira Costa, Rafaela Drey Costa, Renata Soares, Renata Weinberger de Carvalho Bermudes, Renato Aurélio Locilento, Renato Tavares Junior, Ricardo Antunes, Rita Aquino, Rita Silvana Santana dos Santos, Samara Carbone, Samir Suzart, Samuel Zanatta, Sâmia Batista, Shanti Marengo, Sheila Feio, Shirley Guimarães Araújo, Silvana Di Blasio, Sofia Araújo Alves, Sueli Bertolino, Tálita Floriano, Talita Lopes Honorato, Tatiana Cristina da Rocha, Thaís Lopes Monteiro, Thaís Ribeiro, Thaís Sevieri Chagas, Thaís Tartalha Do Nascimento Lombardi, Thalita Afonso Sampaio, Valquiria Monte Cassiano Rizzo, Valentina Gomes, Vera Lúcia, Vinicius Saraceni, Vivian da Silva Braz, Viviane Aparecida Rodrigues Silva, Wagner Rodrigo Silva, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira Martins, Will Parrinello, Wolney Honório Filho.

PARCERIAS





ECOfalante

A Ecofalante, Organização da Sociedade Civil (OSC), foi fundada em 2003 com o objetivo de criar e trabalhar em projetos que contribuíssem para o desenvolvimento sustentável do planeta por meio da cultura e educação. Dentro dessa proposta, nosso maior projeto é a **Mostra Ecofalante de Cinema**, um dos maiores festivais de cinema do Brasil e o mais importante evento cinematográfico sul-americano dedicado a temas socioambientais. O festival é o ponto de partida para itinerâncias por todo o país e para as atividades educacionais que acontecem ao longo do ano através do *Programa Ecofalante Universidades*, da plataforma de streaming educacional Ecofalante Play, de exposições com debates, workshops e atividades de formação em espaços educacionais e culturais. Os projetos são desenvolvidos por meio de uma rede de parcerias com instituições que atuam nas áreas de cultura, educação, meio ambiente e mídia.

Ecofalante, a Civil Society Organization (CSO), was founded in 2003. Its goal is to create and develop projects that can contribute to the sustainable development of the planet, through culture and education. In that scope, our main project is the **Ecofalante Environmental Film Festival**, one of Brazil's largest film festivals and South America's most important film event dedicated exclusively to socio-environmental issues. The Festival is the starting point for itinerant tours throughout the country and for the year-round educational activities of the *Ecofalante University Circuit*, the educational streaming platform Ecofalante Play, exhibitions with debates, workshops, and training activities in educational and cultural spaces. The projects are developed through a network of partnerships with institutions operating in the areas of culture, education, environment, and media.

www.ecofalante.org.br

 /mostraecofalante

 @mostraeco

 /ecofalante

 @mostraecofalante

Ministério da Cultura e Ecofalante apresentam

13^a MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA 2024



PATROCÍNIO

APOIO



PRODUÇÃO

CO-PRODUÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

